

Luciana Barbosa Arêas

**A redenção dos operários:
o Primeiro de Maio no Rio de Janeiro
durante a República Velha.**

Dissertação de Mestrado, apresentada
ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual
de Campinas, sob orientação do
Professor Doutor Claudio Henrique
de Moraes Batalha.

Este exemplar corresponde à redação final
da dissertação defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em:

26/03/1996.

Banca:


Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha

Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

Prof. Dr. Michael McDonald Hall

Profª Drª Maria Clementina Pereira da Cunha (suplente)

Março, 1996

UNIDADE	180
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	2315
	27516
	667196
	X
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	26/04/96
N.º CDS	CM.00087259-6

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Ar31r

Arêas, Luciana Barbosa

A redenção dos operários: o Primeiro de Maio no Rio de Janeiro durante a República Velha / Luciana Barbosa Arêas. -- Campinas, SP: [s.n.], 1996.

Orientador: Cláudio Henrique de Moraes Batalha.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Dia do trabalho - Rio de Janeiro (RJ). 2. Movimento operário - Rio de Janeiro (RJ). 3. Brasil - História - República Velha, 1889-1930. I. Batalha, Cláudio Henrique de Moraes. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Luciana Barbosa Arêas

**A redenção dos operários:
o Primeiro de Maio no Rio de Janeiro
durante a República Velha.**

CAMPINAS

1996

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que me ajudaram a chegar ao fim deste caminho.

E também a Bruno, Isabella, Gabriel, Rafael, Diego e Regina, meus sobrinhos, que com seu carinho e alegria renovam minhas esperanças em um futuro melhor.

Resumo

Esta Dissertação tem por objetivo analisar a influência das comemorações do Primeiro de Maio, durante a República Velha, na formação de uma consciência de classe entre setores da classe operária do Rio de Janeiro. O estudo desta formação toma por base os conceitos de E. P. Thompson, ou seja, leva em consideração não apenas os determinantes objetivos do surgimento de uma classe, mas também sua experiência histórica e sua cultura.

Agradecimentos

Uma Dissertação é, ao mesmo tempo, um trabalho solitário e coletivo. Espero, portanto, não esquecer de nenhuma pessoa ou instituição que tenha me auxiliado nesta tarefa.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à CAPES pela bolsa de pesquisa que possibilitou a realização deste trabalho. Agradeço também aos funcionários da Biblioteca Nacional e do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro pela atenção. A Evelise, do Centro de Memória, agradeço o empréstimo de microfilmes e aos funcionários do Arquivo do Estado o acesso aos documentos da Delegacia de Segurança Social.

No curso de graduação da Universidade Federal Fluminense vários professores contribuíram para a minha formação, mas devo agradecer a dois em particular. A Guilherme Pereira das Neves por ter me oferecido o trabalho como bolsista, que foi fundamental para a minha formação como pesquisadora, e pela compreensão demonstrada em vários momentos. A Gladys Sabina Ribeiro por todo o incentivo e amizade durante a fase de elaboração do projeto e, principalmente, pelo “empurrão” dado em um momento de indecisão.

Agradeço aos professores da UNICAMP que através de

discussões e observações, nos cursos e na linha de pesquisa, contribuíram para este trabalho, e especialmente a Michael Hall e Maria Clementina Cunha por terem lido meu projeto de pesquisa.

A Claudio Batalha agradeço a paciência e a atenção demonstradas durante o período de construção da Dissertação. Suas observações muitas vezes abriram novos caminhos, novas possibilidades dentro do trabalho e também apontaram a melhor direção a ser seguida.

Um “muito obrigado” especial a todos os amigos da UFF, com os quais compartilhei os melhores anos da minha vida, e principalmente aos que até hoje compõem o meu círculo de amizades: William, Carla, Claudio, Úrsula e Dayse. Agradeço a meu grande amigo Sergio todo o apoio e lealdade nestes anos todos, as palavras de incentivo nos momentos difíceis e a companhia (quase) sempre divertida e agradável. A Patrícia agradeço a amizade e a “torcida” para que tudo desse certo.

Agradeço aos amigos do Mestrado, como Aldrin e Sílvia, pelo companheirismo e pela ajuda. A Denilson pela companhia nas viagens semanais para Campinas e pela amizade demonstrada em vários momentos. A Albertina por ter me recebido de braços abertos em sua casa, durante o ano de créditos, e por ter se tornado uma grande amiga, com quem repartiu dificuldades e alegrias.

Um agradecimento especial a toda a minha família, pelo apoio, e principalmente pela paciência, nestes anos. Principalmente a meu pai por ter ido me apanhar tantas vezes de madrugada na Rodoviária e a minha mãe pela infra-estrutura que permitiu que eu trabalhasse com tranquilidade.

Agradecer a Ricardo todas as coisas boas destes cinco anos de relacionamento seria impossível em poucas linhas. Basta dizer que ele se tornou uma das pessoas fundamentais em minha vida. Seu carinho, sua

compreensão e seu amor me forneceram a sustentação necessária para que eu pudesse concluir este trabalho. Sua amizade e seu incentivo me ajudaram a atravessar os momentos difíceis, estando também sempre lá para repartir os felizes. Enfim, um agradecimento muito, muito especial a uma pessoa também especial.

Sumário

Resumo	Pág. IV
Agradecimentos	Pág. V
Introdução	Pág. 01
Capítulo 1: A organização dos trabalhadores	Pág. 10
O surgimento das associações e sindicatos	Pág. 10
As atividades culturais	Pág. 23
A imprensa operária	Pág. 37
Os deveres dos operários	Pág. 41
A falta de união entre o operariado	Pág. 45
Capítulo 2: Os rituais do 1º de Maio	Pág. 49
O surgimento do Primeiro de Maio	Pág. 49
As comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro	Pág. 55
“Vem, ó Maio, saúdam-te os povos, ...”	Pág. 89
Capítulo 3: As interpretações do 1º de Maio	Pág. 97
A lembrança dos mártires	Pág. 100
A conquista da jornada de oito horas de trabalho	Pág. 106
A festa do trabalho	Pág. 111
A forma de comemoração do 1º de Maio	Pág. 121
O dia da grande revolução social	Pág. 128
O despertar da consciência de classe	Pág. 131
Conclusão	Pág. 145
Fontes e Bibliografia	Pág. 148

Introdução

O processo de industrialização brasileira, que ganha força no período da República Velha, ligou-se a uma série de transformações cujo eixo foi a expansão da economia cafeeira. As estradas de ferro e os bancos são exemplos desse processo, bem como a necessidade do uso de trabalhadores assalariados.

A industrialização crescente nos principais centros urbanos levou ao surgimento de uma significativa e heterogênea classe operária. Esta apresentava-se como um quadro variado, tanto étnico-culturalmente quanto politicamente. Tão diferentes entre si, os operários, contudo, passavam por experiências em comum, como as péssimas condições de trabalho presentes em vários setores, que os levavam a se verem como um grupo social definido, como uma classe. E era enquanto classe que eles lutavam por melhores condições de vida e por mais direitos.

Este contexto histórico de tantas e profundas transformações apresenta várias questões que nos interessa explorar. Entender a formação da classe operária brasileira é preocupar-se com os elementos que constituíram a sua identidade.

A luta diária desses trabalhadores pela sobrevivência

representava um elemento contraditório. Ao mesmo tempo que a competição por um lugar no mercado de trabalho acirrava as divisões internas da classe, esta também se transformava na construção de redes de solidariedade e ajuda mútua, que buscavam garantir a existência de todos. Além disso, havia ocasiões onde os trabalhadores poderiam se reunir. O teatro, a música, e as festas faziam parte do cotidiano destas pessoas. Eventos como a Festa da Penha, de São Sebastião, as festas juninas, o Carnaval e o 1º de Maio representavam oportunidades de diversão e de confraternização para o operariado. O principal objetivo de nossa pesquisa foi, portanto, analisar de que forma a mais importante data comemorativa dos trabalhadores, o 1º de Maio, contribuiu para a formação de uma consciência de classe entre diversos setores do operariado carioca.

As comemorações do “dia do trabalho” constituíam ocasiões em que a classe operária demonstrava sua força e sua importância para a sociedade. Até mesmo os operários que normalmente não participavam das atividades de suas associações e sindicatos muitas vezes compareciam às comemorações.

Escolhemos a cidade do Rio de Janeiro como o espaço da pesquisa por ela ter sido o maior centro industrial do Brasil até 1920, quando foi superada pelo Estado de São Paulo.¹ Sua influência sobre outras áreas do país não se restringia, porém, ao aspecto econômico. A capital federal também era um centro importante do movimento operário, servindo muitas vezes como modelo para outras cidades.

O período de 1890 a 1930 foi escolhido por nós por marcar os primeiros momentos de uma formação operária no Brasil. Iniciamos nossa

¹ - Sérgio Silva. Expansão cafeeira e industrialização no Brasil. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, pág. 79.

análise em 1890 porque este é o ano em que foi realizada pela primeira vez a comemoração internacional do 1º de Maio. Podemos dizer que foi o ano do seu nascimento dentro do movimento operário. Nosso limite cronológico fecha-se em 1930, pois consideramos este um momento de ruptura do processo histórico da República Velha. Trata-se do início de uma nova fase nas transformações da estrutura social brasileira, onde a “questão social” é assumida pelo Estado e o operariado conhece novas formas de controle. O 1º de Maio é transformado em “data nacional” pelo Estado, que passa a monopolizar em suas mãos as comemorações.

Também é importante ressaltarmos que consideramos como operariado não apenas os trabalhadores fabris. Na concepção prevalecente no período, eram incluídos na classe operária os trabalhadores das oficinas, os empregados do comércio, dos transportes e dos vários ramos de atividade do porto, além de prestadores de serviço como barbeiros e cabeleireiros.

A análise das comemorações do Primeiro de Maio é um tema ainda pouco explorado na historiografia brasileira que trata do movimento operário. Para se ter uma idéia, existem somente dois trabalhos que englobam a totalidade do país. Um deles é o livro de José Luiz Del Roio, 1º de Maio.² Neste livro, bastante informativo e contando com material iconográfico, o autor busca analisar o desenvolvimento das comemorações do 1º de Maio entre 1890 e 1945. Além disso, dedica espaço à história da luta pela jornada de trabalho de oito horas em todo o mundo e, especialmente, nos Estados Unidos, luta esta que possui íntima relação com o surgimento do 1º de Maio. Entretanto, o engajamento do autor em relação às idéias defendidas pelos operários prejudica, em alguns momentos, a sua

² - José Luiz Del Roio. 1º de Maio. São Paulo, Global, 1986.

análise. Del Roio mostra-se mais preocupado em exaltar as “grandes ações” do movimento operário no Brasil, e principalmente as que tinham como objetivo atacar as “maquiavélicas” classes dominantes.

O outro trabalho é o artigo de Claudio Batalha “La fête internationale du 1^{er} Mai au Brésil (1891-1930): symboles et rituels”.³ Neste artigo o autor, dentre outras coisas, procura demonstrar a forte ligação que o 1º de Maio teve, no Brasil, com a religiosidade popular. Isto pode ser percebido, por exemplo, nas semelhanças existentes entre a organização dos desfiles operários e a estrutura das procissões do século XIX. Batalha também analisa as divergências entre as várias correntes do movimento operário quanto à interpretação da data. Contudo, devido aos limites impostos pelo espaço de um artigo, estas questões não são trabalhadas de forma muito extensa.

A maior parte, portanto, dos estudos sobre o 1º de Maio circunscrevem sua análise a uma cidade ou região.⁴ O único trabalho que trata exclusivamente da cidade do Rio de Janeiro, e que representou uma importante fonte de informações para a nossa pesquisa, é a Dissertação de Mestrado de Bernardo Kocher.⁵ O objetivo do autor, neste trabalho, é

³ - Claudio Batalha. “La fête internationale du 1^{er} Mai au Brésil (1891-1930): symboles et rituels”. Madeleine Reberieux (org.). Fourniers et les Premiers Mai. Paris, Ed. de l’Atelier, 1994.

⁴ - Dentre estes podemos citar: Alcina de Lara Cardoso e Silvia Pereira de Araújo. 1º de Maio: Cem anos de solidariedade e luta. Curitiba, Beija Flor, 1986; Ademir Médici e Suely Pinheiro. 1º de Maio e os principais momentos da luta sindical em São Bernardo: 1902-1990. São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes/Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 1990; e PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO/SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. 1890-1990. Cem vezes Primeiro de Maio. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, 1990.

⁵ - Bernardo Kocher. Luto-luta - O Primeiro de Maio no Rio de Janeiro: 1890-1940. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Fluminense, 1987. “Mártires de Chicago” era o

compreender o sentido das manifestações do 1º de Maio segundo o eixo da construção de uma ordem burguesa na formação econômico-social brasileira. Assim, temas como os conflitos entre o capital e o trabalho e o processo de valorização social do trabalhador ganham destaque.

Contudo, o trabalho de Kocher apresenta, a nosso ver, um pequeno problema. Para ele o Primeiro de Maio possuía um duplo significado: “(...) LUTO, pelo repúdio à opressão e à injustiça, através do sacrifício dos ‘mártires de Chicago’; é um dia de LUTA, fundamentalmente pela conquista da jornada de trabalho de oito horas diárias.”⁶ Em sua análise o autor acaba por reduzir a esses paradigmas todas as manifestações do operariado relacionadas à data, quando justamente, segundo o nosso ponto de vista, o caráter heterogêneo e múltiplo das interpretações e das formas de comemoração do 1º de Maio constitui seu aspecto mais significativo. A utilização desses paradigmas pelo autor retira boa parte da riqueza da história do “dia do trabalho”.

O Primeiro de Maio é tratado ainda, mas de forma pouco extensa, em vários trabalhos sobre a classe operária e a industrialização no Brasil.⁷ Assim, a história desta data não foi, até o momento, um objeto de

nome dado pelos militantes operários aos operários condenados à morte em Chicago, Estados Unidos, como sentença do julgamento pelo “assassinato” de seis policiais durante as manifestações na praça de Haymarket em 1886. Este fato deu origem, posteriormente às comemorações internacionais do 1º de Maio. Para maiores detalhes ver o Capítulo 2 desta Dissertação.

⁶ - Idem, pág. 23.

⁷ - Podemos citar, por exemplo, Michael M. Hall e Paulo Sérgio Pinheiro. A classe operária no Brasil. São Paulo, Alfa-Ômega, 1979; Edgar Rodrigues. Alvorada operária. Rio de Janeiro, Ed. Mundo Livre, 1979; Boris Fausto. Trabalho urbano e conflito social. São Paulo, DIFEL, 1986; Edgard Carone. Movimento operário no Brasil (1877-1944). São Paulo, DIFEL, 1979; Boris Koval, História do proletariado brasileiro, 1857 a 1967. São Paulo, Alfa-Ômega, 1982; Francisco Foot Hardman. Nem pátria, nem patrão. São Paulo, Brasiliense, 1983 e Maria Ines Turazzi. A

estudo muito explorado pela historiografia do movimento operário. Neste sentido, acreditamos que esta Dissertação representa uma contribuição para essa história.

Foram fundamentais para nossa análise alguns conceitos teóricos do historiador inglês E. P. Thompson, como os de “classe” e “consciência de classe”. Para este autor, a classe é derivada da observação do processo social no decorrer de um espaço de tempo, ou seja, é uma categoria histórica. A classe surge quando um grupo de pessoas, como resultado de uma série de experiências comuns, identificam interesses comuns contra outro grupo de pessoas cujos interesses lhe são opostos. No processo de luta contra esse grupo antagônico em defesa de seus interesses próprios, essas pessoas se descobrem como classe e chegam a conhecer esse acontecimento como consciência de classe.

“A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe.”⁸

A classe e a consciência de classe são sempre as últimas fases do processo histórico. A classe define a si mesma em seu efetivo acontecer.⁹

euforia do progresso e a imposição da ordem: a engenharia, a indústria e a organização do trabalho na virada do século XIX ao XX. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ; São Paulo: Marco Zero, 1989.

⁸ - Thompson, A formação da classe operária inglesa, vol. 1, p. 10.

⁹ - E. P. Thompson. “Lucha de clases sin clases?”. In: Tradición, revuelta y consciencia de clase. Barcelona, Editorial Crítica, 1989.

Thompson alerta, porém, que a formação de classes não é independente de determinantes objetivos oriundos das relações de produção, e que não se pode definir a classe simplesmente como uma formação cultural.

Thompson critica os autores marxistas que utilizam um modelo estático de relações de produção capitalistas, derivando disto um modelo também estático de classe social. Em Althusser, segundo Thompson, as classes são categorias estáticas que só podem ser compreendidas dentro de uma totalidade estrutural profundamente teorizada, não havendo espaço para a experiência histórica das classes. Acreditamos, tomando por base os escritos thompsonianos, que a definição mais apropriada de classe deve levar em consideração não apenas suas condições materiais de vida, mas também sua cultura, sua experiência e suas opiniões.

Outro conceito que nos foi bastante válido foi o de “tradição inventada”, descrito por Eric Hobsbawm na Introdução do livro A Invenção das Tradições.¹⁰

“Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.”¹¹

¹⁰ - Eric Hobsbawm e Terence Ranger (org.). A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

¹¹ - Idem. pág. 09.

Como será visto mais tarde, o 1º de Maio foi uma data de protesto criada no final do século passado pelo movimento operário internacional. Desde o início, as manifestações realizadas envolviam uma série de elementos rituais e simbólicos que procuravam transmitir aos trabalhadores que delas participavam o sentimento de pertencerem a um mesmo grupo, a uma mesma classe. Assim, ainda de acordo com Hobsbawm, o 1º de Maio pode ser considerado uma “tradição inventada”.¹²

Para o caso do Brasil estes argumentos também mostram-se pertinentes. O 1º de Maio teve como seus principais promotores, desde as primeiras manifestações, os militantes operários. Foi no decorrer dos anos que a classe como um todo incorporou a data ao seu calendário de comemorações. A nova “tradição” transformou-se então em uma oportunidade anual para a divulgação de idéias e para a afirmação da identidade operária. Desta maneira, o conceito de “tradição inventada” pode ser utilizado na análise do 1º de Maio no Brasil, bem como no Rio de Janeiro, durante a República Velha.

Esta Dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro analisaremos o surgimento das associações e sindicatos operários, o papel reservado a estes pelos militantes e o grau de sindicalização de algumas categorias profissionais. Dedicaremos espaço também às atividades culturais promovidas pelas associações e à imprensa operária. Como

¹² - Eric Hobsbawm. “A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914.” Eric Hobsbawm e Terence Ranger (org.). A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, págs. 291-294.

contraposição a estas demonstrações de organização por parte dos trabalhadores, mostraremos como os militantes muitas vezes encontravam-se insatisfeitos com os rumos tomados pela sua classe.

Iniciaremos o segundo capítulo explicando o surgimento do 1º de Maio. A seguir, trataremos das comemorações desta data no Rio de Janeiro, ou seja, quais as mudanças e as permanências que podem ser percebidas ao longo das décadas. Além disso, analisaremos a simbologia presente nos poemas, hinos e peças teatrais relacionados com o “dia do trabalho”.

No terceiro capítulo abordaremos as várias interpretações do 1º de Maio elaboradas pelos operários, e também por outros grupos sociais. Estas interpretações muitas vezes influenciavam as formas de comemoração da data. Por fim, buscaremos demonstrar como o 1º de Maio influenciou a formação de uma consciência de classe entre setores da classe operária.

A organização dos trabalhadores

Os trabalhadores cariocas apresentavam-se, durante a República Velha, como um conjunto heterogêneo, tanto sob o ponto de vista étnico-cultural quanto sob o político. Na maior parte das vezes essa heterogeneidade prejudicou a construção de união e de solidariedade entre os trabalhadores, mas, mesmo assim, uma parcela destes conseguiu se organizar em torno de associações, sindicatos e partidos. Neste capítulo analisaremos o surgimento das associações e sindicatos operários, a participação dos trabalhadores nestes organismos, e sua opinião sobre os mesmos. Trataremos ainda das várias atividades culturais promovidas pelas associações, como as festas e as conferências, e do grande instrumento de propaganda da época, a imprensa operária. Por fim, buscaremos contrapor a este quadro da organização dos trabalhadores a visão negativa que muitos militantes operários tinham em relação ao grau de mobilização da classe.

I - O surgimento das associações e sindicatos

Segundo Claudio Batalha¹, uma das primeiras formas de associação de trabalhadores desenvolvida no Brasil foi a das sociedades de auxílios mútuos. As primeiras sociedades surgiram ainda durante o Império, mas o grande impulso de criação ocorreu nas duas últimas décadas do século XIX, principalmente devido ao processo de industrialização que se desenvolveu neste período. De modo geral as sociedades seguiam o modelo europeu de organização. O trabalhador que quisesse se associar pagava uma cota e a sociedade fornecia seguro contra doenças, contra acidentes de trabalho e contra desemprego, pensões de aposentadoria e uma ajuda pecuniária às famílias em caso de falecimento do associado. Um número significativo de associações era composta de trabalhadores de uma mesma categoria profissional.

No Rio de Janeiro as sociedades de auxílios mútuos conheceram um grande crescimento entre os anos de 1903 e 1912,² entrando em declínio no período entre 1912 e 1920. Esta queda foi provavelmente provocada pelo aumento do custo de vida, fato que impossibilitava o pagamento das cotas por parte dos associados. A maioria das sociedades acabaram depois por alargar suas funções, transformando-se, então, em associações de resistência. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a União Operária do Engenho de Dentro, composta na maior parte por ferroviários da Estrada de Ferro Central do Brasil, e com o Centro Cosmopolita, representante dos empregados em bares, restaurantes e hotéis.

A conjuntura econômica, social e política influenciava diretamente a organização das associações operárias. Nos momentos de

¹ - Claudio Batalha. Le syndicalisme "amarelo" à Rio de Janeiro (1906-1930), Tese de Doutorado em História, Université de Paris I, 1986, capítulo 3.

² - Idem, pág. 83.

mobilização da classe, como as greves, e de realização de congressos operários surgiam várias associações. Por outro lado, seu número declinava nos períodos de crise econômica, de repressão policial e de derrotas sofridas pelo movimento operário.³ Geralmente as associações de resistência distinguiam-se das sociedades de auxílios mútuos pela inclusão, em seus objetivos, da defesa de reivindicações sobre questões consideradas econômicas, como os salários e as condições de trabalho. Em um artigo do jornal O Graphico a luta pelos direitos dos operários é colocada como a função primordial das associações de classe.

“O papel que os sindicatos operários representam na vida das nacionalidades é importantíssimo, e pode-se estabelecer como regra que quantos mais sindicatos uma nação possui mais respeitados são os direitos do povo e melhor organizados são os serviços públicos.

Na verdade a associação de classe é o instrumento por excelência da soberania popular. Por meio delas as massas proletárias impõem aos governos burgueses, representantes diretos do capitalismo, a sua vontade, obrigando-os a decretar reformas tendentes a melhorar as condições econômicas e morais dos que trabalham.”⁴

Outras atividades exercidas pelas associações e sindicatos eram a educação, através da instalação de cursos, da promoção de conferências e da publicação de jornais, a assistência jurídica aos associados presos ou com problemas com a polícia, e a bolsa de trabalho. Esta última consistia na

³ - Batalha, *Op. cit.*, págs. 86-89.

⁴ - O Graphico, 16/03/1917.

contratação, por parte das empresas, de pessoas desempregadas indicadas pelos sindicatos. Em alguns jornais, como por exemplo o Voz Cosmopolita na década de 1920, eram publicadas regularmente listas com os nomes dos associados que encontravam-se desempregados e também dos que conseguiram trabalho através da bolsa. Ao mesmo tempo, os editores dos jornais pediam para que os associados avisassem os diretores de seu sindicato quando surgisse alguma vaga em seu local de trabalho e denunciassem os companheiros que estivessem acumulando dois empregos. Segundo Claudio Batalha, a bolsa de trabalho era a atividade mais difícil de ser posta em prática, principalmente porque a maioria dos patrões não reconhecia a legitimidade dos sindicatos. Ela só demonstrou ser eficiente nos casos em que os sindicatos impuseram aos patrões a contratação exclusiva de trabalhadores sindicalizados.⁵

Contudo, existiam atividades das associações que eram objeto de profundas controvérsias entre as diversas correntes do movimento operário. Este foi o caso das cooperativas de produção e de consumo. Nas primeiras o sindicato oferecia aos seus associados os meios materiais para eles trabalharem por conta própria, através principalmente da instalação de oficinas coletivas. Já nas cooperativas de consumo eram vendidos produtos alimentícios a preços mais baixos do que os cobrados nas feiras e quitandas. A proposta da Associação Gráfica do Rio de Janeiro para a fundação de uma oficina destinada a imprimir O Graphico constitui um exemplo de cooperativa de produção.

“A oficina social, tal como vai ser montada, é uma

⁵ - Batalha, *Op. cit.*, pág. 99.

economia para a associação e com os proventos que dela tirarmos podemos fundar a escola profissional, não só para os aprendizes, mas também para aqueles que se queiram aperfeiçoar, aprendendo os novos métodos de trabalho, implantados, ultimamente, nas artes gráficas.

Dentro em pouco, com o auxílio de todos, na nossa sede social se ensinará tudo que concerne às artes do livro, desde a tipografia à litografia, porque estou certo que todos os gráficos se unirão para concorrer com o seu esforço moral e material, para avolumar a quantia de 5:000\$ com que se vai iniciar a instalação da pequena oficina social.”⁶

Para os anarquistas e sindicalistas-revolucionários, qualquer forma de cooperativismo deveria ser evitada, pois sua implantação criaria uma camada privilegiada entre o operariado. Já os “amarelos”⁷ e os comunistas defendiam a criação das cooperativas.

A outra atividade polêmica das associações era justamente a mais importante, ou seja, a beneficência. Geralmente os associados contavam com os mesmos serviços que eram oferecidos pelas antigas sociedades de auxílios mútuos, como pensões de aposentadoria, ajuda às famílias em caso

⁶ - O Graphico, 16/12/1917. O artigo é de Alfredo Freitas. A Associação logo depois ganhou do Conselho Municipal três contos de réis para manter a Escola Profissional (O Graphico, 01/01/1918).

⁷ - “Amarelos” era a denominação dada na época para o reformismo operário, que pode ser entendido como um conjunto de correntes ideológicas que sustentam práticas sindicais semelhantes, dentre as quais, por exemplo, a busca de consolidação das conquistas trabalhistas através de leis, a eleição de candidatos operários, a procura de apoio de políticos e autoridades nas campanhas por melhorias e a defesa de sindicatos ricos e fortes. Claudio Batalha. “Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República.” Ciências Sociais Hoje, 1990. São Paulo, Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990, pág. 120. Para maiores detalhes ver, do mesmo autor, citada na nota 1 deste capítulo.

de falecimento, seguro contra doenças, etc. Muitos militantes anarquistas e sindicalistas-revolucionários consideravam que as associações operárias deveriam possuir um caráter de resistência, de luta por melhorias para a classe. As atividades beneficentes apenas “desviavam” a atenção e a energia das associações de seus verdadeiros objetivos. O texto da resolução do 1º Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1906, sobre o assunto é bastante claro: “estas obras secundárias, embora trazendo ao Sindicato grande número de aderentes, (...) servem muitas vezes para embaraçar a ação da sociedade, que falta inteiramente ao fim para que fora constituída a resistência.”⁸ Os Congressos seguintes, realizados em 1913 e 1920, reafirmaram as decisões tomadas em 1906.⁹ O caráter beneficente de muitas associações era constantemente criticado na imprensa anarquista.

“Há bastante tempo que existem associações operárias no Brasil, mas essas associações não têm correspondido aos seus fins, como era de esperar. Ainda hoje, apesar de haver uma corrente evolutiva bastante acentuada, muitas associações conservam o caráter primitivo de beneficência, o que, evidentemente, absorve as energias que deveriam ser empregadas na resistência e desenvolvimento da organização.

É sabido que uma agremiação de trabalhadores, que trate de beneficência, requer uma comissão de sindicância, corpo médico, jurídico e outras ramificações burocráticas que poucos ou nenhum benefício poderá trazer aos seus componentes. Ninguém poderá contestar que o trabalhador necessita de auxílio, quando vítima de acidente de trabalho, doença ou impossibilidade de produzir, mas esse auxílio

⁸ - Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro. *Apud* Edgar Rodrigues. Alvorada operária. Rio de Janeiro, Ed. Mundo Livre, 1979, pág. 102.

⁹ - Resoluções do 2º e do 3º Congressos Operários Brasileiros. *Idem*, págs. 129 e 169.

deve ser arrancado do patronato e não das migalhas dos proletários.”¹⁰

Já os reformistas consideravam a beneficência necessária para os sindicatos porque garantia uma fonte certa de recursos, através da sindicalização de um grande número de operários,¹¹ e sindicatos ricos e fortes teriam muito mais condições de conseguir do governo as melhorias almejadas pela classe operária. Na década de 1920, os comunistas também defendiam as atividades de beneficência exercidas pelos sindicatos.

Apesar de todas as críticas feitas pelos anarquistas e sindicalistas-revolucionários, a beneficência desenvolveu-se em todo o período por nós estudado. Associações que se encontravam em diferentes campos ideológicos, inclusive no sindicalismo revolucionário, organizavam atividades beneficentes. A maioria das associações que ofereciam este tipo de serviço apresentavam uma maior estabilidade, como a dos marmoristas, sindicalista revolucionária, e a dos cocheiros e carroceiros, reformista. Elas conseguiam atravessar até mesmo períodos de crise econômica, durante os quais manter as associações abertas tornava-se uma tarefa extremamente difícil.

O caráter beneficente das associações e sindicatos permaneceu muito constante até o final do período. Isto pode ser percebido através dos Estatutos do Centro Cosmopolita aprovados em 1926. Dentre os objetivos da associação, que naquele momento encontrava-se sob a influência dos comunistas, estão incluídos os mesmos serviços oferecidos pelas antigas sociedades de auxílios mútuos, e que depois foram assumidos pelas

¹⁰ - *Spartacus*, 09/08/1919. Autor do artigo é Antonio Fernandes.

¹¹ - Claudio Batalha. *Le syndicalisme “amarelo”...*, *Op. cit.*, pág. 97.

organizações de resistência. É interessante notar como o papel beneficente passa a primeiro plano nos Estatutos depois da vitória do grupo reformista em julho de 1929. Nos Estatutos de 1926 são colocados como os dois primeiros objetivos da associação “promover a elevação moral, intelectual e econômica de seus associados” e “melhorar as condições de trabalho de seus associados, em todos os sentidos.” Já nos Estatutos aprovados em 1930 são colocados “prestar aos seus sócios serviços médicos, cirúrgicos, dentários, farmacêuticos e hospitalares” e “auxiliá-los pecuniariamente quando, por motivo de moléstia ou invalidez, deixarem de trabalhar.”¹² Apesar dos comunistas defenderem as atividades beneficentes das associações, isto não quer dizer que eles as colocassem como seus objetivos principais. Para eles acima de tudo vinha a luta pelos direitos do operariado, a resistência. A concepção dos reformistas é diferente. A resistência poderia ser realizada com maior êxito se as associações fossem fortes, e a sua força vinha exatamente do número de associados que possuísem.

Segundo Claudio Batalha, o quadro da organização sindical no Rio de Janeiro apresentava basicamente três formas: o sindicato por ofício, por localidade ou por indústria (ou ramo de atividade).¹³ Durante muito tempo, o sindicato por ofício foi considerado pelos socialistas e pelos libertários o tipo ideal de sindicato. As primeiras organizações sindicais da

¹² - Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Documentos da Delegacia Especial de Segurança Política e Social, caixa 01. Um ofício do 4º Delegado Auxiliar de 1º de junho de 1929 remetido ao Chefe de Polícia do Distrito Federal dava como certa a vitória do “grupo conservador” nas eleições para a nova diretoria em 15 de julho do mesmo ano. Apesar da grande resistência dos comunistas, os reformistas realmente ganharam a eleição. Os comunistas continuaram sua campanha de oposição através do jornal Voz Cosmopolita, enquanto que a nova diretoria passava a editar uma revista, de bom acabamento e com muitas fotos, chamada O Cosmopolita.

¹³ - Claudio Batalha. Le syndicalisme “amarelo”..., *Op. cit.*, pág. 144.

cidade seguiram esse modelo. Contudo, o sindicato por ofício acabava organizando apenas os trabalhadores que exerciam uma atividade bem precisa, que são, na maior parte dos casos, trabalhadores qualificados.

Já o sindicato por localidade abrangia várias categorias profissionais, pois seu objetivo era reunir os trabalhadores que morassem ou trabalhassem em sua área de atuação, que era geralmente um bairro. Os primeiros sindicatos por localidade surgiram ainda no século XIX e alguns destes, como a União Operária do Engenho de Dentro, conseguiram sobreviver até as primeiras décadas do nosso século.

Os sindicatos por indústria ou ramo de atividade surgiram apenas a partir do início do século, obtendo um desenvolvimento mais rápido na década de 1920. Este tipo de sindicato era defendido principalmente pelos comunistas, que acreditavam que ele era o primeiro passo em direção a uma organização geral que reunisse todos os trabalhadores da cidade e, posteriormente, do Brasil.

Entretanto, o grande ideal da unificação de todos os trabalhadores brasileiros em uma grande organização sindical nunca conseguiu ser posto em prática. Durante o período da República Velha foram criadas várias confederações nacionais de ofícios ou ramos de atividade, mas na realidade elas raramente conseguiram alargar seu raio de ação para além da área do Rio de Janeiro e de São Paulo. Esta também foi a principal limitação das quatro centrais sindicais que surgiram no período: a Confederação Operária Brasileira, fundada em 1908 pelos anarquistas e sindicalistas-revolucionários; a Confederação Brasileira do Trabalho e a Confederação Sindicalista-Cooperativista Brasileira, criadas em 1912 e 1920 por militantes reformistas; e a Confederação Geral do Trabalho,

formada em 1929 pelos comunistas.¹⁴ A necessidade de serem reunidas as inúmeras associações operárias em uma confederação era reconhecida pelas diversas correntes do movimento operário.

“As associações que entre si não estão ligadas por um laço forte de unificação, de solidariedade, e de defesa, lutarão com mais dificuldades para romper as imposições providas do patronato ligado fortemente entre forte muralha de solidariedade.

(...)

Unam-se essas associações para o fim que a questão social indica, pois, isoladas perder-se-ão nas noites dos tempos.”¹⁵

Já em um editorial do jornal de influência comunista A Nação, a Confederação Geral do Trabalho é considerada “o grande baluarte da redenção do trabalhador nacional.”¹⁶

As Federações de âmbito local surgidas no Rio de Janeiro geralmente uniam os sindicatos partidários de uma mesma corrente ideológica. Este foi o caso, por exemplo, da Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), criada em 1906 logo após o 1º Congresso Operário Brasileiro. Ela reunia os libertários e foi a organização mais importante do período. Os sindicatos comunistas organizaram-se em torno da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, fundada em 1923, e da Federação

¹⁴ - Idem, pág. 152-153.

¹⁵ - O Eco do Mar, 27/11/1909. O artigo é de Hermes de Olinda, gráfico ligado à corrente reformista.

¹⁶ - A Nação, 15/01/1927.

Sindical Regional, em 1927.¹⁷

Dentre as inúmeras sociedades de beneficência e associações fundadas na cidade algumas homenageavam diretamente a data de 1º de Maio, como o Centro Comemorativo 1º de Maio. Em seus estatutos são colocados como objetivos principais da associação, auxiliar no funeral dos associados, criar uma escola noturna e uma biblioteca e comemorar todos os anos o 1º de Maio.¹⁸ Já outra associação, a Sociedade União Beneficente 1º de Maio, ganhou este nome “por ter estabelecido como um dos seus fins promover a perfeita união de seus associados e haver sido fundada em 1º de Maio, data consagrada à comemoração anual do trabalho.”¹⁹ Não apenas associações possuíam nomes alusivos ao 1º de Maio, mas também grupos de teatro, jornais operários e times de futebol. Este fato indica como as comemorações do dia do trabalho obtiveram uma boa repercussão entre os trabalhadores cariocas, tornando-se, aos poucos, parte integrante da cultura destes últimos.

Resta-nos agora analisar uma questão complexa: a representatividade das associações e sindicatos cariocas em relação à classe operária. Ou seja, em que medida as organizações sindicais realmente reuniam, em torno de si, uma parcela significativa de uma determinada categoria profissional. A resposta a esta questão deve levar em conta alguns fatores. Em primeiro lugar, a escassez de dados sobre o número de trabalhadores sindicalizados. Algumas informações podem ser obtidas de forma esporádica na imprensa operária, mas praticamente não existe um tipo

¹⁷ - Claudio Batalha. Le syndicalisme “amarelo”..., *Op. cit.*, pág. 150.

¹⁸ - [PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL]. Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro. História e Estatística. Rio de Janeiro, Typ. do Anuario do Brasil, 1922, pág. 210.

¹⁹ - Idem, pág. 411.

de fonte específica sobre esses dados que compreenda um período relativamente longo de anos e um grande número de associações. Uma das raras fontes sobre o assunto é o livro Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro, editado pela Prefeitura do Distrito Federal em 1922.²⁰ Ele contém dados estatísticos e um pequeno resumo sobre a história de várias instituições de beneficência, de caridade e associações operárias. Contudo, os dados sobre o número de associados em cada organização só abrangem o período entre 1912 e 1920. Além disso, são poucas as associações operárias tratadas e, dentre estas, algumas não trazem o número de seus associados.

Outro fator é que a maioria dos sindicatos não fazia um controle rigoroso das inscrições, provocando assim erros na contagem do número de associados. Apenas a partir de 1910 é que os sindicatos passaram a realizar uma revisão anual das inscrições. Deve ser levado em conta também, que nem todos os associados comportavam-se como militantes, ou seja, participavam ativamente de todas as atividades da organização. Geralmente o associado pagava as mensalidades mas comparecia poucas vezes às reuniões e às assembléias. Por outro lado, em ocasiões de grande mobilização, como as greves, ou de eventos especiais, como as festas, os sindicatos poderiam atingir um número bem maior de pessoas, não se restringindo aos associados.

Desta maneira, os dados sobre o grau de sindicalização apenas indicam a participação dos operários nas organizações. A falta de informações mais completas compromete a construção de um quadro seguro e confiável sobre a questão, principalmente se pretendermos analisar a classe operária como um todo. Assim, trataremos somente de algumas

²⁰ - [PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL]. Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro. História e Estatística, *Op. cit.*

categorias profissionais, cujos dados disponíveis possibilitam uma avaliação da representatividade sindical.

De acordo com Claudio Batalha²¹, o nível de sindicalização era extremamente variável, mudando de acordo com os ramos de atividade, o nível de qualificação dos trabalhadores, as características da mão-de-obra, etc. Os trabalhadores da indústria, por exemplo, estavam entre os de sindicalização mais baixa. Isto ocorria provavelmente por causa da introdução do sistema de fábrica, que, ao retirar de maneira rígida do operário o controle sobre o resultado da sua produção, dificultava a união dos trabalhadores. A União dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos provavelmente nunca conseguiu sindicalizar mais do que 20% de operários da categoria.²² Por outro lado, os trabalhadores do setor de transportes apresentavam uma taxa bastante desenvolvida, como os trabalhadores do porto e dos transportes marítimos, que em 1920 reuniram 70% de sua categoria nos seus sindicatos.²³

A maior parte das categorias somente conseguia atingir uma taxa de sindicalização alta nos momentos de grande mobilização. Foi o que ocorreu, por exemplo, com os gráficos. Em outubro de 1915 a Associação Gráfica do Rio de Janeiro contava com 600 associados, 10% do total da categoria. Dois anos depois, em plena agitação operária, o número pulara para 4.000 associados, 66,6% do total.²⁴ Nestas ocasiões os militantes enchiam-se de esperanças e tinham certeza de que a classe operária estava pronta para a grande revolução social que implantaria uma nova sociedade.

²¹ - Claudio Batalha. Le syndicalisme "amarelo"..., *Op. cit.*, pág. 128.

²² - Idem, pág. 134.

²³ - Idem, pág. 130.

²⁴ - Idem, pág. 135.

Contudo, mal passava a onda de intensa agitação e eles eram jogados de novo na realidade: a maioria dos operários cariocas não estava organizada em sindicatos e nem apresentava uma consciência de classe totalmente formada, principalmente considerando os parâmetros dos próprios militantes. A revolução teria que esperar ainda mais.

II - As atividades culturais

Além dos serviços de beneficência e das lutas pelos direitos do operariado, as associações e os sindicatos promoviam várias atividades sócio-culturais. Estas atividades na maior parte das vezes tinham lugar nas sedes das associações, mas, como será visto mais adiante, também poderiam ser realizadas em lugares públicos ou em clubes e teatros particulares. Através delas era criado um espaço de convivência entre os associados, favorecendo uma maior integração entre eles.

Uma destas atividades eram as festas operárias. Nestas freqüentemente procurava-se harmonizar a propaganda das idéias com o simples lazer dos associados. Isto pode ser percebido através da programação, onde geralmente constavam uma conferência por algum militante sobre questões do movimento operário, apresentação de uma ou mais peças teatrais, de preferência de algum autor também militante, e um baile “familiar”. Uma programação bastante completa e variada foi planejada pelo Grupo Dramático Cultura Social para a festa em benefício do jornal A Voz do Trabalhador:

“1ª parte - Conferência pelo Dr. Orlando Correia
Lopes.

2ª parte - Primeira representação do drama em 1 ato - *Triste Carnaval*, traduzido do italiano pelo companheiro Zenon de Almeida.

3ª parte - Intermédio variado.

4ª parte - Representação da comédia em 1 ato, de Zenon de Almeida, *Amores em Cristo*.

5ª parte - Baile familiar.

Como se vê, são dois proveitos num saco: auxilia-se o jornal e passa-se uma noite proveitosa e divertida.”²⁵

Era comum a realização de festivais para a arrecadação de fundos para auxiliar algum jornal, um companheiro enfermo ou mesmo alguma associação ou federação, como a festa realizada em 1916 pelos libertários “em benefício dos cofres” da Federação Operária do Rio de Janeiro.²⁶ No caso dos operários que encontravam-se doentes, a necessidade das festas para conseguir fundos nos mostra como muitas vezes as associações não possuíam recursos suficientes para amparar de forma satisfatória os seus associados. Essa limitação tornava-se ainda maior quando a doença exigia um tratamento prolongado ou mesmo em outro lugar, fora da cidade.²⁷

As datas importantes do movimento operário, como o 1º de Maio e os aniversários da Revolução Russa e do fuzilamento do anarquista espanhol Francisco Ferrer, também eram comemorados com festas. Entretanto, desde o início do século um dos eventos mais importantes era o aniversário da fundação da associação. Em algumas categorias não eram

²⁵ - A Voz do Trabalhador, 05/07/1914. No “intermédio variado” geralmente eram recitadas poesias por crianças e adolescentes, cantados hinos operários, como o *Hino do 1º de Maio*, e apresentados rápidos esquetes teatrais.

²⁶ - O Graphico, 15/08/1916.

²⁷ - Em 1928 o Centro Cosmopolita realizou um festival em benefício do associado Evaristo Fernandes Mariño, que precisava viajar para a Europa para tratar da tuberculose. Voz Cosmopolita, 01/09/1928.

medidos esforços para tornar a comemoração um grande acontecimento, como ocorreu em dezembro de 1899 no aniversário da Sociedade Cosmopolita Protetora dos Empregados de Padaria.

“(…) Às 10 horas já era grande o número de companheiros que afluíam à nossa sede social, sempre crescente, até que às 2 horas da tarde já era difícil o trânsito dos bondes pela rua da Alfândega. Àquela hora, que era a marcada para a nossa partida, chegou a banda de música do 3º batalhão de infantaria do corpo de polícia, que recebida entre calorosos vivas e exclamações de alegria formou na frente e em seguida nossos companheiros a quatro de fundo. Pôs-se em marcha o grande préstito.

Pelas ruas onde passou era grande a afluência de povo parando à rua do Gonçalves Dias, em frente ao Jornal do Brasil onde o nosso estandarte se achava.

(…)

Chegando ao largo de S. Francisco não pôde o préstito ser fotografado, conforme o nosso desejo, tal a aglomeração de povo, que festejava a primeira festa de empregados de padaria no Brasil.

Seguimos para o Casino Hespanhol onde tinha de ser realizada a nossa sessão solene.”²⁸

Os festivais eram ocasiões em que se aproveitava a reunião de um grande número de pessoas para fazer propaganda das idéias defendidas por determinada corrente e também debater os principais problemas que afligiam a classe operária. Por essas razões, a polícia freqüentemente observava com atenção a movimentação em torno dos festivais, chegando às vezes até a proibir sua realização. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o

²⁸ - O Panificador, 01/01/1900.

festival programado pela Liga Comunista Feminina em 1919 em benefício do jornal anarquista Spartacus. Mais de uma semana antes do dia marcado para o festival, a polícia procurou a diretoria do Centro Galego, onde seria realizada a festa, e responsabilizou-a pelo que podia acontecer durante o evento. Como consequência, o festival foi suspenso pelo Centro Galego.²⁹ Nos anos finais da década de 1930 praticamente todas as festas e conferências promovidas pelo Centro Cosmopolita contavam, em meio a seu público, com a presença de um ou de vários investigadores de polícia.³⁰

Segundo Francisco Foot Hardman³¹, a partir do final da I Guerra Mundial houve uma mudança nas festas operárias patrocinadas pelos sindicatos. Estes substituem as festas de propaganda realizadas nas sedes, nas quais o caráter doutrinário e educador era mais ressaltado, por festivais, piqueniques e excursões a lugares públicos, sempre ao ar livre. Estes “festivais-espetáculos”, como os denomina Hardman, incorporam em sua programação diversões mais populares, como atrações de circo e competições esportivas. Deste modo os sindicatos procuravam atingir um número maior de pessoas, com o fim de ampliar as adesões. Ainda segundo Hardman, havia uma crítica doutrinária dos anarquistas em relação aos bailes e ao futebol, mas estes acabaram sendo incluídos dentro do modelo de espetáculo assumido pelos festivais. As festas de propaganda estariam mais

²⁹ - Spartacus, 18/10 e 25/10/1919.

³⁰ - Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Documentos da Delegacia Especial de Segurança Política e Social, caixa 01. Entre os documentos encontram-se vários relatórios dos investigadores da delegacia relatando, às vezes de forma pormenorizada, como transcorreram festas, conferências e assembléias do Centro Cosmopolita. Acreditamos que a polícia também vigiava de perto as atividades de outras associações operárias.

³¹ - Francisco Foot Hardman, “Instituições da classe operária e cultura”. Nem pátria, nem patrão. São Paulo, Brasiliense, 1983, pág. 38.

de acordo com as determinações dos dirigentes, enquanto que a nova forma refletiria uma maior presença da classe operária.³² No Rio de Janeiro um exemplo de “festival-espetáculo” foi a festa promovida em 1920 pela União dos Operários da Construção Civil no Jardim Zoológico. A orquestra da associação tocou várias peças de seu repertório, enquanto eram realizadas atividades esportivas, como corridas de bicicletas e de obstáculos, jogo de futebol entre os times de Vila Isabel e da Mangueira e “jogo de pau”. Houve ainda uma conferência por parte de um membro do sindicato e uma apresentação teatral.³³

Para muitos militantes, principalmente os anarquistas, os novos elementos dos festivais só seriam válidos se estivessem subordinados à propaganda. Além disso, deveriam ser utilizados com precaução, para que a festa operária não acabasse se transformando em uma festa burguesa. Em vários momentos, no período por nós pesquisado, os militantes preocupam-se em marcar as diferenças existentes entre as suas festas e as “esbórnias” burguesas. Esta preocupação pode ser percebida, por exemplo, nos programas das festas, onde sempre é destacado que o baile é “familiar”. O comportamento regrado dos operários durante as suas festas, ou seja, sem bebedeiras, brigas ou atitudes “indecentes” demonstra como eles se diferenciam de seus inimigos.

“O que vem a ser um Festival?

Um festival em sentido genérico é um conjunto de coisas que constituem alguns momentos de alegria e prazer.

Mas em sentido operário um Festival, é muito mais do

³² - Hardman, *Op. cit.*, págs. 39 e 42.

³³ - *A Voz do Povo*, 13/09/1920.

que isso.

Para nós só há dois fins visados com o nosso, ou nossos festivais.

No 1º caso, neste agora, por exemplo, visamos auferir uma certa renda monetária que servirá para aumentar o formato do nosso semanário. Já vedes pois que é de grande utilidade o vosso comparecimento a esta solenidade.

Segundo, os nossos Festivais deverão antes de tudo tratarem-se de Reuniões íntimas. Nestas Reuniões deverá sempre observar-se a mais absoluta camaradagem, e a mais estreita afinidade de idéias.

Em nossos festivais deverá haver sempre a mais sincera e pura honestidade. Devemos diferenciar-nos dessas “bambuchatas carnavalescas” que só servem para denegrir e corromper a alma da mocidade operária.

Eis porque nós aconselhamos e pedimos mesmo aos freqüentadores dos nossos Festivais que se divirtam mas nunca se esquecendo, de que está-se dentro de um Festival Operário.

Devemos moralizar nossas reuniões, para que o burguês que por observação vem assistir aos nossos Festivais leve uma impressão diferente da que nós levamos dos deles.”³⁴

Todas as esferas da vida dos operários estariam envoltas em uma moral que, ao mesmo tempo, os fortaleceria contra os males da sociedade atual e os prepararia para a nova. De acordo com esta moral os operários deveriam evitar as festas burguesas, e isto incluía até as tradicionais festas populares. Principalmente o Carnaval era alvo de críticas, pois sua influência nefasta corromperia os operários. Em um artigo do jornal anarquista A Vida, o autor ironiza o fato de que os clubes carnavalescos estivessem sem dinheiro para desfilar no Carnaval: “Que se fechem as

³⁴ - O Barbeiro, 15/04/1926.

fábricas, as oficinas, os vários outros sítios onde o operário cava o pão de cada dia, vá, admite-se. (...) Mas abandonar à míngua os pobres clubes carnavalescos, não lhes prodigalizando os meios eficientes à preparação dos assombrosos préstitos... ah! isso é verdadeiramente demais!”. O autor afirma ainda que o governo, ao deixar de prestar ajuda aos clubes, esquecia-se do velho preceito romano do *panem et circenses*, ou seja, pão e circo para o povo distrair-se e não se rebelar.³⁵

As conferências constituíam outra forma de propaganda bastante utilizada pelas associações. Geralmente os conferencistas eram militantes ativos do movimento operário ou políticos ligados à classe, como o deputado Maurício de Lacerda, e seus temas giravam em torno de questões doutrinárias e de assuntos relativos ao movimento ou à conjuntura econômica e social. De acordo com Claudio Batalha³⁶, as conferências também podem ser consideradas como parte de um grande esforço de educação do operariado promovido pelas associações e sindicatos, pois permitiam a troca de informações e o debate sobre vários assuntos relevantes para a classe. A preocupação com a educação pode ser percebida de forma clara na proposta do Grupo Editor do jornal O Cosmopolita para uma série de conferências.

“O Grupo Editor de ‘O Cosmopolita’, cumprindo, aliás, uma das partes essenciais da sua elevada missão educativa, está organizando para breve uma série de conferências sobre ciência, filosofia e outros assuntos que possam interessar aos trabalhadores em hotéis, restaurantes, cafés, etc., contribuindo dest’arte a despertar no espírito da

³⁵ - A Vida, 31/01/1915. O artigo não está assinado.

³⁶ - Claudio Batalha. Le syndicalisme “amarelo”..., *Op. cit.*, pág. 103.

classe o amor ao estudo em geral e particularmente aos problemas que condizem com o seu bem-estar, difundindo conhecimentos científicos e filosóficos, dissipando as trevas do erro, da ignorância e da mentira que tantos e tão profundos males físicos e morais causam à humanidade.”³⁷

Outro ponto do programa de educação eram os cursos organizados nas sedes das associações. Seu principal objetivo era possibilitar aos associados o estudo de matérias básicas, como português e aritmética, em um horário compatível com as obrigações profissionais. A maior parte dos cursos, portanto, eram ministrados à noite, depois do encerramento da jornada nos locais de trabalho. Os cursos representavam também um espaço de convivência entre os operários, tendo sua realização permanecido uma prática constante até o final da década de 1920.³⁸

Um dos projetos de educação operária mais completos da época foi desenvolvido pelos anarquistas: as Escolas Modernas. Elas foram criadas pelo militante espanhol Francisco Ferrer, consistindo sua proposta em oferecer aos filhos dos operários uma educação diferente da que eles teriam nas escolas comuns. A criança não aprenderia os valores burgueses, e sim aqueles que a tornariam um indivíduo consciente e solidário. No Brasil chegaram a ser fundadas algumas escolas, principalmente em São Paulo, mas as dificuldades financeiras e a repressão empreendida pelo governo

³⁷ - O Cosmopolita, 01/01/1917.

³⁸ - Em 1927, por exemplo, o Centro Cosmopolita promoveu cursos diurnos e noturnos de português, francês e inglês. Estas duas últimas matérias eram consideradas importantes, em termos profissionais, para os associados, já que os empregados de bares, hotéis e restaurantes lidavam com frequência com estrangeiros. Voz Cosmopolita, 15/10/1927.

fizeram com que suas portas fossem logo fechadas.³⁹

A defesa da educação como um dos fatores fundamentais na emancipação do operariado é um ponto comum entre as várias correntes do movimento operário em todo o período pesquisado. Em um artigo do jornal anarquista O Baluarte a educação é colocada como o elemento transformador dos hábitos dos trabalhadores.

“[Muitos] acusam os trabalhadores de em vez de recorrerem às organizações para estudar, vão de preferência à taberna; mas isso se justifica. Os operários, os mais ignorantes, são os que mais facilmente se engolem no vício, e por que? Porque isso lhe vem sendo legado por gerações passadas. Um homem, quanto maiores sente os desgostos mais vontade tem de os afogar.

O mais inteligente nem sempre se corrompe pelo vício, recorre ao estudo, afogando assim na embriaguez do saber, todos os seus sofrimentos. Os não cultos, os ignorantes vão à taberna e às mesas de jogo onde se deixam tomar pela embriaguez do álcool, ou da desgraça mais funda.”⁴⁰

Já em outro artigo, publicado no jornal socialista Brazil Operário, é enfatizada a necessidade de que as associações operárias ofereçam a seus associados cursos em suas sedes.

“O operário no nosso país tem vivido toda uma existência entre o trabalho penoso, insípido de longas horas

³⁹ - Hardman, *Op. cit.*, págs. 69 a 75.

⁴⁰ - O Baluarte, maio/1910. Autor do artigo é M. Domingues.

diurnas e os curtos momentos que lhe sobejam para as distrações em consolo e reanimação às novas fadigas dos dias que se sucedem incessantes; e por isso, mal descansado ainda, e naturalmente indisposto, muito menos disposto sentir-se-á para ir buscar nos cursos noturnos o seu cultivo moral e intelectual, tanto mais quando se recorda de que esses cursos funcionam longinquamente, a enorme distância de sua modestíssima cabana.

(...)

E assim, aconselhamos que nenhuma associação operária de classe deve descuidar-se de fazer constar de suas leis sociais, e pôr em prática logo que o permitam seus cofres, a criação de aulas noturnas, embora de instrução elementar, e leituras sobre socialismo, etc., mas que sejam instaladas e funcionem no próprio seio social e a elas sejam somente matriculados os seus associados e filhos.

Deste modo a instrução entre o operariado tornar-se-á mais fácil, mais extensiva e facultar-lhe-á, no meio íntimo de classe, todas as comodidades que exijam as suas condições de vida ou de trabalho, sem prejuízo de seus estudos.⁴¹

A educação desenvolvida pelos operários sofria de perto a concorrência das escolas criadas pelos patrões. Várias fábricas contavam, junto com a vila de casas, a capela e o clube, com um pequeno centro escolar que atendia principalmente os filhos dos operários. Desta maneira os patrões ampliavam seu controle sobre a vida de seus funcionários e garantiam a formação de mão-de-obra para as fábricas. Seria uma conclusão apressada considerar a criação destas escolas como uma reação às atividades desenvolvidas pelo movimento operário, pois no Rio de Janeiro algumas escolas foram fundadas ainda no início da República Velha,

⁴¹ - Brazil Operário, 1ª quinzena/agosto/1903.

quando a classe operária dava seus primeiros passos.⁴² Provavelmente a idéia de um controle rigoroso sobre os operários constitui um desdobramento da tentativa de imposição às classes populares, por parte dos grupos dominantes, de normas e valores burgueses. Para ser bem sucedida, esta imposição exigia um controle maior sobre os hábitos e costumes da população mais pobre. Assim, os conceitos que fundamentam a criação de escolas nas fábricas são anteriores ao período de grandes conflitos entre patrões e operários.

Outra atividade cultural desenvolvida pelas associações e sindicatos era o teatro. Grupos de operários organizavam-se para encenar peças nos festivais. Os próprios grupos, como o Grupo Dramático 1º de Maio, o G. D. Germinal e o G. D. Cultura Social, construíam palcos e cenários e confeccionavam as roupas. Como o dinheiro disponível não era muito, os figurinos e os cenários eram simples e utilizados em mais de uma apresentação ou, até mesmo, em peças diferentes. Para muitos militantes a criação de grupos amadores de teatro incentivava a sindicalização de operários e a divulgação da doutrina. A arte é colocada como um instrumento a serviço da propaganda dos ideais, preparando o operariado para a nova sociedade que surgiria após a revolução social. Segundo um editorial do jornal O Barbeiro, o teatro serviria também para refinar os gestos e a linguagem de seus atores.

⁴² - Uma destas escolas foi inaugurada em maio de 1890 pela Fábrica de Tecidos Aliança em sua vila operária de Laranjeiras. O jornal socialista que noticia o fato considera a inauguração "um exemplo digno de ser invejável e imitado pelos filantropos e corações bemfazejos." Echo Popular, 01/05/1890.

“O teatro - mesmo o que é feito por amadores - é um dos mais úteis, senão agradáveis dos esportes. Ele nos proporciona entre outras coisas a cultura dos gestos e das maneiras. Corrige defeitos de linguagem, e obriga-nos à execução de uma perfeita estética.

Freqüentar pois os *nossos* teatros, as nossas ‘soirés’, pertencer ao G. D. I. [Grupo Dramático Internacional] e auxiliá-lo em tudo que for possível é mostrar gosto artístico e progresso intelectual.”⁴³

Como o principal objetivo da apresentação teatral era fazer com que o público compreendesse os aspectos teóricos básicos e refletisse sobre suas condições de vida, as peças eram escritas de forma simples e didática. O público deveria ser capaz de reconhecer as situações pelas quais passava em seu dia a dia, identificando-se, ao mesmo tempo, com os personagens que representavam a classe operária. Além disso, os operários deveriam ser incentivados a lutar por uma nova sociedade. No teatro libertário, por exemplo, o mundo anarquista é apresentado de forma atraente, envolvendo os espectadores em uma grande catarse.

Durante quase toda a República Velha os textos encenados eram, em sua maioria, traduções de originais europeus. Dentre os autores de maior sucesso pode-se destacar Pietro Gori, Malatesta, Francisco Ferrer e Jean Grave. Somente a partir de 1920, quando aumenta a dificuldade de contato com a Europa por causa da repressão policial, é que surgem mais textos de autores residentes no Brasil ou que haviam morado aqui, como Neno Vasco, Gigi Damiani, Felipe Morales e Artur Rocha.⁴⁴

⁴³ - O Barbeiro, 11/03/1926.

⁴⁴ - Mariangela Alves de Lima e Maria Thereza Vargas. “Teatro operário em São Paulo”. Antonio Arnoni Prado (org.). Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura. São Paulo, Brasiliense, 1986,

A imprensa operária constituía o principal meio de divulgação dos espetáculos. Alguns jornais inclusive publicavam críticas das apresentações, nas quais muitas vezes era privilegiada a análise da adequação do texto aos fins de propaganda, enquanto que as observações sobre o desempenho dos atores e a qualidade literária da peça eram deixadas de lado. Em uma pequena crítica publicada no jornal O Cosmopolita em 1918, por exemplo, sobre uma representação do Grupo Dramático Cultura Social, nada é dito sobre os atores, mas a peça é objeto de vários elogios, em sua maioria relacionados com os objetivos da propaganda: “Crítica implacável. Cenas de combate franco, saturados de humorismo salutar e de uma ironia viva, mordaz, subversiva. Verdadeira inovação no teatro livre.”⁴⁵ O jornal operário Liberdade, publicado entre 1917 e 1919, chegou a manter uma coluna fixa de notícias e críticas sobre teatro operário e amador, assinada por Miguelote Viana. Isto demonstra a importância do teatro para as associações, como instrumento de propaganda e meio de arrecadação de fundos, e para os operários, que tinham nas apresentações uma oportunidade de convívio com os seus companheiros e de reflexão sobre a sua situação.

O esporte foi uma atividade que começou a ser desenvolvida pelas associações apenas a partir da década de 1920. Até então os dirigentes sindicais viam com desconfiança a prática de esportes, pois acreditavam que estes eram mais um instrumento de dominação burguesa. Tanto que, nos anos 20, vários militantes consideram que o verdadeiro esporte proletário, aqui incluído o já popular futebol, só surgiria quando fossem eliminados totalmente seus traços burgueses. Esta preocupação parece estar relacionada

págs. 184, 237 e 240.

⁴⁵ - O Cosmopolita, 22/05/1918. Não é informado no texto o título da peça e nem o seu autor.

com o crescimento, na mesma época, do número de clubes fundados por fábricas. Estes clubes contavam com a ajuda material e financeira das empresas, que, por outro lado, controlava a aplicação do dinheiro e o desenvolvimento das atividades. As fábricas investiam nos clubes por causa do retorno que eles trariam em termos de propaganda dos produtos.⁴⁶

A introdução do futebol nos meios sindicais foi realizado principalmente através dos sindicatos de influência comunista. Seus militantes passaram a defender o esporte como meio de aproximação dos jovens dos sindicatos e como elemento unificador de toda a classe. Por outro lado, os anarquistas continuavam a criticar o futebol, tolerando sua presença nos festivais operários na medida em que servisse para a propaganda libertária.⁴⁷ Em um artigo que trata da possibilidade de fundação de um time de futebol dos barbeiros, Castro Roig, um dos editores do jornal O Barbeiro, coloca de forma clara os objetivos que deveriam nortear o esporte proletário:

“Primeiro - O ‘foot-ball’ Operário - classificamo-lo assim, porque nossos clubes devem ser *genuinamente de operários*, sem intervenção de quaisquer patrões na direção ou administração da mesma - servirá não só para o desenvolvimento físico como também para promover a organização sindical dos trabalhadores.

Segundo - O ‘foot-ball’ servir-nos-á de instrumento de propaganda, para a definição da luta de classe. Por meio do foot-ball faremos a absorção dos elementos que vivem no meio do esporte burguês. Acabaremos criando os nossos campos, a nossa Federação Esportiva, e jogaremos tão

⁴⁶ - Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes. “O futebol nas fábricas”. Revista USP: Dossiê Futebol. São Paulo, EDUSP, número 22, junho/julho/agosto 1994, págs. 104 a 106.

⁴⁷ - Idem, págs. 106 e 107 e Claudio Batalha. Le syndicalisme “amarelo”..., *Op. cit.*, pág. 423.

somente entre os nossos irmãos de classe os trabalhadores.”⁴⁸

Através de suas atividades culturais, as associações e sindicatos procuravam atrair mais operários para suas fileiras. Esta intenção pode ser percebida, por exemplo, na mudança sofrida pelos festivais operários a partir do final da década de 1910, quando eles incorporaram vários elementos da cultura popular. Não por acaso, quase na mesma época muitos militantes, principalmente comunistas, passaram a defender o futebol. Os festivais, as conferências, as representações teatrais e as competições esportivas representavam também ocasiões em que o operário poderia encontrar seus companheiros e trocar idéias. Troca que era estimulada pela propaganda doutrinária e pelo debate dos problemas da classe.

III - A imprensa operária

Os primeiros jornais operários do Rio de Janeiro foram fundados ainda no Império, durante a década de 1880. Seu surgimento, portanto, acompanhou de perto o início da formação da classe operária na cidade. Através dos jornais um número maior de trabalhadores poderia entrar em contato com as idéias defendidas por cada corrente e também estar informado sobre o movimento operário. Assim, no decorrer da República Velha, a imprensa constituiu-se em um dos mais importantes instrumentos de defesa dos interesses dos trabalhadores.

⁴⁸ - O Barbeiro, 15/04/1926. O jornal acabou por criar uma seção esportiva fixa e pouco depois foi noticiada a criação do Barbeiro Football Club.

“O jornal operário é o paladino, o bandeirante intrépido da mata virgem da questão social no Brasil.

Seus fins: a formidável empresa de organizar para combater, de combater para vencer e de vencer para radicalmente transformar.

Fazer, pois, um jornal operário implica em penetrar no seio das massas incultas e mais necessitadas e dar-lhes a conhecer o gosto da ‘estrequinina’ social - *luta de classes*.

O lugar, pois, de um jornal operário é sempre ao lado da luta e dos que lutam.”⁴⁹

A maioria dos jornais eram editados pelas associações e sindicatos, como O Graphico, publicado pela Associação Gráfica do Rio de Janeiro entre 1916 e 1919. Outras vezes as federações e confederações também publicavam seu órgão, sendo este o caso, por exemplo, do jornal editado pela Confederação Operária Brasileira, A Voz do Trabalhador, que circulou nos anos de 1908, 1909, 1913, 1914 e 1915. Mais raros foram os jornais publicados por um grupo independente de pessoas, ou mesmo por um único indivíduo. O jornal Cronica Subversiva, por exemplo, tinha como seu solitário editor e redator o militante anarquista, e posteriormente um dos fundadores do PCB, Astrogildo Pereira. Geralmente os jornais publicados pelas associações tratavam mais diretamente dos interesses particulares de uma determinada categoria. Esta lacuna era preenchida pelos jornais das confederações, que procuravam voltar-se para a classe como um todo.

A imprensa operária enfrentava uma série de dificuldades. A primeira delas era de ordem financeira. A impressão de um jornal

⁴⁹ - O Barbeiro, 11/02/1926.

significava custos adicionais para a associação, que não poderiam ser recuperados através de publicidade, por exemplo, porque raramente os jornais colocavam anúncios. Ao mesmo tempo, as vendas do jornal poucas vezes alcançavam um nível suficiente para garantir uma receita no mínimo razoável. Geralmente apenas nos períodos de grande mobilização, como as greves, é que o número de jornais vendidos crescia significativamente. Nestes momentos de agitação a quantidade de páginas dos exemplares e a sua periodicidade também aumentavam.⁵⁰

Outra dificuldade a ser superada era a vigilância por vezes feroz da polícia. Com frequência as gráficas dos jornais eram destruídas e suas redações fechadas até por meses seguidos. Como consequência de todos esses obstáculos, poucos jornais conseguiam manter sua publicação por um longo período de tempo, e de forma regular. Era bastante comum que a publicação fosse interrompida por qualquer motivo, como a repressão da polícia, por exemplo, e só fosse retomada algum tempo depois. Outros periódicos, no entanto, desapareciam por completo, sem nenhuma explicação.

Para muitos militantes a principal razão para o fracasso dos jornais era o desinteresse dos próprios operários. Estes não divulgavam a existência dos jornais entre os seus companheiros de trabalho e não ajudavam a sua manutenção, através da compra de exemplares. Além disso, os operários alfabetizados tinham o dever de ler os jornais para os seus colegas. As críticas ao comportamento do operariado são encontradas em todo o período da República Velha, como, por exemplo, em um artigo de Eurico Ferreira em que ele defende a criação de jornais operários.

⁵⁰ - Maria Nazareth Ferreira. A imprensa operária no Brasil - 1880-1920. Petrópolis, Vozes, 1978, pág. 106.

“Dirão os colegas que tudo isso que cogito que se faça é uma utopia, eu quase que os acompanho nesse pessimismo, pelo simples fato deste jornal O Graphico ser vendido mil no máximo, quando a classe gráfica é composta mais ou menos de 10.000 operários, e muitos gráficos negarem dar um tostão pelo nosso jornal e comprar a Mascotte, folhetos de modinhas corriqueiras e jornais, esses pasquins que editam artigos violentos contra si próprio, sem que seu amor próprio num gesto de império sobre si mesmo rasgue o panfleto porco que lhes ofende a troco de um níquel de 100 réis que custou ao colega o suor do rosto!”⁵¹

Assim como Eurico Ferreira, outros militantes também procuram ressaltar como os jornais burgueses na verdade defendem interesses opostos aos dos operários. Segundo os militantes, a “grande imprensa” se coloca muitas vezes como aliada dos trabalhadores, mas sua real intenção é desviá-los do caminho correto. O operariado deve lutar para manter a sua própria imprensa, pois somente assim terá a certeza de que terá um porta-voz sincero dos seus interesses e uma forte arma na luta pelos seus direitos.

“Já estamos cansados de saber, por uma longa experiência, o que valem para nós esses jornais da burguesia, que aparecem fazendo retumbantes promessas, abrindo seções operárias etc., e no final sempre se negam a publicar qualquer artigo que não esteja bem ao paladar dos burgueses e concomitantes.

Demais, afora outras razões poderosas, nós temos uma e de alta importância social: nós carecemos de manter um

⁵¹ - O Graphico, 16/04/1919.

jornal, exclusivamente nosso, para assim podermos amplamente difundir as modernas idéias de sociologia que mais convêm à humanidade sofredora.”⁵²

IV - Os deveres dos operários

A classe operária carioca, durante a República Velha, pode ser considerada como um conjunto de indivíduos que, em grande parte, possuía uma identidade comum. Um grupo que pode ser definido, tal como outros grupos étnicos, culturais e sociais, como uma forma de organização social cujos membros se identificam e são identificados como tais.⁵³ Assim, os operários identificavam-se como membros da classe operária e eram identificados pelos indivíduos das outras classes sociais como tais.

Mas como poderia ser reconhecido um operário? Este reconhecimento poderia passar por uma identificação visual, através das roupas e dos gestos, como demonstrou Eric Hobsbawm em relação à Grã Bretanha.⁵⁴ Envolveria ainda valores, hábitos, formas de lazer e traços de comportamento em um grande parâmetro de comparação. Ao analisarmos os textos de muitos militantes operários percebemos que, para eles, neste parâmetro estaria compreendida também uma concepção do que seria o operário ideal. A construção desta imagem desenvolveu-se conjuntamente com a formação da própria classe operária. Um texto publicado no início da década de 1890 pelo jornal socialista Echo Popular já apresenta uma definição do que significa ser um operário.

⁵² - Na Barricada, 16/09/1915. Autor do artigo é Anacleto Bastos.

⁵³ - Manoela Carneiro da Cunha. Antropologia do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1987, pág. 116.

⁵⁴ - Eric Hobsbawm. “O fazer-se da classe operária, 1870-1914”. Mundos do trabalho. Novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

“Quem é o operário?
É um homem honesto, laborioso e que precisa sofrer o rigor da sorte para sustentáculo de todas as classes sociais.
O que é operário?
É um cidadão que representa o papel mais importante perante a sociologia humana.
O que deve ser operário?
Um homem respeitado, acatado, porque só ele sofre para que os felizes gozem; deve ou não ser tão bom cidadão como outro qualquer?
Tem ou não tem perante a lei natural ou escrita - o direito e dever - de pugnar pelos direitos e defesa das classes a que pertence?
É intuitivo que sim!”⁵⁵

Se prestarmos bastante atenção aos adjetivos utilizados pelo autor para definir o operário - honesto, laborioso, respeitado - perceberemos que eles são a antítese do que os militantes consideravam como características da burguesia. O operário pertencia à classe social que era inimiga eterna da burguesia e, portanto, deveria ter valores e comportamentos absolutamente opostos aos de um burguês. Ele deveria nortear sua vida pelas virtudes que honram um verdadeiro cidadão, evitando os vícios e as “esbórnias”. Em lugares como bares e botequins, “causa lástima ver-se camaradas nossos que desprezando a sua saúde e os seus interesses, e dispersando as suas energias, se entregam ao vício do álcool, ajuntando a esse o bilhar, absorvendo pelas narinas quanta poeira existe

⁵⁵ - Echo Popular, 10/04/1890.

nesses antros de vício e de corrupção, (...).”⁵⁶ O operário, para os militantes, deveria ser um exemplo para todos de sua classe.

“Dez mandamentos da lei do operário” é o título do texto mais interessante a tratar das regras de comportamento para os operários. Publicado pelo jornal O Graphico em 1917, ele compreende temas que vão das obrigações com relação à sua classe ao comportamento adequado na casa de seus companheiros. O tipo de narrativa do texto, em forma de mandamentos, deve ter sido escolhido para criar no leitor uma maior familiaridade. Contudo, não deixa de ser curioso o fato de que um modelo de texto ligado tão diretamente à tradição cristã tenha sido utilizado por militantes operários, já que o movimento anti-clerical encontrava bastante receptividade neste meio.

“1 - Tomar como compromisso de honra todas as incumbências de seus companheiros, as quais tenham por fim o bem coletivo.

2 - Honrar a sua classe com atos, cujos efeitos dignifiquem a si próprio.

3 - Ser indulgente com as fraquezas humanas, quando estas são oriundas de pessoas de escasso cultivo social.

4 - Refletir uma hora no que vai dizer em um minuto.

5 - Ser mudo com o néscio, surdo com o louco e cego com o hipócrita.

6 - Incentivar e fortalecer a união para resguardo de seus direitos.

7 - Ouvir com atenção a voz da consciência, porque esta, tanto no rico como no pobre, tanto no sábio como no ignorante, é a sentença severa e inexorável de um juiz abstrato, mas dominador.

8 - Quando entrar no lar dum companheiro, deve

⁵⁶ - O Cosmopolita, 16/12/1916.

curvar seu pensamento com reverência aos pés da honestidade.

9 - Pedir o auxílio do próximo para obter aquilo que sozinho não consegue.

10 - Amar sua pátria com dedicação e perseverança, ilustrando para isso o seu cérebro no estudo e valorizando no trabalho o seu prestígio.”⁵⁷

O operário teria ainda, segundo os militantes, uma série de deveres para com sua associação ou sindicato. A sua colaboração não deveria se restringir ao pagamento da mensalidade, mas sim incluir uma participação ativa nas atividades associativas. Dentre as obrigações do operário estavam: divulgar a associação entre os seus companheiros de trabalho, comparecer às reuniões e assembléias, cumprir alguma tarefa para a qual foi designado e comprar regularmente o jornal da associação. O desenvolvimento da associação dependia diretamente da participação dos operários.

“Sejamos retos, cumprindo e fazendo cumprir com os deveres coletivos; não facilitemos emprego a quem não quiser ser associado; neguemos-lhe mesmo nossa convivência; levemos para nosso seio o maior número de companheiros, sejamos disciplinados, indiquemos ao jornal da classe os indivíduos que não cumprem com seu dever, e um dia poderemos olhar o bem-estar associativo, o futuro do nosso trabalho.”⁵⁸

⁵⁷ - O Graphico, 01/06/1917. O texto é assinado por um certo Nuzo, nome que provavelmente é um pseudônimo.

⁵⁸ - Voz Cosmopolita, 15/12/1923.

V - A falta de união entre o operariado

Para muitos militantes, a organização existente entre os trabalhadores cariocas ainda não era satisfatória. Havia pela frente um longo caminho a ser percorrido até ser atingida a emancipação social, pois a classe encontrava-se desunida, inconsciente e fraca. E os militantes tinham razões de sobra para pensarem assim. A maioria dos operários não participava das atividades das associações e comportava-se muitas vezes de forma indiferente nos momentos de grande mobilização, como as greves. Entre os operários era muito comum um sentimento de dívida em relação ao patrão, como se este lhes tivesse feito um grande favor ao empregá-los. Devido a isto, muitos sentiam-se pouco à vontade em tomar uma posição quando ocorriam campanhas por melhorias nas condições de trabalho ou salariais.

Ao compararem a situação real da classe operária com a imagem idealizada que construíram para si, os militantes decepçionavam-se ainda mais. A distância entre uma e outra era imensa, e parecia praticamente intransponível. Nem o esforço mais intenso seria capaz de modificar esta realidade. O pessimismo quanto ao futuro torna-se, então, a tônica de uma boa parte dos artigos.

“Portanto, como disse, se houvesse união na classe, e se o operário se conhecesse, haveria força porque havia união, o elemento era enormíssimo, agitava-se todas as vezes que preciso fosse, unido em prol dos direitos de todos, como uma avalanche poderosa, temida até pelos dominadores do país.

Mas, tal não acontece, o operário sofre, porém sofre isolado, cada qual sente o vendaval da crise passar-lhe

uivando pela porta, e ele deixa-se ficar no aconchego da família, não sai em busca de seus companheiros a praça pública para dizerem que sofrem, e que pedem a quem competir um alívio aos seus sofrimentos.”⁵⁹

Em 1903 é publicado um artigo no jornal Brazil Operário escrito por Antonio Augusto Pinto Machado, presidente da União Operária do Engenho de Dentro, associação reformista, no qual ele rebate as acusações feitas por outro militante em relação às comemorações de 1º de Maio daquele ano. A certa altura do texto, o autor admite que os operários não compareciam espontaneamente às manifestações, e que era preciso utilizar outros recursos para atrair a sua atenção.

“O festival de 1º de Maio de 1903, no Rio de Janeiro não teve elemento burguês; tivemos um guia, um conselheiro, porque se nós operários tentássemos unir-nos para na praça pública clamarmos os nossos direitos, com certeza nenhum viria, ou por outra todos trariam idéias diferentes, e nada se fazia.

(...)

Mais devagar, neste meio é preciso mais manha que outra coisa, é assim que pouco a pouco havemos de nos unir, e se ao contrário fôssemos chamar nossos companheiros a postos para protestar livremente, sem *fanfarras* e outras atrações, quantas dezenas viriam?...”⁶⁰

Provavelmente os operários sentiam-se mais animados a

⁵⁹ - O Caixeiro, 02/04/1899. O artigo é de Vieira de Lima.

⁶⁰ - Brazil Operário, 01/06/1903.

comparecer a uma comemoração que contasse com banda de música, desfile, “e outras atrações”, do que a uma que se restringisse a eventos como sessões solenes. As comemorações mais alegres e festivas aproximavam-se mais da maneira pela qual comumente os trabalhadores comemoravam em diversas ocasiões. A utilização de elementos mais populares servia realmente para atrair um número maior de pessoas, e isto era reconhecido por diversas correntes do movimento operário. Basta lembrar a transformação sofrida pelos festivais anarquistas no final da década de 1910. Os dirigentes sindicais adaptaram-se à realidade da classe para tentar incentivar a maior participação desta nas várias atividades associativas.

O caminho para a conscientização de toda a classe era longo, e repleto de obstáculos. Um destes era a própria condição sócio-econômica dos operários, que não favorecia o aprendizado das matérias básicas e a aquisição de conhecimentos. A situação do operariado devia-se também a um problema de ordem estrutural.

“Com raríssimas exceções, o operário é um indivíduo sem meios intelectuais, que, na sua menor idade, por muito favor, apenas logrou cursar as aulas de uma escola pública, cujos mestres, não dotados de requisitos para o preparo de criaturas capazes de discernir o bem do mal, limitaram-se a encher-lhe de baboseiras o cérebro, formando desse modo, não homens conscientes do seu ser, porém, indivíduos submissos e servis, satisfeitos, portanto, com o martírio infligido pelos algozes que têm infelicitado, desde a descoberta famosa de Cabral, as belas terras de Santa Cruz.”⁶¹

⁶¹ - O Graphico, 15/04/1916. Autor do artigo é Rozendo dos Santos.

No decorrer da República Velha, uma parte do operariado do Rio de Janeiro reuniu-se em torno de instituições que representassem seus interesses. As primeiras a surgir foram as sociedades de auxílio mútuo; posteriormente foram criadas as associações e os sindicatos. Estes dois últimos conciliavam os serviços de beneficência com as lutas pela melhoria das condições de vida da classe. Também merecem destaque as várias atividades culturais, como os festivais, as conferências, as representações teatrais e o esporte, onde sempre procurava-se harmonizar o lazer com a propaganda. Elas tornavam os sindicatos lugares mais agradáveis, com uma maior convivência entre os associados. Além disso, atraíam para o seio da organização um número maior de operários.

Contudo, apesar do esforço dos dirigentes sindicais a taxa de sindicalização de diversas categorias permaneceu baixa em todo o período. E a maioria dos operários sindicalizados não participava com frequência das atividades das associações. Apenas em momentos de grande agitação, como as greves, é que os operários demonstravam um pouco mais de interesse. As críticas dos militantes à falta de união e de solidariedade entre o operariado foi uma constante em todas as décadas. Entre as várias correntes do movimento operário havia uma certeza comum: ainda restava muito o que fazer para tornar o operariado carioca uma classe consciente e pronta para as lutas contra o capitalismo. Um dos elementos que poderiam ajudar neste processo de conscientização era justamente a data comemorativa mais importante dos trabalhadores do Brasil, o 1º de Maio.

Os rituais do 1º de Maio

Dentre as datas comemorativas celebradas pelo movimento operário carioca durante a República Velha sem dúvida o 1º de Maio ocupou um lugar de destaque. Ele mobilizava a maioria das associações na sua preparação e ganhava bastante espaço nas páginas dos jornais, mesmo nas dos mais conservadores. Analisaremos neste capítulo como o operariado comemorava o 1º de Maio, as mudanças e permanências no decorrer das décadas e quais foram os momentos mais importantes desta história. Veremos ainda quais os elementos que compõem o campo simbólico da data e como eles aparecem em diversos textos.

I - O surgimento do Primeiro de Maio

Para uma melhor compreensão da história do 1º de Maio no Rio de Janeiro, durante a República Velha, é imprescindível ter ciência dos acontecimentos que levaram à criação desta data pelo movimento operário internacional. Nas diversas fontes por nós pesquisadas, as referências aos

“mártires de Chicago” são constantes e influenciam a própria interpretação do 1º de Maio feita pelos operários. O surgimento do 1º de Maio está intimamente ligado ao movimento popular pela redução da jornada de trabalho nos Estados Unidos, na segunda metade do século passado. A luta pelas oito horas de trabalho surgiu durante a Guerra de Secessão mas o movimento tomou maior força na década de 1880.

De acordo com as estatísticas oficiais, entre 1881 e 1885 ocorreram 142 greves reivindicando a redução da jornada de trabalho.¹ O passo decisivo foi dado em 1884, quando, em seu Congresso, a Federation of Organized Trade and Labor Unions (F.O.T.L.U.) aprovou uma moção segundo a qual a jornada de oito horas de trabalho deveria ser adotada a partir de primeiro de maio de 1886. O que se viu nos dezoito meses seguintes foi um intenso esforço de propaganda e organização que acabou por aproximar as diversas categorias de trabalhadores.

No dia marcado para a adoção desta jornada um grande movimento cruzou o país, mobilizando entre 400 e 500.000 pessoas nos principais centros urbanos e nas pequenas cidades. O maior destaque foi Chicago, cidade com um forte movimento operário, onde 90.000 manifestantes enchiam as ruas e grevistas paralisavam as atividades da maioria das empresas. Durante todo o dia foram realizados cortejos, *meetings*² e discursos, sempre com a presença atenta da polícia, mas não ocorreu qualquer incidente. Contudo, a situação complicou-se em 3 de maio com a intensificação das greves. À tarde um incidente em frente à usina Mc

¹ - Hubert Perrier. “Chicago, 1885-1887: du mouvement pour la journée de huit heures à la tragédie du Haymarket”. Madeleine Reberieux (org.). Fourmiers et les Premiers Mai. Paris, Ed. de l’Atelier, 1994, pág. 317.

² - *Meetings* era o nome dado na época aos comícios.

Cormick resultou em um confronto entre grevistas e policiais. Para protestar contra a morte de dois trabalhadores e a prisão de vários ativistas, os anarquistas marcaram um *meeting* para a noite do dia 4 na praça Haymarket.³

Cerca de três mil pessoas compareceram ao *meeting*, inclusive muitas mulheres e crianças. Quando a chuva e o frio já haviam reduzido os assistentes a menos de duzentos, surge um destacamento policial com 140 homens. De repente uma bomba, de origem indeterminada, explode no meio dos policiais. A reação é imediata e violenta. Os agentes abrem fogo contra a multidão, que tenta fugir desesperadamente. Ao terminar o conflito, sessenta policiais encontram-se feridos, dos quais seis não conseguem sobreviver. O número exato de vítimas entre os manifestantes é desconhecido até hoje, mas Paul Avrich estima que tenha sido entre sete e oito pessoas, sendo que outras 30 provavelmente ficaram feridas. A maioria absoluta dos ferimentos, tanto nos manifestantes quanto nos policiais, foi causada por tiros das armas dos policiais.⁴

Os acontecimentos de Haymarket desencadearam uma onda de repressão inédita em Chicago. Militantes foram presos, sedes sindicais incendiadas, e decretado estado de sítio na cidade. Oito dirigentes sindicais foram acusados do assassinato dos policiais: August Spies, Sam Fielden, Oscar Neeb, Adolph Fischer, Michel Schwab, Louis Lingg e Georg Engel. Segundo Hubert Perrier, o processo, aberto em junho de 1886, teve várias irregularidades, dentre elas, falsas testemunhas. A sentença definitiva é

³ - Perrier, *Op. cit.*, págs. 332-334; José Luiz Del Roio. 1º de Maio. São Paulo, Global, 1986, págs. 58-60 e Paul Avrich. The Haymarket tragedy. Princeton, Princeton University Press, 1986, págs. 186-189.

⁴ - Avrich, *Op. cit.*, págs. 208-210.

divulgada em 9 de outubro. Parsons, Engel, Fischer, Lingg e Spies são condenados à morte; Fielden e Schwab, à prisão perpétua e Neeb a quinze anos de reclusão. Os condenados, com exceção de Linng que se suicidou na cadeia, foram enforcados no dia 11 de novembro de 1887. Uma multidão acompanhou o cortejo fúnebre. Este dia passou a ser conhecido como o ponto final da tragédia dos “mártires de Chicago”.⁵

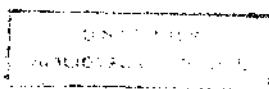
O 1º de Maio só entraria definitivamente na história do proletariado internacional em julho de 1889, durante a realização de um congresso socialista em Paris. Na verdade ocorreram dois congressos socialistas ao mesmo tempo naquela cidade. No congresso organizado pela Federação Nacional de Sindicatos e considerado de tendência marxista, nasceu oficialmente o 1º de Maio. No último dia de debates, foi aprovada, por aclamação, uma proposta que previa um protesto internacional a favor da jornada máxima de oito horas.

“Será organizada uma grande manifestação internacional com data fixa de maneira que, em todos os países e cidades ao mesmo tempo, os trabalhadores intimem os poderes públicos a reduzir legalmente a oito horas a jornada de trabalho e a aplicar as outras resoluções do Congresso Internacional de Paris.

Considerando que uma manifestação semelhante já foi decidida pela American Federation of Labor para o 1º de maio de 1890, em seu congresso de dezembro de 1888 em Saint Louis, esta data é adotada para a manifestação internacional.

Os trabalhadores das diversas nações deverão realizar manifestações nas condições que serão impostas pela

⁵ - Perrier, *Op. cit.*, págs. 334-339; Del Roio, *Op. cit.*, págs. 60-63.



situação específica de seu país.”⁶

A resolução determinava a realização do protesto apenas naquele ano. Contudo, a repercussão da defesa da jornada de oito horas foi tão boa entre o operariado de diversos países que, no segundo congresso da Internacional Operária Socialista, realizado em 1891, foi aprovada a resolução que tornava permanente a comemoração do Primeiro de Maio.

Mas por que os americanos escolheram justamente o dia 1º de maio para a manifestação pelas oito horas de trabalho? Segundo Hubert Perrier⁷, simbolicamente a escolha reuniu a ação projetada a uma etapa anterior da luta, já que uma grande manifestação com o mesmo tema ocorreu em Chicago, em 1867, no dia 1º de maio. Por outro lado, de acordo com uma tradição anglo-saxônica, o 1º de maio era o “Moving Day”, dia de renovação dos contratos de aluguéis e de trabalho. Já na Europa o 1º de Maio foi ao encontro dos ritos aldeões de celebração da primavera. Na França era o momento do renascimento da vegetação e de mudanças na casa.⁸ Em Portugal, além das tradições camponesas ligadas à fertilidade, maio também concentrava a renovação de contratos e o pagamento das rendas.⁹ Perrier, Perrot e Fonseca demonstram que junto com o revigoramento da natureza, representado pela chegada da primavera, maio significava o florescimento das esperanças em um mundo mais justo, mais igualitário e mais livre.

⁶ - Maurice Dommanget. Historia del Primero de Mayo. Buenos Aires, Editorial Américalee, 1956, pág.104.

⁷ - Perrier, *Op. cit.*, pág. 320.

⁸ - Michelle Perrot. Os excluídos da história. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, pág. 135.

⁹ - Carlos da Fonseca. O 1º de Maio em Portugal. 1890-1990. Lisboa, Antígona, 1990, pág. 46.

Estas ligações da data do 1º de Maio com elementos mais antigos das culturas de diversos países certamente contribuiu para a aceitação e consolidação da jornada entre os operários. A referência ao passado tornou a nova tradição mais familiar aos olhos da classe. Esta referência, aliás, é uma das principais características das “tradições inventadas”, conceito que podemos aplicar ao 1º de Maio.¹⁰

Contudo, no caso do Brasil não podemos explicar a popularização do 1º de Maio através de sua relação com a primavera, já que no hemisfério sul este mês encontra-se dentro do período do outono. Em nosso país outros elementos, outras tradições, vieram formar o traço de união do 1º de Maio com o passado. O principal destes elementos é, segundo Claudio Batalha, as coincidências entre essa comemoração operária e o calendário religioso. As festas populares de origem cristã mais importantes localizam-se entre os meses de fevereiro e maio, como o Carnaval, a Semana Santa e o Pentecostes.¹¹ Além disso, maio é o Mês Mariano, ou seja, o mês em que se comemora aquela que é considerada pela tradição cristã a mais importante de todas as mães, a Virgem Maria. Talvez esta coincidência tenha reforçado a associação do 1º de Maio com as imagens de renovação, frutificação e renascimento. Esta idéia está presente em um artigo, sem assinatura, publicado no jornal diário Correio da Manhã.

¹⁰ - Este conceito refere-se a um conjunto de práticas, de origem ritual ou simbólica, que objetiva inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição. No caso do Brasil o 1º de Maio também foi uma “tradição inventada”. Para maiores detalhes sobre este conceito e a sua aplicabilidade ao tema desta Dissertação ver a Introdução da mesma. Eric Hobsbawm. “Introdução: A Invenção das Tradições.” Eric Hobsbawm & Terence Ranger (org.). A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, pág. 12.

¹¹ - Claudio Batalha. “La fête internationale du 1^{er} Mai au Brésil (1891-1930): symboles et rituels”. Madeleine Reberieux (org.). Fourmiers et les Premiers Mai. Paris, Ed. de l’Atelier, 1994, pág. 428.

“Maio abre o seu botão...Há um frêmito olente na natureza, um doce encanto na alma religiosa, um estuar de gente pelas ruas. (...)Mês das flores, da religião e do trabalho - donde a promessa dos frutos, do céu e da fortuna - maio há de ser por força mês amigo da esperança. Em seus meados, maio nos oferece, a nós brasileiros, o dia da Liberdade, em que algumas milhares de algemas se quebraram, com ruído formidável, para despertar a nação de um pesadelo infame que a oprimia. E maio termina o rosário das suas trinta e uma contas de auroras e de poentes, com a cerimônia católica da Coroação de Maria. - Bem hajás, pois, mês suave e de poesia, que irrompes festejando o trabalho, transcorres entre flores a glorificar a liberdade, e finalizas a tua carreira numa apoteose à suprema bondade e à suprema pureza da mulher!”¹²

O vocabulário religioso é constantemente utilizado nos textos sobre o 1º de Maio, mesmo naqueles veiculados na imprensa operária. A própria utilização da expressão “mártires de Chicago”, para referirem-se aos operários mortos nos acontecimentos de Haymarket, demonstra bem isto. Este tema será discutido mais detalhadamente no próximo capítulo. O fato é que o 1º de Maio tornou-se, no decorrer da República Velha, a data comemorativa mais importante do movimento operário do Rio de Janeiro e, certamente, do Brasil.

II - As comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro

A capital da recém-instalada República mostrava-se como um grande caldeirão social, político e cultural onde havia uma certa esperança

¹² - Correio da Manhã, 01/05/1911.

de que o novo regime iria melhorar as condições de vida da população. Esta esperança contagiava todas as classes, dentre elas o operariado.¹³ Contudo, os anos foram passando e as melhorias não vieram. Setores do operariado, apresentando-se cada vez mais organizados e conscientes, passaram a exigir seus direitos através de todos os meios. O 1º de Maio foi um destes. Ele não era somente uma ocasião para lembrar-se das vitórias e derrotas do movimento, mas também para afirmar às classes dirigentes a necessidade imperiosa de mudanças realmente efetivas e profundas.

Em 1890, ano estipulado para a primeira manifestação do 1º de Maio em todos os países, não houve registro de qualquer evento, realizado pelo movimento operário, sobre este tema na cidade. Esta ausência não pode ser justificada pelo desconhecimento da decisão do Congresso de Paris, pois um editorial do jornal diário O Paiz informava sobre o protesto.

“A grandiosa manifestação que nos anunciou o telégrafo [trecho ilegível] realiza-se hoje, 1º de maio, simultaneamente em muitos pontos do velho continente; manifestação pacífica, que só tem fim mostrar a solidariedade dos membros que aderem ao socialismo, cujo principal corifeu foi Karl Marx, e que ramificou-se tanto que arrolou em seus registros os mais vigorosos cérebros da classe operária em todos os países.”¹⁴

No dia 8 de maio deste mesmo ano ocorreu uma “festa do trabalho” em uma fábrica de laminação situada em Niterói. Contudo, o autor

¹³ - Isto pode ser percebido através da leitura de vários jornais operários da década de 1890, como A Voz do Povo e Echo Popular.

¹⁴ - O Paiz, 01/05/1890.

do artigo não informa se a festa teve relação com o 1º de Maio, dando poucos detalhes sobre ela. O objetivo principal do autor era protestar contra a ausência de operários na referida festa.¹⁵

As comemorações do 1º de Maio iniciam-se em 1891, permanecendo, contudo, pouco constantes durante toda a década. Para se ter uma idéia, não há registros de comemorações nos anos de 1894, 1895 e 1896 e em alguns anos, como em 1893, as comemorações resumem-se a uma discreta sessão solene. A entrada no século XX marca a consolidação da data, acompanhando o processo de desenvolvimento da classe operária. Entre 1901 e 1929 não há um ano sequer em que a cidade do Rio de Janeiro não tenha assistido a comemorações do 1º de Maio.

Desde o início o traço marcante do 1º de Maio foi a multiplicidade de interpretações, de formas de comemoração, de grupos que participavam ou patrocinavam os eventos. Estes grupos disputavam a atenção dos operários durante a data, que se transformava em mais uma ocasião de rivalidade e de confronto.

Em 1892, na grande sessão solene no Teatro São Pedro de Alcântara, promovida pelo Centro do Partido Operário, chefiado por José Augusto Vinhaes, tudo corria bem até que um grito de “Viva a anarquia” interrompeu por instantes a reunião. Rapidamente as bandas de música começaram a tocar o *Hino Nacional* e o protesto foi abafado. Ao mesmo tempo um impresso anônimo era distribuído no teatro. Em outro lugar da cidade, o maior rival de Vinhaes, Luiz da França e Silva, presidia a sessão solene promovida pelo Partido Operário, a qual transcorreu sem qualquer incidente.¹⁶

¹⁵ - Echo Popular, 17/05/1890.

¹⁶ - O Paiz, 02/05/1892. França e Silva fazia parte do grupo de socialistas que criou, em janeiro de

Vários eventos eram programados pelas diversas associações e federações, e mesmo por grupos de operários de uma determinada fábrica, para a comemoração do 1º de Maio. Salva de tiros na aurora, saudando o grande dia; ida de comissões de operários aos cemitérios para prestar homenagem aos companheiros mortos (bastante comum até 1907); celebração de missas; passeios até algum ponto do subúrbio ou até outra cidade, como Niterói; festivais comemorativos, dos quais constavam geralmente uma conferência, peças teatrais e um baile “familiar”, harmonizando, desta forma, a propaganda associativa e a simples diversão. Geralmente à noite eram realizadas sessões solenes nas sedes das associações operárias. Um exemplo de comemoração bastante completa pode ser encontrado na programação do Congresso Central União dos Operários do Brasil.

“O Congresso Central União dos Operários do Brasil aprovou o seguinte programa para as festas comemorativas do 1º de maio:

6 horas da manhã - Inauguração do pavilhão com uma salva de 24 tiros.

8 horas da manhã - Os sócios e demais operários, incorporados, irão depositar no sarcófago de França e Silva uma grinalda, como prova de afeto e consideração à memória do saudoso companheiro.

1890, o jornal A Voz do Povo. Contudo, logo surgiu uma cisão no grupo. Uma parte passou a seguir o tenente Vinhaes, enquanto que a outra colocou-se sob a influência de França e Silva. O primeiro acabou por fundar em fevereiro de 1890 o Centro do Partido Operário e passou a editar com bastante frequência artigos no jornal conservador O Paiz. Já França e Silva criou em abril o Partido Operário. Nas eleições realizadas meses depois Vinhaes foi eleito deputado, enquanto que o partido de França e Silva não conseguiu eleger nenhum candidato. Maiores detalhes da rivalidade podem ser obtidos no jornal Echo Popular, editado por França e Silva.

2 horas da tarde - Assembléia geral para aprovação de uma mensagem dirigida ao Congresso Nacional

7 horas da noite - Sessão solene comemorativa do 1º de maio, com a seguinte ordem do dia:

1ª parte - Posse da diretoria eleita.

2ª parte - Inauguração do retrato de França e Silva.

3ª parte - Comemoração a 1º de maio.”¹⁷

Outra forma de comemoração bastante importante era o préstito ou passeata. A massa compacta de operários percorria as principais ruas da cidade, parando para saudar a imprensa e as associações irmãs. Algumas vezes a passeata podia ser interrompida para a realização, geralmente nas principais praças, de pequenos comícios. A organização interna da passeata assemelhava-se muito à estrutura de certas procissões do século XIX, além de apresentar em vários momentos um caráter lúdico também semelhante a estas últimas. Em ambas seus participantes aproveitavam a ocasião para brincar e extravasar sua alegria, transformando o evento quase que em uma festa. No caso das passeatas, este fato era considerado pelos militantes um desvirtuamento grave do verdadeiro objetivo da manifestação. As semelhanças entre as procissões e as passeatas demonstram a ligação estreita que o 1º de Maio teve, no Brasil, com as tradições religiosas, conforme o exposto por Claudio Batalha.¹⁸ Nas passeatas geralmente à frente vinha a comissão encarregada da organização, seguida de forma ordenada pelas representações das associações operárias. Muitas vezes eram utilizados carros decorados com símbolos operários e retratos de operários mortos. Hinos operários eram entoados e estandartes das associações

¹⁷ - Correio da Manhã, 29/04/1902.

¹⁸ - Claudio Batalha, *Op. cit.*, pág. 429. Descrições detalhadas de várias procissões tradicionais do Rio de Janeiro e do Brasil podem ser encontradas em Vivaldo Coaracy. Memórias da Cidade do Rio de Janeiro. Belo Horizonte:Ed Itatiaia; São Paulo:EDUSP, 1988 e Mello Moraes Filho. Festas e tradições populares do Brasil. Belo Horizonte:Ed Itatiaia; São Paulo:EDUSP, 1979.

empunhados com orgulho. Cartazes de protesto, sempre relacionados com a conjuntura do momento, completavam a manifestação.

“O cortejo, que era numerosíssimo, desfilou no meio da maior ordem, empunhando os manifestantes, que entoaram a *Internacional*, bandeiras rubras em que se liam legendas como estas: *Salve Hungria!*; *Salve Rússia!*; *Salve, Baviera!*; *Avante Spartacus!*; *Tudo para todos. Não há mais deveres sem direitos, nem direitos sem deveres*, etc.

Abria o préstito o pavilhão vermelho da *Internacional*, conduzido por uma comissão de operários, representantes das diversas associações.”¹⁹

Era comum que o préstito fosse acompanhado por bandas de música que, até 1914, em geral pertenciam a alguma corporação militar. No ano de 1905 a Federação das Associações de Classe, que, contudo, não representava todas as associações operárias, proibiu a participação na manifestação de associações puxadas por bandas militares, “isto para a federação ser coerente com os seus princípios anti-militaristas.”²⁰ Acreditamos que o desaparecimento desta prática a partir de 1915 deve-se à crescente influência do movimento pacifista, surgido no início da década de 1910, durante os anos da I Guerra Mundial. Este movimento encontrou bastante receptividade no meio operário, sendo inclusive organizados pelas associações comícios de protesto contra a guerra. Pode-se imaginar o mal estar e a revolta que surgiriam se por acaso alguma associação utilizasse bandas militares.

¹⁹ - Correio da Manhã, 03/05/1919.

²⁰ - Idem, 29/04/1905.

As comemorações do 1º de Maio ganham a partir de 1903 um novo elemento, os comícios. De início tímidos e com pouca frequência de pessoas, eles conseguiram reunir um número cada vez maior de participantes a cada ano e transformaram-se deste modo na mais importante manifestação do 1º de Maio. Em geral promovidos pelas federações operárias, os comícios ofereciam a oportunidade de uma manifestação que reunisse as várias associações, como acontecia também nas passeatas. Ao mesmo tempo, possibilitavam que um grande número de pessoas, na maioria das vezes na casa dos milhares, participassem das manifestações e, principalmente, ouvissem os discursos dos oradores. Este raio de alcance mais amplo não poderia ser conseguido nas sessões solenes das associações, pois havia o limite físico das salas.

Outro ponto de contato entre os comícios e as passeatas é que em ambos a classe operária surgia unida como um bloco, demonstrando sua força e sua importância. Mesmo nas comemorações promovidas por ofícios específicos, como as sessões solenes, no fundo aqueles trabalhadores sentiam-se como representantes da classe como um todo. Contudo, as divergências que dividiam o movimento operário carioca, agravadas a partir da década de 1920, estenderam-se também às manifestações do 1º de Maio. Em 1924 comunistas e anarquistas organizaram comícios separados, os primeiros na Praça Mauá e os segundos na Praça Onze de Junho, situação que perdurou até o final da década.

Como demonstrações importantes da união do operariado, as comemorações do 1º de Maio eram objeto de uma atenção redobrada por parte dos militantes. Era preciso garantir que nada desse errado e que os operários se apresentassem orgulhosos de sua classe. Preocupação que se estende aos mais pequenos detalhes, reveladores da importância dos

símbolos para o reconhecimento da identidade da própria classe. Isto pode ser percebido, por exemplo, na proposta para a comemoração do 1º de Maio de 1904 de François Seul, pseudônimo de Francisco Juvêncio Sadock de Sá, militante operário fortemente influenciado pelas obras de Saint-Simon e Augusto Comte.

“Preparar-se com o máximo asseio e ornar-se com o maior gosto as fábricas e oficinas, afim de ficarem em exposição durante este dia.

Nestas mesmas fábricas tocariam bandas de música, ou mesmo orquestras.

Os operários permaneceriam aí em perfeita convivência, devendo os mesmos se cotizarem afim [trecho ilegível].

Terminado este, poderão os operários de todas as fábricas reunir-se em um jardim público, como por exemplo, o parque do campo de Santana, acompanhados das respectivas bandas, onde diversos oradores se fariam ouvir produzindo peças oratórias alusivas ao ato, e tocando as bandas, ou orquestras, peças escolhidas.

Para esta solenidade poderão os próprios patrões concorrer com uma parte da verba necessária.

Lembro também que os operários poderiam fazer uma pequena despesa, afim de se apresentarem uniformizados de calça branca ou de brim pardo, dolman das mesmas fazendas e bonet ou chapéu de palha, trazendo cada um uma fita azul a tiracolo, com a inscrição do respectivo ofício, afim de se fazer a seleção.

As operárias poderão apresentar-se de branco com a respectiva fita a tiracolo.”²¹

²¹ - Brazil Operário, abril/1904.

Parece que a proposta não encontrou muita repercussão, pois não foi objeto de debate nos exemplares seguintes do jornal. Além disso, nas notícias sobre as comemorações do 1º de Maio não há qualquer menção sobre sua colocação em prática. Uma proposta que pretende a confraternização com os patrões, através da ornamentação das fábricas e da ajuda financeira, não seria vista com muita boa vontade pela maioria dos militantes. Acrescente-se a isso o fato de que, para a quase totalidade dos operários, seria muito difícil despendar uma quantia individual para a compra das roupas, pois o salário que recebiam mal dava para alimentar suas famílias.

A preocupação com os detalhes também pode ser percebida em um manifesto do Partido Comunista de 1927. Além de convocar os operários a comparecerem às manifestações do “dia do trabalho”, o texto fornece uma série de instruções quanto ao trabalho dos militantes. Aqui a ênfase não recai sobre a identificação visual dos operários, como as roupas, mas sim na demonstração da força operária e nos efeitos da propaganda.

“Cada uma dessas 70 associações [que serão convidadas para a manifestação] marcará uma sessão solene para o 1º de maio, ao meio-dia. Com a devida antecedência cada uma dessas 70 associações lançará um manifesto convidando os sócios e os não sócios a comparecer à sessão solene, ao meio-dia, na sede. Milhares de exemplares desses manifestos serão distribuídos inteligentemente no seio das massas, afim de abalá-las e interessá-las.

A reunião solene, na sede, começará certamente às 13 horas. Falarão alguns oradores - rapidamente, procurando entusiasmar a massa.

E, às 14 horas em ponto, as reuniões nas sedes serão encerradas e todos convidados a ir ao comício da praça Mauá. A diretoria empunhará o estandarte da associação e

por-se-á à frente da massa.

E, pelas ruas da cidade, desfilarão 70 estandartes de 70 associações com bandas de música tocando hinos proletários.

(...)

O nosso fim é o seguinte: os militantes operários aproveitarão o 1º de maio para uma larga obra de propaganda da organização. A comemoração do 1º de maio deve ser um meio para mostrarmos à imensa massa trabalhadora a necessidade da organização.

Se cada uma das 70 associações levar 100 operários, o comício terá no mínimo 7 mil trabalhadores e trabalhadoras.

(...)

E se cada uma das 70 associações do Rio e de Niterói levar 1.000, o comício terá no mínimo 70 mil operários e operárias.

Será um comício superior ao de 1919.

E, em junho próximo, todas as associações estarão com o número de sócios duplicado. E, em 1928, faremos um comício com 140 mil trabalhadores e oprimidos.”²²

Os dirigentes quase acertaram no número mínimo de participantes do comício, 10.000 segundo A Nação.²³ Entretanto, temos que lembrar que este jornal era francamente favorável aos comunistas e, portanto, pode ter exagerado a verdadeira dimensão do protesto. É interessante perceber o otimismo e a esperança dos dirigentes em relação à participação dos operários nas manifestações de 1º de Maio. A cada ano eles tinham a certeza de que seria superada a marca de 1919, maior manifestação do 1º de Maio da República Velha, que, de acordo com as fontes, variou entre 20 e 60.000 pessoas.

²² - A Nação, 11/04/1927.

²³ - Idem, 02/05/1927.

Entretanto, para atingir este objetivo, os militantes teriam que superar vários obstáculos, como a indiferença dos operários. Muitos preferiam ficar em casa, aproveitando a folga conseguida com a paralisação do trabalho. Se, por outro lado, pretendessem sair e se divertir, opções não lhes faltariam. Vários empresários do ramo do entretenimento promoviam sessões especiais de cinema e espetáculos teatrais. A partir de 1909 o Jardim Zoológico passou a reduzir pela metade o preço de seu ingresso, prática que continua até hoje. Em 1923, os operários e suas famílias puderam entrar de graça na Exposição do Centenário. Segundo a programação, as crianças poderiam brincar gratuitamente nos brinquedos e, no final do passeio, seria oferecido um *lunch* a toda a família.²⁴

No ano de 1915 o 1º de Maio por pouco não se transformou num grande carnaval. O Clube Carnavalesco “Os Fenianos” anunciou sua intenção de realizar um desfile em homenagem a todos os trabalhadores, o que provocou a ira dos militantes operários. Para eles era inconcebível que uma data marcada pelo luto e pelo sangue fosse maculada por uma “indecentíssima esbórnia”. Um protesto, assinado por várias associações e sindicatos, foi entregue ao chefe de polícia, ao prefeito, aos jornais e aos próprios Fenianos. Não resistindo às pressões, o chefe de polícia acabou proibindo a festa.²⁵

Muitos patrões realizavam festas comemorativas do “dia do trabalho” nas próprias fábricas e oficinas. Pretendiam desta forma suavizar o caráter de protesto da jornada e anular as tentativas de paralisação do trabalho por parte dos operários, já que o dia seria considerado como uma folga ou feriado. Além disso, tais eventos reforçavam a idéia de que patrões

²⁴ - *O Paiz*, 25/04/1923.

²⁵ - *Voz do Trabalhador*, 07/04 e 01/05/1915.

e empregados formavam uma mesma família. Um exemplo destas festas foi a promovida pela Companhia América Fabril em 1928. Da programação constavam jogos de futebol entre times de diferentes fábricas, torneio de tênis, jogos de ginástica infantil pelas alunas das escolas da Companhia e, à noite, uma *soirée* dançante na sede da Associação.²⁶

O 1º de Maio era também comemorado por associações políticas, como o Grêmio Republicano Português (1919), e pela Loja Maçônica “Amor ao Trabalho” em diversos anos desde a primeira década do século. Porém o caso mais curioso de comemoração fora do meio operário é o da Confederação Espírita do Brasil. Desde 1876 ela vinha celebrando a data da “glorificação do trabalho”, a princípio no dia 1º de janeiro e, a partir de 1890, no dia 1º de maio. Isto lhe dá a primazia das comemorações do 1º de Maio no Rio de Janeiro, na frente até do próprio movimento operário. Contudo, a interpretação dada à festa pela Confederação divergia em muitos pontos do que o operariado considerava acerca do 1º de Maio. Para esta instituição, a data da glorificação do trabalho e do protesto de reivindicação pacífica, deveria ser comemorada “como inicial da confraternização que se há de dar, evolutivamente, entre a classe produtora e a classe impulsora do trabalho capitalizado, até que desapareça a ficção monetária - o dinheiro.”²⁷ Provavelmente a Confederação mudou a data da sua festa para 1º de maio para que esta tivesse maior repercussão e fosse associada às manifestações operárias.

A questão de quais as formas legítimas de comemoração do 1º de Maio gerava divergências no meio operário. Uma polêmica sobre este tema envolveu em 1903 José Hermes de Olinda Costa, gráfico e um dos

²⁶ - Correio da Manhã, 01/05/1928.

²⁷ - Idem, 01/05/1914.

colaboradores fixos do jornal Brazil Operário, e Antonio Augusto Pinto Machado, associado do Centro das Classes Operárias e um dos diretores da União Operária do Engenho de Dentro. O primeiro, em um artigo intitulado “Pró e Contra - Pelos Operários”, ataca duramente o rumo tomado pela festa do 1º de Maio. Acusa um dos membros da comissão organizadora, Dr. Vicente de Souza, que era também o presidente do Centro das Classes Operárias, de ser um membro da sociedade burguesa e, por causa desta sua condição, de ter facilitado a presença do elemento burguês durante as comemorações. Esta presença teria se manifestado principalmente através de três fatos: o préstito passar em frente ao palacete do Ministério da Justiça; os manifestantes terem beijado os estandartes dos principais jornais; e a presença do chefe de polícia no préstito.²⁸ Pinto Machado, falando em nome da comissão organizadora, tenta rebater as acusações em uma carta publicada na edição seguinte do jornal. Seus argumentos são um relato interessante de como os dirigentes sindicais viam sua relação com os operários.

“Ninguém teve em mira o fazer política (quando assim falo refiro-me à comissão de festival), não somos políticos, não fazemos festas senão com o intuito de assim, pouco a pouco, ir agrupando os proletários, semelhante a uma revista feita aos exércitos que representam a turba multa dos sem nomes, dos quais a maioria não quer compreender os direitos que lhes assistem.

Se o préstito ao passar na secretaria de Justiça parou, se alguém que ia nele falou, disso absolutamente a comissão não tem culpa, pois quem falou é um conhecido cabalista eleitoral, que à comissão não competia fazer calar, nem tão

²⁸ - Brazil Operário, 13/05/1903.

pouco coibir que as sociedades de classe parassem ou deixassem de parar, todos os operários são livres, agiram como melhor quiseram, com ou sem fausto, foi obra de cada um, fruto do seu pensamento.

(...)

Houve, para que negar, uma parte carnavalesca no préstito de 1º de Maio; mas como evitar essa parte?...Era um préstito composto de homens livres, em que cada um andou como quis, deu vivas e morras a quem melhor entendeu, agiu por si e para si. Como quatro pessoas (4), os membros da comissão em atividade, poderiam assumir a responsabilidade de mais de doze mil pessoas?”²⁹

Hermes de Olinda escreve uma resposta em que reitera suas afirmações.³⁰ A polêmica continua a se desenvolver em mais alguns exemplares do jornal, mas já havia se afastado do assunto inicial e passara a envolver trocas de ofensas pessoais. A divergência ocorrida entre os dois militantes demonstra claramente duas situações. Uma é a existência de diferenças, dentro do movimento operário, de interpretação do significado do 1º de Maio. Interpretação que influencia diretamente a forma de comemoração, ou mesmo de não realização desta, defendida pelo operário ou por algum grupo. A outra é a liberdade com que os operários comemoravam, muitas vezes com atos e palavras que fugiam completamente ao controle dos dirigentes. Em seu esforço para retirar da comissão qualquer responsabilidade pelos acontecimentos, Pinto Machado acabou por atribuir aos operários uma liberdade quase que absoluta. É um pouco difícil aceitar que os dirigentes não tivessem qualquer controle, ou melhor influência, sobre o operariado. Apesar de “homens livres”, os operários freqüentavam

²⁹ - Brazil Operário, 01/06/1903.

³⁰ - Idem, 1ª quinzena/julho/1903.

as associações e sindicatos, participavam de festivais, greves e comícios e, deste modo, tinham uma noção no mínimo vaga sobre as idéias defendidas pelos militantes. Temos que nos lembrar também, por outro lado, dos operários que se mantinham afastados de toda e qualquer ação do movimento. A classe operária, portanto, não era um todo homogêneo, apresentando em seu interior uma profunda diversidade de pensamentos e atitudes. Desta forma, garantir que a maioria do operariado comemorasse da forma correta o 1º de Maio era um dos grandes desafios dos militantes, e um dos assuntos que mais os perturbavam.

Uma boa parte dos militantes, dentre eles principalmente os anarquistas e os sindicalistas-revolucionários, consideravam que o 1º de Maio não era um dia de festas e comemorações, mas sim de protestos e de luta contra o capitalismo. O fato de o operariado dar um perfil mais festivo à jornada e, mais grave ainda, participar dos eventos patrocinados pelos patrões, indignava esses militantes. E essa indignação está presente em todo o período analisado por nós. A questão do “dia do trabalho” foi tema de uma das resoluções do 1º Congresso Operário Brasileiro, em 1906:

“Considerando que o operariado, agrupando-se em sociedade de resistência, afirma por esse simples fato a existência de uma luta de classes, que ele não criou, mas que se vê forçado a aceitar;

(...)

que, portanto, não se pode realizar uma “festa de trabalho”, mas sim um protesto de oprimidos e explorados;

que a origem histórica do 1º de maio, nascido da reivindicação, pela ação direta, das 8 horas de trabalho, na América do Norte, e do sacrifício das vítimas inocentes, em Chicago, impede que essa data seja mistificada pelas festas favorecidas por interessados na resignação e imobilidade do proletariado;

o “Primeiro Congresso Operário Brasileiro” verbera e reprova indignamente as palhaçadas feitas no 1º de maio com o concurso e complacência dos senhores;

incita o operariado a restituir ao 1º de maio o caráter que lhe compete; de sereno, mas desassombrado, protesto, e de enérgica reivindicação de direitos ofendidos ou ignorados;

estimula vivamente as organizações operárias à propaganda das reivindicações, afirmando o 1º de maio;

(...).

Considerando que o fato do governo tornar feriado o 1º de maio equivale a subornar um adversário que o ataca; o que é, portanto, uma mistificação perniciosa;

O Congresso aconselha aos operários e respectivos sindicatos, que, no caso de ser decretado feriado, inicie forte propaganda no sentido de patentear a incompatibilidade da adesão do Estado a tal manifestação; que é revolucionária e de luta de classes, apontando o seu trágico epílogo a 11 de novembro de 1887.”³¹

A corrente ideológica predominante no Congresso foi a sindicalista-revolucionária e, assim, não é difícil entender a predominância no texto das idéias sobre o 1º de Maio defendidas por essa corrente, das quais já falamos um pouco acima. O ponto fundamental da resolução consiste no repúdio enfático, inclusive com a utilização de palavras fortes como “palhaçadas”, da maneira como o 1º de Maio vinha sendo comemorado. As festas não condiziam com a origem trágica e sangrenta da data, além de serem apoiadas pelos capitalistas, interessados na inércia do operariado. Apoio que, tudo indicava, podia ganhar o reforço do Estado. A preocupação dos delegados do Congresso com a possibilidade de o 1º de

³¹ - Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro. *Apud* Edgar Rodrigues. Alvorada operária. Rio de Janeiro, Ed. Mundo Livre, 1979, págs. 101 e 102.

Maio ser transformado em feriado tinha sua razão de ser, pois em 1902 o deputado Sampaio Ferraz apresentou na Câmara um projeto tornando a data uma das “festas nacionais”.³²

A resolução do Congresso influenciou de forma direta as comemorações daquele ano. As associações e sindicatos deram preferência a festejos internos, o que pode ser demonstrado pelo aumento do número de sessões solenes, de seis em 1905 para catorze em 1906, e pela falta de apoio das federações ao comício do Largo de São Domingos. A União Operária do Engenho de Dentro declarou que “de acordo com o resolvido no 1º Congresso Operário Regional Brasileiro, a União só realizará internamente as festas de 1º de maio, sem pompa, sem música nem buffet.”³³ Em 1907 a Federação Operária do Rio de Janeiro voltou a promover um grande comício e o número de sessões solenes caiu para cinco. Talvez os militantes tenham percebido que os festejos externos, como os comícios e as passeatas, causavam um impacto maior e atingiam um número mais amplo de pessoas do que os festejos nas sedes das associações e sindicatos.

Algumas vezes as associações recusavam-se a participar das manifestações por discordarem da maneira como elas eram feitas. Foi a decisão tomada, por exemplo, pela Associação de Resistência dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas em 1908 e 1910 e pela Associação dos Trabalhadores em Carvão e Mineral em 1920. Em 1908 a Associação dos Cocheiros fez publicar um longo manifesto, onde explica as razões de

³² - O projeto foi apresentado no dia 30 de abril. Na sessão de 7 de maio ele foi enviado à Comissão de Constituição, Legislação e Justiça para que fosse feito um parecer. Contudo, nenhum parecer foi efetuado e o projeto nem chegou a ser votado. Correio da Manhã, 30/04/1902 e Anais da Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902, volumes 3 e 4.

³³ - Correio da Manhã, 25/04/1906.

sua decisão. Após acusar o capitalismo de tentar transformar a data em uma simples “festa do trabalho”, afirma que

“Considerando ainda que a celebração desta data não tomou ainda o caráter de verdadeiro preito de homenagem a aqueles que sacrificaram suas vidas em prol dessa causa santa;

Considerando, finalmente que a falta de coesão entre as classes agremiadas as tem conduzido à representação falsa quanto à comemoração desta data, fazendo assim retardar a compreensão do puro ideal pelo qual foram vitimados aqueles companheiros, precursores da reivindicação operária, resolveu em assembléia realizada a 26 de abril p.p., não sair em passeata, transferindo sua sessão solene para domingo, 3 do corrente, às 7 horas da noite, esperando o comparecimento de todos os associados.”³⁴

A primeira década do século XX marca a consolidação do 1º de Maio como a data máxima do operariado carioca. A participação das diversas categorias de trabalhadores nas comemorações aumenta a cada ano e a repercussão da data cresce até mesmo entre as outras classes sociais. Ao mesmo tempo que o Primeiro de Maio foi adquirindo um significado cada vez maior para o operariado, pode-se perceber alguns esforços das classes dominantes em criar a sua própria “festa do trabalho”. Essas tentativas de apropriação muitas vezes tiveram o apoio do Estado. Em dezembro de 1895, por exemplo, a Comissão Executiva da Festa do Trabalho, composta majoritariamente de representantes da imprensa, requereu ao Prefeito do

³⁴ - Correio da Manhã, 01/05/1908.

Rio de Janeiro um donativo para auxiliar na organização da festa que iria homenagear em 1º de janeiro de 1896 “o labor de todas as classes sociais (...)”. A comemoração deve ter sido realmente imponente, pois em 2 de janeiro de 1896 a Comissão pediu um donativo auxiliar para cobrir um déficit de 80.000 réis. Aproveitou ainda para agradecer a “generosa declaração” do Prefeito durante a festa da véspera.³⁵ Entretanto, a homenagem não deve ter chamado muita atenção, pois não foi publicada qualquer notícia a esse respeito em O Paiz e no Jornal do Brasil, dois dos principais jornais da época. Note-se ainda que a festa foi realizada na antiga data reservada pela Confederação Espírita do Brasil para a celebração da “glorificação do trabalho”.

Na década de 1910 o governo do Marechal Hermes da Fonseca empreendeu uma intensa campanha de apropriação do 1º de Maio. Esta campanha, a nosso ver, pode ser considerada como um dos pontos do trabalho de aproximação do governo em relação aos operários. Fonseca foi o primeiro candidato à República que tratou em sua plataforma da questão operária. Além disso, seu governo era apoiado por um grupo de republicanos radicais que defendiam um maior contato com os operários como uma forma de “legitimar” o governo, através da sustentação das massas populares. Sua política repercutiu bastante no meio operário, encontrando apoio em vários sindicatos e associações, principalmente os “amarelos”.³⁶

A campanha de apropriação possuía dois eixos principais. O

³⁵ - Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, cód. 43-3-78, fl. 01.

³⁶ - Claudio Batalha. Le syndicalisme “amarelo” à Rio de Janeiro (1906-1930). Tese de Doutorado em História, Université de Paris I, 1986 e Déa Ribeiro Fenelon. “O congresso Operário de 1912.” Anais do IV Encontro Regional de História de São Paulo. São Paulo, ANPUH/UNESP, 1980.

primeiro foi a tentativa de monopolização das comemorações do 1º de Maio nas mãos do governo. Em todos os anos do período em que Hermes da Fonseca esteve no poder ocorreram atos oficiais em homenagem à data. Em 1911 o Presidente da República, juntamente com outras autoridades, lançou a pedra fundamental da “Villa Proletária Marechal Hermes”, próximo a Deodoro, no subúrbio da cidade. Várias associações operárias participaram da cerimônia, que atraiu, de acordo com o Correio da Manhã, cerca de 5.000 pessoas. No mesmo dia o Marechal compareceu a uma solenidade na Avenida Salvador de Sá, a primeira construída na cidade para moradia exclusiva de operários.³⁷

Nos anos seguintes as comemorações continuaram a ser realizadas na Villa Proletária. Para celebrar o primeiro aniversário do lançamento da pedra fundamental, foi programada a Festa das Árvores, da qual constou o plantio de diversas mudas, inclusive pelas mãos de d. Orsina da Fonseca, esposa do Presidente.³⁸ Em 1913 é inaugurada a “Estação Marechal Hermes”, cerimônia que contou com a participação de diversos sindicatos, dentre eles vários “amarelos”. Enquanto isso, no comício do Largo de São Francisco, os oradores protestavam contra “os festejos que se efetuavam, naquele momento, na Villa Proletária, aliás, incompatíveis com a verdadeira significação do 1º de maio.”³⁹ No ano seguinte é inaugurada uma parte da Villa. Dentre as associações presentes destaca-se a dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas, a mesma que, anos antes, havia se recusado a participar da passeata de 1º de Maio.⁴⁰

³⁷ - Correio da Manhã, 30/04 e 02/05/1911.

³⁸ - Correio da Manhã, 30/04/1912.

³⁹ - *Idem*, 30/04 e 02/05/1913.

⁴⁰ - *Idem*, 30/04/1914.

O outro eixo da campanha de apropriação foi a transformação progressiva do 1º de Maio em feriado oficial. Alguns passos deste processo podem ser percebidos com clareza. Em 1902, como já foi mencionado acima, o deputado Sampaio Ferraz apresentou um projeto de lei tornando a data uma das “festas nacionais”. Quatro anos depois, é decretado feriado na cidade de Niterói.⁴¹ A partir de 1912 o dia passa a ser considerado ponto facultativo nas repartições públicas, a princípio apenas nas municipais e, posteriormente, também nas federais. Finalmente, em 26 de setembro de 1924, o presidente Artur Bernardes decreta que o 1º de Maio passaria a ser considerado feriado nacional.⁴² O objetivo deste processo era bem claro. A paralisação do trabalho por parte do operariado era uma das formas de protesto levadas a efeito durante a jornada do 1º de Maio. Transformando-se o dia em feriado, ou mesmo simplesmente concedendo-se o ponto facultativo, conseguia-se retirar dos operários a iniciativa da paralisação. O operário não mais iria se ausentar do trabalho porque daquela forma ele estava enfrentando seu patrão e mostrando-se solidário a seus companheiros, mas porque o governo havia concedido a folga. E o governo não se furtaria a alardear aos quatro cantos que tomara aquela decisão para “homenagear todos os trabalhadores”.

Estas tentativas de apropriação do 1º de Maio por parte do Estado não passaram despercebidas aos militantes operários. Em 1906, como já foi visto, a resolução do 1º Congresso Operário Brasileiro sobre a data alertava contra uma possível tentativa do Estado no sentido de transformá-la em feriado. A questão voltou a ser discutida nos dois congressos seguintes. Em 1913, a resolução apenas reafirma as decisões do

⁴¹ - Idem, 28/04/1906.

⁴² - Del Roio, *Op. cit.*, pág. 141.

congresso anterior e parabeniza o “proletariado consciente de todo o país”, que tem comemorado a data “de maneira digna, não com festas e manifestações engrossativas a quem quer que seja, mas com o seu verdadeiro caráter de protesto contra o regime de opressão patronal a que está subjugado (...)”.⁴³ Já o terceiro, em 1920, dedica bem mais espaço ao assunto.

“Considerando que o dia 1º de Maio é um dia de protesto e não de festa;

Considerando que a burguesia com os seus convites capciosos e hipócritas aos trabalhadores tentando desviá-los do verdadeiro caminho da solidariedade e do entendimento mútuo;

Considerando que esses convites maléficos aos trabalhadores para assistir missas e festas têm como único fim, fazê-los esquecer as dores e afrontas que sofreram os nossos camaradas de Chicago;

Considerando que, como conscientes que somos, não podemos nem devemos aceitar festas que partam do capital ou do Estado, em tempo algum, quanto mais no dia 1º de Maio, que nos deve inspirar revolta contra a opressão e obstáculos que movem o Estado e o capital burguês, na jornada das 8 horas de trabalho;

Protesto energicamente contra os convites feitos por elementos estranhos aos trabalhadores, pois este dia é o de reivindicação proletária, sendo esses convites contrários aos nossos sentimentos e vêm afrontar a nossa dignidade, e ludibriar as nossas aspirações, tentando levar-nos para um caminho oposto ao das nossas aspirações.”⁴⁴

⁴³ - Relatório da Confederação Operária Brasileira contendo as resoluções do Segundo Congresso Operário Brasileiro. In: Michael M. Hall & Paulo Sérgio Pinheiro. A classe operária no Brasil. São Paulo, Alfa-Ômega, 1979, pág. 218.

⁴⁴ - A Voz do Povo, 01/05/1920.

Note-se como no texto é feita uma referência explícita às festas promovidas pelo Estado e pelo capital, enquanto que a resolução de 1906 menciona apenas as “festas favorecidas por interessados na resignação e imobilidade do proletariado”. Em nenhum momento ela define de forma clara quem são estes interessados. Já o espaço dedicado ao tema e a maneira mais objetiva e direta como este foi tratado em 1920 apontam, a nosso ver, para uma percepção, por parte dos militantes, de que a reação ao processo de apropriação empreendido pelo Estado deveria ser mais eficiente e enérgica.

Mas a apropriação não chegou a ser completada. A interpretação de que o 1º de Maio era uma “festa do trabalho” chegou a ser adotada por uma significativa parcela do operariado, mas o caráter de protesto da data não deixou de existir. Mesmo nos anos em que houve a concorrência das comemorações promovidas pelo governo, que contavam com o apoio de vários sindicatos “amarelos”, continuaram a ocorrer manifestações operárias, ainda que em número reduzido, como em 1911 e 1912. O governo do Marechal Hermes da Fonseca não conseguiu monopolizar em suas mãos as comemorações e nem anular de forma definitiva a ação das associações e sindicatos, principalmente os das correntes anarquista e sindicalista-revolucionária. Com o fracasso desta campanha, os governos seguintes mudaram de tática. Passaram a reprimir com mais força as comemorações e aceleraram a transformação da data em feriado, através da extensão do ponto facultativo aos operários federais. Não por acaso, estas medidas foram primeiramente postas em prática em 1917, ano de grandes manifestações operárias no 1º de Maio. Durante a década de 1920 a ação

policial intensificou-se, tornando-se cada vez mais violenta.

A repressão policial e a campanha de apropriação influenciavam bastante as comemorações do 1º de Maio. Os anos de ação policial muito violenta, ou de situações extremas, como o estado de sítio, caracterizavam-se, como é natural, por uma redução nas dimensões das manifestações. Também influíam de forma direta as flutuações do próprio movimento operário. Podemos citar como exemplo os anos de 1915 e 1916, marcados por uma grave crise econômica e por um momento de retraimento do movimento operário;⁴⁵ estes foram anos de reduzidas comemorações do 1º de Maio. Foram realizadas pouquíssimas sessões solenes, nenhum festival e, em 1916, não houve sequer o tradicional comício. Por vezes a ausência de comemorações baseava-se em outras razões. Em 1915 a Sociedade União dos Foguistas resolveu não comemorar a data “por motivo da guerra européia, em cujos campos de batalha têm morrido centenares de operários.”⁴⁶

O ano de 1917 marca uma mudança na situação em que se encontrava o movimento operário. A classe operária parece ter despertado da apatia em que havia estado nos anos anteriores. Impulsionado pela intensa campanha contra a carestia e a guerra, o operariado carioca volta a participar ativamente das manifestações do 1º de Maio. Milhares de pessoas, 6.000 segundo A Razão, 20.000 de acordo com o Correio da Manhã, compareceram ao comício promovido pela Federação Operária do Rio de Janeiro na barreira do Senado.⁴⁷

A agitação continuou durante todo o ano. A grande greve geral

⁴⁵ - Boris Fausto. Trabalho urbano e conflito social. São Paulo, DIFEL, 1986, pág. 133.

⁴⁶ - Correio da Manhã, 01/05/1915.

⁴⁷ - A Razão, 02/05/1917 e Correio da Manhã, 02/05/1917.

de julho, em São Paulo, incentivou a eclosão de paralisações no Rio de Janeiro, e em outros pontos do país. A entrada do Brasil na guerra forneceu ao governo o pretexto ideal para o emprego de medidas duras de repressão, como a decretação do estado de sítio em novembro.⁴⁸ Mesmo sob condições tão adversas, as comemorações do 1º de Maio em 1918 superaram as expectativas. O número de sessões solenes aumentou de maneira extraordinária, passando de duas no ano anterior para treze.

Por causa da conjuntura vivida naquele momento o comício, promovido pela União Geral dos Trabalhadores, teve que ser realizado em um lugar fechado, o teatro Maison Moderne. Mas os limites físicos não impediram que 10.000 pessoas, sempre observadas por agentes da polícia, participassem da manifestação.⁴⁹ Para alguns militantes as comemorações de 1918 foram um belo exemplo de uma verdadeira jornada de 1º de Maio.

“As comemorações efetuadas no dia 1º de Maio p. p., nesta capital, vieram demonstrar plenamente a transformação do espírito do proletariado brasileiro, principalmente do Rio de Janeiro, em face da tese reivindicadora, (...).

E tanto assim é que não se viu, este ano, aquelas célebres demonstrações de regozijo de há anos passados, onde grupos de operários, enfarpelados de novo, pondo à sua frente um estandarte e uma banda de música, percorriam as ruas da cidade em vivórios ao *patronato* e ao *trabalho*.

Felizmente aqueles atos caricatos já desapareceram e a prova do que afirmo foi a comemoração deste ano, com solenidades internas, altamente significativas, em seus templos associativos, e ali sentiram-se concomitantemente as manifestações de pensamento dos trabalhadores,

⁴⁸ - Fausto, *Op. cit.*, pág. 160.

⁴⁹ - Liberdade, 2ª quinzena/maio/1918.

transfundindo todos uma certa deficiência de preparo para as lutas de reivindicações, constando assim a benemerência daqueles que, pela propaganda já conseguiram [trecho ilegível] para a grande cruzada da emancipação.”⁵⁰

A intensa agitação iniciada em 1917 atinge seu auge em 1919. O fim da guerra e a onda anti-capitalista que percorre a Europa compõem o pano de fundo das grandes mobilizações. Este será o ano da maior comemoração do 1º de Maio no Rio de Janeiro durante a República Velha. Milhares de pessoas reuniram-se no comício, realizado pela primeira vez na Praça Mauá, seguindo depois em um préstito que percorreu as principais ruas da cidade. Mais uma vez há divergências quanto ao número exato de participantes: 20.000 de acordo com o Correio da Manhã, mais de 50.000 pelo O Graphico e 60.000 segundo A Razão.⁵¹ A participação em anos anteriores girou sempre em torno de, no máximo, 10.000 pessoas. Como nas fontes todos são unânimes em afirmar que esta foi a maior manifestação até então, certamente este número foi ultrapassado.

A grande afluência ao comício deveu-se em parte à campanha preparatória empreendida pelas associações e sindicatos, que programaram sessões solenes em suas sedes e divulgaram intensivamente as manifestações do dia. Junto a isto, a aceitação da data como feriado pela maioria das empresas comerciais e industriais pode ser apontada como razão do sucesso da jornada.⁵² Provavelmente esta decisão favoreceu a ida de um número maior de operários ao comício, mas não anula o fato de que eles

⁵⁰ - O Graphico, 16/05/1918.

⁵¹ - Correio da Manhã, 03/05/1919; O Graphico, 16/05/1919 e A Razão, 03/05/1919.

⁵² - Correio da Manhã, 30/04/1919.

preferiram comparecer a uma manifestação de protesto ao invés de ficar em casa ou de aproveitar o dia com alguma diversão.

A impressão deixada pelas manifestações, nos contemporâneos, foi a de uma fantástica grandiosidade, de uma demonstração de união e solidariedade como jamais havia sido vista. É a opinião, por exemplo, do jornal diário A Razão:

“Temos os olhos ainda cheios do espetáculo grandioso, imponente, incomparável, que foi a comemoração do Dia do Trabalho, este ano, na capital da República. (...).

Aliás, nunca no Brasil se assistiu a uma demonstração daquela natureza - demonstração da força organizada, da fé consciente, da coesão espiritual, da mais perfeita harmonia de aspirações, pensamentos e energias de 60.000 homens, concentrados numa praça como um inteiriço bloco de ferro, tão poderosa era a solidariedade que como uma formidável corrente de aço, tão vibrante era o entusiasmo que os movia. (...).”⁵³

Para os militantes operários as manifestações representavam também o despertar da classe operária e o sinal claro de que o dia da vitória contra o capitalismo não estava longe.

“A extraordinária animação do Primeiro de Maio deste ano, que excedeu muitíssimo à expectativa geral, pode, com toda a razão, ser considerada como um sintoma magnífico do despertar das classes trabalhadoras do Rio de

⁵³ - A Razão, 03/05/1919.

Janeiro.

A paralisação do trabalho, embora não tivesse sido total, abrangeu um mais avultado número de classes, conseguindo contar entre elas a dos gráficos, o que constitui um fato digno de especial registro.”⁵⁴

“O primeiro de Maio de 1919 foi, para o Brasil, o alevantamento moral das classes laboriosas, demonstrando na união do grande préstito - o maior que vimos na principal rua da nossa capital - que dentro de poucos dias será descortinada aos nossos inimigos burgueses a aurora que marcará a vitória que no vernáculo maximalista, chama-se a igualdade de tudo a todos.

(...)

A força que empregamos para engordar os srs. burgueses, também não poderá ser empregada para fazer emagrecer os mesmos senhores?”⁵⁵

O 1º de Maio de 1919 tornou-se um ponto de referência, pois constituiu um momento em que a classe operária, segundo os militantes, mostrou-se unida, solidária e consciente. Reviver, e até superar, aquela mobilização passou a ser um dos objetivos dos militantes. Algumas vezes essa comemoração é descrita de forma quase mítica. Sua localização no fluxo do tempo, apesar de bastante próxima, é colocada como se fosse distante, quase intocável. Os participantes ganham ares de heróis e a atmosfera da cidade parece favorecer os acontecimentos. Este momento de auge representava a esperança de que um dia a classe operária iria conseguir a sua emancipação. Mas, por outro lado, também servia como elemento de comparação com a situação posterior da classe, ou de algumas de suas

⁵⁴ - O Jerminal, 15/05/1919.

⁵⁵ - O Graphico, 13/06/1919. O autor do artigo é José Dias.

categorias. Como no editorial do jornal A Razão, de 1921, e no manifesto da União dos Operários em Fábricas de Tecidos de dois anos depois:

“Há dois anos apenas, e séculos no entanto parecem ter decorrido. A 1º de maio de 1919 o Rio de Janeiro amanheceu sob uma expectativa ansiosa. O proletariado ia realizar uma grande demonstração, comemorando os heróis de Chicago, símbolo das lutas reivindicadoras entre o Capital e o Trabalho. E havia semanas que os preparativos se faziam ativamente. Numerosas, coesas, fortes e disciplinadas, representando realmente a maioria e mesmo a totalidade das respectivas classes, as associações operárias eram respeitadas e temidas.

(...)

Funda, profunda mesmo, foi a impressão causada pelo número, pela ordem e pela disciplina da massa operária, cujo desfilar não deu margem à mais leve queixa, ou reclamação, tal foi a perfeição do policiamento feito pelos próprios manifestantes e da organização e execução do programa.

Os próprios órgãos conservadores não puderam calar nem dispersar a impressão recebida, e o sentimento geral era de que o proletariado carioca se organizara definitivamente e ia consolidar as conquistas já feitas.

(...)

Dois anos são decorridos e a situação se transformou radicalmente.

O proletariado carioca está completamente desorganizado, abatido, disperso, desanimado e desiludido.”⁵⁶

“Companheiros e companheiras:

Uma das mais memoráveis e gloriosas manifestações proletárias nesta capital, foi o sempre lembrado 1º de maio de 1919, cabendo à classe dos trabalhadores em fábricas de

⁵⁶ - A Razão, 01/05/1921.

tecidos um papel honroso e importante, comparecendo em massa compacta à reunião monstro da praça Mauá.

Naquele célebre dia, o capitalismo que neste vasto país edifica a sua riqueza à custa do suor e do sangue proletário, testemunhou uma formidável e promissora manifestação do descontentamento e do protesto operário, e perturbou-se, cedendo aos poucos alguma coisa do muito que ele tira pela usurpação aos produtores.

Naquelas épocas, os trabalhadores em fábricas de tecidos, faziam-se respeitar pela sua forte organização, pela sua resistência sempre pronta.

E hoje?!

Ah! Infelizmente os trabalhadores se cansaram com os esforços despendidos nas suas lutas emancipadoras, porém, companheiros, os tempos são passados e outros tempos já são chegados. Precisamos reerguer-nos!”⁵⁷

Este novo momento de retraimento do movimento operário, percebido pelos autores dos textos, refletiu-se também nas comemorações do 1º de Maio. Entre os anos de 1920 e 1923 houve uma queda sensível nas manifestações, principalmente as externas. Os comícios reuniram no máximo 2.000 pessoas. Em compensação, em alguns anos, como 1920 e 1921, o número de sessões solenes aumentou bastante.

O ano de 1924 constituiu outro momento importante da história do 1º de Maio no Rio de Janeiro. As divergências que dividiam o movimento operário chegaram às comemorações. Anarquistas e comunistas planejaram comícios separados, os primeiros na Praça Onze de Junho e os segundos na Praça Mauá. A Confederação Sindicalista-Cooperativista Brasileira, presidida por Sarandy Raposo e claramente “amarela”, chegou a propor um acordo entre as várias tendências. Suas bases seriam o

⁵⁷ - O Paiz, 01/05/1923.

compromisso de que nenhum dos oradores atacaria qualquer uma das correntes adversárias e a constituição de um comitê de propaganda, formado por representantes das três tendências e pelos redatores das colunas operárias de todos os jornais.⁵⁸ Mas o esforço foi em vão. Anarquistas e comunistas mantiveram sua decisão e realizaram os dois comícios, não muito concorridos.⁵⁹ Esta divisão nas comemorações perdurou até o final da década.

Neste mesmo ano, o presidente Artur Bernardes decreta a transformação do 1º de Maio em feriado e impõe o estado de sítio. Como consequência, as comemorações nos anos seguintes sofrem uma redução drástica. Em 1925, dentre as associações operárias, apenas o Centro Operário do Distrito Federal e a Sociedade União Beneficente Primeiro de Maio celebraram a data, com uma sessão solene e um festival, respectivamente. Ao mesmo tempo, o presidente da República e sua família assistiram à posse da nova diretoria do Centro Acadêmico Nacionalista. Os navios da esquadra e as fortalezas localizadas na Baía de Guanabara deram salvas de tiros em homenagem à passagem da data. Além disso, o rancho nos navios e nos corpos de marinha foi melhorado.⁶⁰

Em 1926 o número de sessões solenes aumentou para seis, mas as autoridades policiais permitiram apenas, como manifestação externa, a realização de um comício na Praça Mauá. A preocupação dos organizadores com um possível conflito com a polícia está evidente na recomendação divulgada junto com o convite para o comício: “Terminado o comício, os trabalhadores deverão seguir para as suas associações ou residências, visto

⁵⁸ - Correio da Manhã, 25/04/1924.

⁵⁹ - O Paiz, 02/05/1924.

⁶⁰ - *Idem*, 01/05 e 02/05/1925.

não haver passeata nem outra qualquer manifestação, (...).”⁶¹

A primeira comemoração do 1º de Maio depois do fim do estado de sítio, em 1927, foi marcada pela intensa rivalidade entre anarquistas e comunistas. Os anarquistas foram acusados pelos comunistas de semear a desunião entre os trabalhadores ao marcarem um comício separado para a Praça Onze. Desta forma, argumentavam, os anarquistas estavam fazendo o jogo da burguesia, interessada no insucesso da missão histórica do operariado, ou seja, sua derrubada do poder.

“A outra face interessantíssima do 1º de Maio, foi o comício da Praça Mauá, e o obsterismo divisionista dos iluminados indo com a sua igreja para a Praça 11 de Junho, pregar, não as suas doutrinas, mas sim a benemerência do regime burguês e a atacar os comunistas.

Felizmente eles já não iludem mais ninguém. Enquanto na Praça Mauá a multidão era enorme e delirava de entusiasmo, o comício da Praça 11 de Junho era um grupinho que despertava lástima pela ausência de senso dos seus promotores.”⁶²

Mesmo estando dividido o movimento operário ainda assustava os grupos conservadores. A agitação cada vez maior demonstrava como estava longe de ser total o controle sobre os operários. Sem poder atacar diretamente a existência da data de 1º de Maio, ainda mais agora que era considerada feriado nacional, os órgãos conservadores esforçavam-se em atribuir-lhe o significado de grande manifestação da coexistência

⁶¹ - Correio da Manhã, 30/04/1926.

⁶² - Voz Cosmopolita, 15/05/1927.

harmoniosa das classes.

“A data de ontem, dedicada à comemoração do trabalho, foi entre nós intensamente cultuada por todas as classes sociais.

O ritmo da vida nacional, resultante de perfeito equilíbrio de deveres e direitos de todos os elementos de atividade construtora, não permite senão manifestações como as de ontem, de integral identificação coletiva, tal é a eqüitativa distribuição de esforços e responsabilidades por todos os órgãos vivos da economia brasileira.

E foi, portanto, sob a designação genérica de operariado, que bem traduz a equivalência das múltiplas esferas sociais de ação, que todos os nossos círculos festejaram a data simbólica do trabalho.”⁶³

Além disso, estes mesmos órgãos apoiavam abertamente manifestações patrocinadas por grupos pouco identificados com a classe operária. Assim, em 1928 o Correio da Manhã dedicou a maior parte de sua reportagem sobre as comemorações do 1º de Maio ao enaltecimento do comício realizado em Bangu pelo Partido Democrático do Distrito Federal. De acordo com o jornal, cerca de três mil pessoas compareceram ao comício, que teria sido o maior de todos os realizados naquele dia. A principal palavra de ordem exaltada pelos manifestantes foi a da anistia para os presos políticos.⁶⁴ Mas, segundo o jornal operário A Classe Operária, a tentativa de desvio do comício “luta-de-classe” para o “colaboração-de-

⁶³ - O Paiz, 02/05/1928.

⁶⁴ - Correio da Manhã, 02/05/1928. Não por acaso, a anistia era defendida com frequência nas páginas do jornal nesta época.

classe”, segundo seus próprios termos, não obteve tanto sucesso assim: “os trens especiais partiram vazios da Central e os oradores do P.D. foram ouvidos, exceto alguns curiosos, pelos próprios correligionários idos do centro da cidade com eles.”⁶⁵

Nos últimos anos da década a repressão policial sobre as comemorações torna-se mais intensa. Em 1929 militantes do Bloco Operário e Camponês foram presos por distribuir manifestos que convidavam para o comício da Praça Mauá.⁶⁶ Mas a polícia também agia de forma discreta. Neste mesmo ano, um investigador da 4ª Delegacia Auxiliar acompanhou atentamente todos os passos dos associados do Centro Cosmopolita durante o dia.⁶⁷ No ano seguinte a polícia proibiu manifestações externas, comícios e passeatas, permitindo apenas que fossem realizadas comemorações nas sedes das associações. A proibição foi acompanhada de uma rigorosa vigilância, principalmente sobre os comunistas. Dias antes alguns militantes já haviam sido presos. Durante o 1º de Maio a tentativa de realização de um comício na Praça Mauá foi frustrada pela ação policial. Vários militantes, entre os quais Minervino de Oliveira, Paulo de Lacerda e Sadi Garibaldi, e operários foram presos.⁶⁸

O feriado poderia ser em homenagem a “todas as classes sociais”, mas a classe operária não poderia comemorá-lo como quisesse. Os últimos anos da década de 1920 apresentam alguns pontos que irão se tornar a tônica do período seguinte, como a grande repressão do Estado, através

⁶⁵ - A Classe Operária, 05/05/1928.

⁶⁶ - Diário Carioca, 01/05/1929.

⁶⁷ - Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Documentos da Delegacia Especial de Segurança Política e Social, caixa 01.

⁶⁸ - Correio da Manhã, 01/05 e 02/05/1930; Diário Carioca, 01/05 e 02/05/1930.

principalmente do aparelho policial, sobre o movimento operário. O 1º de Maio vai lentamente, durante o Estado Novo, sendo apropriado pelo Estado como mais um meio de propaganda do regime. Mas este assunto, apesar de bem interessante e merecedor de toda a atenção, foge dos objetivos da nossa pesquisa. Ainda temos muito a explorar dentro do mundo do Primeiro de Maio da República Velha.

III - “Vem, ó Maio, saúdam-te os povos, ...”

As comemorações do Primeiro de Maio recorriam a um campo simbólico e ritual composto basicamente de elementos de três tradições: a religiosa cristã, a da Revolução Francesa e a do próprio movimento operário. Com a primeira das tradições a ligação era bem forte. Constantemente nos jornais operários é utilizado o vocabulário religioso. Além disso, é comum o uso de símbolos como palmas e a representação da marcha dos trabalhadores como uma procissão.

Segundo Claudio Batalha,⁶⁹ dentro do movimento operário brasileiro a imagem da Revolução Francesa foi, ao mesmo tempo, em parte importada do movimento operário europeu e parte construída aqui. Esta imagem possuiu três perspectivas interligadas. A primeira é a da Revolução como um paradigma, como um exemplo para o movimento operário. Na segunda perspectiva a Revolução constitui parte integrante da memória do movimento operário, através principalmente da reivindicação da herança da Revolução e da comemoração ritual de seus eventos. Por fim, a Revolução

⁶⁹ - Claudio Batalha. “‘Nós, filhos da Revolução Francesa’, a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX.” Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 10, n. 20, mar-ago 1990, págs. 233-249.

inspirou uma linguagem alegórica e simbólica presente tanto nos discursos quanto na iconografia. Podemos citar como exemplo as alegorias femininas da Justiça, da Liberdade e da Revolução, o barrete frígio e o sol nascente cujos raios representam as qualidades da nova era que figuravam nos estandartes das associações operárias e nas páginas das edições da imprensa operária dedicadas à data.

Ao mesmo tempo, nas comemorações do Primeiro de Maio eram utilizados símbolos provenientes do próprio movimento operário, como as bandeiras vermelhas dos socialistas e as negras dos anarquistas. A própria reivindicação da jornada de 8 horas trazia em si um forte significado simbólico, pois referia-se a uma antiga visão trifuncional do tempo representada pela fórmula dos "três oitos": oito horas para trabalho, oito horas para descanso e oito horas para lazer.

Esta simbologia está presente nos textos literários inspirados no 1º de Maio. Alguns desses textos são os poemas comemorativos, que eram em geral publicados nas edições especiais da imprensa dedicadas à data. Seus autores são, em sua maioria, militantes operários, uns bastante conhecidos, outros nem tanto. A preocupação em escrever um texto simples e didático está sempre presente. O 1º de Maio surge nos poemas como o último dia da sociedade atual, o último momento antes do estabelecimento do mundo futuro. Ao mesmo tempo, ele constitui também uma antecipação, um vislumbamento do que será a vitória operária.

“Operários que andais na labuta incessante,
A sonhar um porvir que vos alente a vida:
É chegado afinal o desejado instante
De entrever que vem perto a hora prometida!

Deixai que o vosso braço, operoso e possante,
Possa, enfim, descansar da luta dolorida;
E que cada um de vós se torne um ser pensante
Para bem compreender vossa missão cumprida.

Não vem longe, de certo a prometida aurora:
Maio já nos sorri, Maio nos traz agora
A esperança fugaz da glória e do realismo.

E quando a hora soar, enfim, dessa vitória,
Poderemos transpor as fronteiras da História
Desfraldando a bandeira ideal do Socialismo!⁷⁰

“(…)
Grande marco miliário à suprema conquista
Do País Ideal onde se esplaina o Lago
Verde-azul da Concórdia a consolar a vista...

Calendimaio! o Sol que te ilumina seja
O último a iluminar as grades da Prisão,
Os muros do Quartel e as fachadas da Igreja;

E amanhã, ao brotar do grande Astro, o clarão,
Que aos seus raios triunfais o Homem por fim se veja
Sobre a Terra, a cantar, liberto do patrão!...⁷¹

A metáfora do sol mensageiro das qualidades da nova era, dentre as quais a liberdade, é muito comum e nos lembra a simbologia da Revolução Francesa. Mas o passado também está presente nos poemas, através principalmente da menção aos acontecimentos de Chicago. Estes dois pontos podem ser percebidos neste trecho de um poema de Lúcio

⁷⁰ - Brazil Operário, 01/05/1904. Autor do poema é Cesar Monteiro.

⁷¹ - A Voz do Trabalhador, 01/05/1913. Autor do poema é Max dos Vasconcelos.

Resende:

“(…)
Vamos todos à conquista,
No novo Sol que se avista,
E muitas léguas não dista,
Do cimo dos altos montes!
É o fanal da Liberdade,
Apontando à Humanidade,
Da futura sociedade
Os fraternos horizontes!

Primeiro de Maio é dia
De luta, não de alegria,
Pois que lembra tirania
Contra os modernos pioneiros!
Dia também de descanso
Para darmos um balanço,
Pois nossos passos no avanço,
Vão prosseguindo ligeiros!”⁷²

Poemas eram também declamados nos festivais operários realizados, em sua maior parte, nas sedes das associações. Constavam ainda da programação conferências, bailes e representação de peças teatrais. Destas últimas uma das mais populares era *Primeiro de Maio*, tradução do original italiano *Primo Maggio* do autor anarquista Pietro Gori, que teve sua primeira representação no Brasil em 1902 na cidade de São Paulo.⁷³

Nossas informações sobre a história e os personagens são muito fragmentadas. Os personagens representam forças sociais, divididas

⁷² - *A Razão*, 01/05/1919.

⁷³ - *O Amigo do Povo*. São Paulo, 15/05/1902.

antagonicamente entre as que lutam pela sociedade anarquista e as que a ela se opõem. Não há exatamente conflitos individuais entre os personagens, mas sim de idéias e discursos.⁷⁴ Deste modo, o anarquismo é representado pelo estrangeiro, que convence, junto com a jovem camponesa, o marinheiro e o operário a não irem trabalhar no 1º de Maio. O contato com o estrangeiro faz com que estes personagens iniciem um processo de transformação social, de conscientização. Há ainda, entre os personagens, um jovem poeta sonhador, um velho camponês ignorante e os defensores dos privilégios e do capitalismo, uma velha dama e um proprietário de terras. A função didática é reforçada por um prólogo, recitado por um dos atores, que explica o conteúdo da peça e o que vários personagens representam.⁷⁵

Ao final deste prólogo um coro começa a cantar o *Hino do Primeiro de Maio*, com a melodia da ária do coro da ópera *Nabucco* de Guiseppe Verdi. Mas no correr dos anos a execução do hino não se limitou às representações da peça. Ele era freqüentemente cantado nas várias manifestações de 1º de Maio e nas cerimônias das associações e sindicatos. Muitos operários conheciam de cor as letras dos hinos mais cantados, que eram impressas e distribuídas por vários sindicatos. Nas manifestações, muitas vezes os participantes espontaneamente começavam a cantar, sem qualquer planejamento ou combinação prévia. O sentimento de união tomava conta de todos.⁷⁶

⁷⁴ - Mariangela Alves de Lima & Maria Thereza Vargas. "Teatro operário em São Paulo." Antonio Arnoni Prado (org.). Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura. São Paulo, Brasiliense, 1986, págs. 218-19.

⁷⁵ - Idem, págs. 218-19 e depoimento de Elvira Boni em Angela de Castro Gomes (coord.). Velhos Militantes: depoimentos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, págs. 44-45.

⁷⁶ - Depoimento de Elvira Boni, *Op. cit.*, pág. 62.

No *Hino do 1º de Maio* a data é colocada como um momento de esperança e de luta contra as injustiças. O 1º de Maio representa a crença em um novo mundo mais justo e melhor e, ao mesmo tempo, constitui seu mensageiro. O grande número de associações com elementos da natureza e com a própria primavera reforça a imagem do renascimento, do despertar de um futuro glorioso.

“Vem, ó Maio, saúdam-te os povos,
em ti colhem, viril confiança;
vem trazer-nos cerúlea bonança,
vem ó Maio trazer-nos dias novos!

Vibre o hino de esperanças aladas
ao grão verde que o fruto matura,
à campina onde a messe futura
já flori sobre as negras queimadas!

Desertai, ó falanges de escravos,
da lavoura, da negra oficina;
um momento de tréguas à faxina,
Ó abelhas, roubadas dos favos!
Levantemos as mãos doloridas,
e formemos um feixe fecundo;
nós queremos remir este mundo
dos senhores da terra e das vidas!

Sufrimentos, ideais, juventudes,
Primaveras de túrbido arcano,
verde Maio do gênero humano,
dai coragem aos ânimos rudes!

Enflorai ao rebelde caído,
com os olhos fixante o nascente,
ao obreiro que luta fremente,

ao poeta gentil, esvaído.”⁷⁷

O 1º de Maio foi uma “tradição inventada” pelos dirigentes do movimento operário, mas foi adotado com entusiasmo pelo operariado de várias partes do mundo. Era visto como uma grande greve internacional, ou seja, um dia em que a paralisação do trabalho ocorria em todo o mundo. Tornou-se a principal ocasião anual e regular em que a classe operária afirmava seu poder e sua presença enquanto classe dentro da sociedade. Em sua expansão pelo mundo, o 1º de Maio ganhou cores nacionais, como a lembrança dos “mártires de Chicago” em muitos países latinos.⁷⁸

No Brasil a esta lembrança logo foi associado o lado de luta e protesto da data. Para evitar que o capitalismo, dentre outras coisas, fizesse mais mártires, era preciso acabar com as desigualdades e injustiças. E isto, de acordo com as correntes mais radicais, só seria possível com a supressão de todo o sistema capitalista e sua substituição por uma nova sociedade. O 1º de Maio representava esta esperança.

Acreditamos que as comemorações do “dia do trabalho” foram, para o operariado carioca, manifestações de sua consciência de classe. Mesmo que o operário não tivesse um conhecimento mais completo sobre todos os significados da data e sobre sua origem, ele sabia que aquele era o seu dia. Ele e todos os seus companheiros de classe eram os principais homenageados e atores da comemoração. Uma prova da penetração do 1º de

⁷⁷ - *Liberdade*, 2ª quinzena/abril/1918.

⁷⁸ - Hobsbawm, *Op.cit.*, pág. 293.

Maio foi o insucesso da campanha de apropriação promovida pelo governo do Marechal Hermes da Fonseca. O operariado não deixou de comemorar do seu jeito e a imagem de “festa do trabalho” não se tornou uma unanimidade.

Unanimidade foi o que faltou também em relação às formas de comemoração do 1º de Maio. Os militantes divergiam entre si, e muitas vezes os operários agiam de maneira totalmente diversa à pretendida por eles. Na verdade, o que está por trás destas divergências são as diferenças de interpretação do 1º de Maio, de seu significado para a classe operária e de seu papel em relação às reivindicações imediatas. Para compreendermos totalmente as comemorações é fundamental a análise destes elementos.

As interpretações do 1º de Maio

Para o operariado carioca da República Velha o 1º de Maio era a data mais importante do seu calendário. Mas a unanimidade terminava aí. Havia divergências quanto à melhor forma de se comemorar a data e quanto à interpretação dada a ela. Até mesmo os grupos mais conservadores da sociedade possuíam uma visão própria do tema.

Neste capítulo analisaremos as diversas interpretações do “dia do trabalho”, quais os grupos envolvidos e qual a sua influência sobre as comemorações. Muitas destas interpretações eram defendidas por vários grupos dentro do próprio movimento operário, como a que considera que o 1º de Maio é um dia de recordação dos mártires do operariado. Abordaremos ainda a importância do 1º de Maio dentro do processo de constituição da consciência de classe entre os operários e quais foram, segundo os militantes do movimento operário, os resultados positivos deste desenvolvimento.

A visão conservadora pode ser percebida principalmente através dos editoriais dos principais jornais diários. Dentre estes muitos se definiam como defensores sinceros e desinteressados dos direitos do operariado. Eles chegavam a manter por diversos anos colunas fixas dedicadas aos interesses

dos operários, onde eram publicadas, dentre outras coisas, convocações para assembléias e eleições, convites para festas e declarações das associações. Apesar destes jornais, como o Correio da Manhã e O Paiz, por exemplo, declararem-se favoráveis aos trabalhadores, nos editoriais eram feitas fortes críticas aos rumos tomados pelo movimento, e o 1º de Maio era transformado na “festa do trabalho” em contraposição ao momento de conscientização, como era encarado pelos operários organizados.

Para buscarmos como os operários interpretavam o 1º de Maio utilizamos como fontes os editoriais e artigos publicados nos jornais operários, e os manifestos preparados pelas associações que saíam na grande imprensa. A penetração dos manifestos entre a população da cidade certamente foi maior do que a conseguida pelos jornais operários, pois a tiragem dos jornais diários era muito superior.

Os manifestos serviam como forma de convocação dos operários para as manifestações, e apresentavam também várias interpretações do 1º de Maio. Neles pode-se perceber muitas vezes com clareza as modificações ocorridas no próprio movimento operário. Na década de 1920, por exemplo, quando os comunistas passaram a ser maioria, os manifestos ganharam análises mais detalhadas da conjuntura econômica e social. Em compensação, a interpretação do 1º de Maio passou a ser mais rígida e limitada, como se fosse permitido apenas repetir as idéias dos dirigentes sobre o assunto. Não somente as idéias eram repetidas, como às vezes também textos inteiros. Foi o que aconteceu com um trecho do manifesto da Comissão Central Executiva do Partido Comunista, publicado em 1924.

“É um dia [o 1º de Maio] de comemoração de todos os mártires do proletariado em todos os tempos; dia de

protesto contra a opressão econômico-burguesa mundial; dia de confraternização proletária; dia em que o proletariado formula à burguesia as suas reivindicações imediatas; dia em que se faz o balanço das conquistas do passado; dia em que se lança a palavra de ordem para o trabalho futuro; dia de demonstração da força e da coesão proletárias; dia em que o proletariado reafirma as suas esperanças de emancipação do jugo capitalista.

Esta é a interpretação comunista do 1º de maio, interpretação ampla e complexa.”¹

Este mesmo trecho foi republicado, com pouquíssimas alterações e sem menção ao fato de ser originariamente um texto produzido pela Comissão Central, nos editoriais das edições de 1º de Maio da Voz Cosmopolita em 1926 e de A Nação em 1927.

“O 1º de maio é um dia de comemoração de todos os mártires do proletariado em todos os tempos; dia de protesto contra a opressão econômica e a reação política da burguesia mundial; dia de confraternização proletária; dia em que o proletariado formula, coletivamente, na praça pública, as suas reivindicações, dia em que se faz o balanço das conquistas do passado; dia em que se lançam as palavras de ordem - de protesto e para o trabalho futuro; dia de demonstração da força e da coesão proletárias; dia em que o proletariado reafirma as suas esperanças de emancipação do jugo capitalista...”²

¹ - O Paiz, 01/05/1924.

² - Voz Cosmopolita, 01/05/1926. O artigo publicado em A Nação no ano seguinte é exatamente idêntico.

A interpretação dada pelos dirigentes do Partido foi adotada como um senso comum, como a visão que deveria ser difundida pelos militantes e operários. Parece que a experiência dos anos de luta deu aos comunistas a certeza de estarem no caminho certo e de serem os únicos representantes legítimos do operariado, pois na republicação de 1927 a frase “Esta é a interpretação comunista do 1º de maio, (...)” foi substituída por “Esta é a verdadeira interpretação proletária do 1º de maio, (...)”.³

Contudo, a visão comunista não era a única. Analisaremos agora mais detalhadamente cada uma destas interpretações, com suas possíveis contradições e choques, e sua repercussão no movimento operário.

I - A lembrança dos mártires

Como foi visto no capítulo anterior, o surgimento do 1º de Maio está diretamente ligado aos fatos ocorridos em Chicago em 1886. A “tragédia de Haymarket” transformou-se, para operários do mundo inteiro, em um exemplo de como a violenta repressão burguesa agia impiedosamente sobre os militantes que somente lutavam pela melhoria das condições de vida de sua classe. Para os operários cariocas o 1º de Maio representava um momento de lembrança e de luto pelos militantes mortos. Estes eram considerados mártires que se sacrificaram, que deram o seu sangue pela causa do operariado e da humanidade em geral. Além dos “mártires de Chicago”, eram lamentadas também as mortes de outros militantes, como a do anarquista espanhol Francisco Ferrer. Outras vezes

³ - A Nação, 01/05/1927.

são mencionadas as pessoas que, naquele momento, estavam sofrendo perseguições em todo o mundo.

“O primeiro de maio é, pois, uma data de protesto. É mister, porém, que este protesto seja extensivo a todas as violências de que é vítima a classe trabalhadora quando se movimenta para a conquista de melhorias. Não obstante serem os mártires de Chicago dignos da nossa mais completa solidariedade, tantos têm sido os crimes perpetrados pela burguesia contra a classe operária, e muito especialmente contra a sua vanguarda consciente, que a tragédia de 87 se reduz às proporções de um símbolo.

Contam-se aos milhares os trabalhadores que, na Itália, Espanha, Hungria, Alemanha, Bulgária, etc., purgam nas prisões o grande crime de trabalhar pela emancipação da classe operária, não contando com o elevadíssimo número de outros companheiros que têm sido assassinados em massa pelos sicários dos capitalistas. Que dizer, pois, da morte de oito companheiros, em comparação com o fuzilamento sumário de centenas de trabalhadores, sem o disfarce sequer de um processo?”⁴

A interpretação do 1º de Maio como um dia de luto e tristeza pelos mártires do proletariado está presente, em todo o período, nos textos das várias correntes do movimento operário. Era, sem dúvida, uma das interpretações mais importantes, influenciando de forma direta as formas de comemoração da data. Como um dia que lembrava lágrimas, o 1º de Maio não podia ser comemorado com festas e manifestações de alegria, mas sim com protestos. Constantemente os mártires eram comparados a apóstolos

⁴ - O Alfiate, 01/05/1925.

incompreendidos de uma causa santa, cujo objetivo final era a salvação da humanidade através do advento de um novo mundo.

“Companheiros, hoje não é dia de festas, foguetórios, bailes, etc., mas sim um dia de protesto, de irmos pedir aos senhores contas do sangue de nossos irmãos derramado para nossa redenção; a estes senhores desta sociedade sem igualdade e sem liberdade.

Eles morreram para nos libertar dos grilhões destes algozes.

Continuemos as obras iniciadas por eles para breve depararmos na estrada da salvação.

Ai de vós, senhores, que dia menos dia recebereis os castigos de tantas carnificinas que haveis praticado.”⁵

Provavelmente, como visto no capítulo anterior, a ligação estreita do 1º de Maio com a tradição religiosa popular foi a principal razão do sucesso da data no Brasil, apesar da ausência de tradições como a celebração da primavera. A referência a elementos religiosos chegou a extremos, como a comparação dos mártires de Chicago a Cristo. É o que faz Antonio Moreira em um artigo em que critica a tentativa dos Fenianos de realizar um carnaval no 1º de Maio:

“Primeiro de Maio de 1915, quanto luto encerras! Não bastavam as vítimas que já recordávamos e ainda temos que recordar as que ora tombam, mais dignas de dor, porque as primeiras morreram por uma causa justa e conscientes de seu papel, ao passo que estas são vítimas das ambições dos

⁵ - O Graphico, 01/05/1916.

poderosos e morrem inconscientemente.

Tudo isso nos revolta, mas, mais e muito mais nos revolta é presenciarmos espíritos retrógados pretendendo chasquear do proletariado, promovendo carnavais no dia que é todo de luto e protesto para as classes trabalhadoras!

Por que não fizeram carnaval na chamada sexta-feira da paixão?

Nesse dia era uma heresia porque se comemora o sacrifício dum homem que teve a ousadia de dizer aos ricos que repartissem seus bens com os pobres, doutrinas suas que tão deturpadas têm sido no decorrer dos séculos.

Pois bem, no 1º de Maio, recordamos o sacrifício dos mártires de Chicago, em 1886, que não foi menos feroz do que foi o do Cristo.”⁶

Para muitos anarquistas a data da execução dos mártires de Chicago, 11 de novembro, também deveria ser comemorada. Segundo Carlos da Fonseca, no mundo inteiro o 1º de Maio, para se impor, teve que rivalizar com essa data, que era a preferida também por uma minoria de socialistas.⁷ Contudo, no Rio de Janeiro o dia 11 de novembro foi comemorado com bem menos frequência do que o 1º de Maio. Dentre as poucas referências de comemorações está a sessão solene promovida pelo Grupo Editor do jornal O Cosmopolita em 1917.⁸ Era mais comum que fossem publicados nos jornais operários artigos explicando a origem da data.

Os operários consideravam que os mártires de Chicago haviam deixado uma obra inacabada. A melhor forma de homenageá-los e de honrar suas memórias seria continuar essa obra, ou seja, lutar incessantemente

⁶ - Voz do Trabalhador, 01/05/1915.

⁷ - Carlos da Fonseca. O 1º de Maio em Portugal. 1890-1990. Lisboa, Antígona, 1990, pág. 15.

⁸ - O Cosmopolita, 01/11/1917.

contra o sistema capitalista. As suas mortes teriam sido em vão se não terminasse o reinado das injustiças e desigualdades. O exemplo dos mártires deveria estimular e dar firmeza aos novos lutadores.

“Comemorando o 1º de Maio nós trabalhadores devemos lembrar-nos de tudo isto, para que a invocação de tantos mártires caídos no campo da luta pela causa da igualdade humana nos sirva de incentivo e encorajamento para continuarmos na luta contra o regime capitalista autoritário até a sua completa extinção.

A maior homenagem que podemos prestar aos mártires de Chicago, é lutar pelos mesmos princípios sublimes que os levaram ao cadafalso.”⁹

Algumas vezes a continuação da luta dos mártires é colocada como uma forma de vingança contra os capitalistas. Estes foram os responsáveis pelas mortes daqueles militantes e, por isso, deveriam pagar pelos seus crimes. O sangue derramado deveria ser vingado.

“Julgavam esses grandes estóicos que suas preciosas vidas podiam ser oferecidas em holocausto da propaganda libertadora!

Como se enganaram!

Os lares em luto, que deixaram pela sua violenta morte no patíbulo, ainda hoje não foram compensados por uma partícula de satisfação, em ver que de fato os obreiros, compreendendo a grandeza de suas idéias e abnegação de seus gestos, tomariam a peito o compromisso de honrar suas caras memórias sacudindo de uma vez para sempre do trono

⁹ - O Graphico, 01/05/1917.

em que se sentam comodamente, os assassinos que decretam sua morte e continuam no mesmo afã a seus seguidores!

Seria é certo, uma vingança, mas era vingança justiceira, humanitária!”¹⁰

Por vezes a luta contra o capitalismo é considerada pelos operários como uma guerra violenta e implacável. O “exército do proletariado” não deveria desanimar, pois a vitória final é certa. Estas idéias são encontradas principalmente nos textos comunistas, como neste manifesto da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro:

“Os pendões rubros, que conduzem a massa ao local de concentração, convocada por seus organismos, não apresentam somente o sangue dos mártires. Têm uma expressão mais viva!

É a bandeira da guerra desfraldada pelo exército proletário.

É a característica mais forte da luta permanente que divide as duas classes: exploradores e explorados. Foi coloreada com o sangue dos mártires, e a rijeza de seus condutores está sendo temperada pelas contínuas provas a que constantemente se submetem.

E esses embates, essa mancha vermelha tem se engrandecido para cobrir maior número de combatentes!

(...)

Combatei sem tréguas, proletariado do Brasil!

Juntai-vos aos demais companheiros de jornada, engrossando a lava do Vesúvio salvador!

Sustentai bem alto o rubro pendão da guerra!

E, se assim procederes, unidos todos, sem distinção alguma, harmônicos, coesos, sereis dignos dos mártires que,

¹⁰ - O Paiz, 01/05/1924. O texto é um manifesto da Aliança dos Trabalhadores em Marcenarias.

pela liberdade, deram suas preciosas vidas!”¹¹

II - A conquista da jornada de oito horas de trabalho

A jornada nas fábricas do século XIX, e até do início deste, era extenuante. Os operários passavam entre 10 e 16 horas trabalhando em um ambiente sombrio e insalubre. Exaustos no final do dia, eles tinham forças apenas para chegar em casa, comer alguma coisa (se tivessem o que comer) e dormir. Em pouco tempo sua saúde já se apresentava debilitada, não sendo raros os casos de doenças como a tuberculose. Os operários literalmente perdiam suas vidas dentro das fábricas.

Assim, a redução da jornada de trabalho significava para o operário uma chance real de ampliação de seu tempo de vida. Com um período maior de descanso, seu corpo se recuperaria muito mais. O movimento operário defendia que a melhor divisão do dia era em três partes iguais: oito horas para o trabalho, oito para o descanso e oito para o lazer. Desta forma estariam perfeitamente equilibrados o dispêndio de energia e a sua recuperação. A origem exata desta fórmula é motivo de controvérsia. José Luiz Del Roio afirma que o rei Alfredo da Inglaterra, no final do século IX, foi a primeira pessoa a propor a divisão do dia em três períodos.¹² Entretanto, segundo um artigo de Duca do Prado publicado no jornal O Graphico, a idéia das oito horas cabe a um antigo médico do rei da Prússia, o professor Hufeland.¹³ Mas o fundamental é que a redução da jornada de

¹¹ - O Paiz, 01/05/1924.

¹² - José Luiz Del Roio. 1º de Maio. São Paulo, Global, 1986, pág. 14.

¹³ - O Graphico, 01/05/1919.

trabalho, simbolizada pela divisão trifuncional do tempo, transformou-se numa das principais reivindicações do operariado no mundo inteiro.

No Rio de Janeiro a questão é debatida desde o início da década de 1890. Para muitos militantes, a luta pela diminuição das horas de trabalho deveria fazer parte do programa básico de qualquer organismo que pretendesse ser um representante legítimo do operariado. Esta, por exemplo, é uma das idéias defendidas por José Augusto Vinhaes, presidente do Centro do Partido Operário, organização de tendência socialista:

“O partido operário, portanto, procede com sabedoria e previdência, colocando em primeiro lugar de suas reivindicações imediatas a diminuição das horas de trabalho, que quer dizer - melhoramento da condição dos proletários, regeneração da raça e, mais ainda, aumento da dignidade e da força intelectual dos trabalhadores, do sentimento mais vivo da necessidade de caminhar coletivamente à conquista de novos aperfeiçoamentos.”¹⁴

A noção de que a redução de horas de trabalho aumenta o bem-estar também está presente nas resoluções sobre o tema aprovadas nos três Congressos Operários Brasileiros. O 1º Congresso, em 1906, afirma que a redução só seria válida se fosse conquistada pelo próprio proletariado e que sua adoção aumentaria o repouso, facilitando, deste modo, o estudo, a educação associativa, a emancipação intelectual e o combate ao alcoolismo. Já o 2º e o 3º Congressos, realizados em 1913 e 1920 respectivamente, deram maior ênfase à necessidade de o proletariado estar organizado e forte

¹⁴ - O Paiz, 26/04/1892.

para conquistar seus objetivos. Além disso, o trabalho extra era considerado prejudicial à limitação da jornada.¹⁵

Seguindo a ação recomendada nas resoluções, várias categorias de trabalhadores lutaram, através de greves e manifestações, pela implantação da jornada de oito horas. O sucesso foi parcial, pois somente algumas categorias conseguiram a redução, como a dos marmoristas em 1905 e a dos têxteis em 1919.¹⁶ Na maior parte dos casos, ou a reivindicação não era atendida, ou os patrões não respeitavam o acordo sobre o horário. Ao mesmo tempo, várias leis sobre essa questão não saíram do papel, como a que regulamentava a jornada dos operários municipais em 1909.¹⁷

“No Brasil, país há 26 anos *democratizado*, num regime que é a *incorporação* do proletariado na sociedade, o operário, na sua maioria, vegeta uma existência de privações, enquanto eles, os tais das legislações e do Estado, vivem fartos, sadios e nédios, com os dentes presos à teta farta da *mãe pátria*. Em ambas as casas do Congresso Nacional, vários projetos têm sido apresentados regulamentando as 8 horas de trabalho, bem como o trabalho dos menores e das mulheres nas fábricas e oficinas, sem contudo se ter cogitado do seu andamento ou da sua aplicação.”¹⁸

¹⁵ - Edgar Rodrigues. Alvorada operária. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1979, págs. 106-107; 136-137; 169-170.

¹⁶ - O Paiz, 01/05/1924 e A Voz do Povo, 22/04/1920.

¹⁷ - O Echo do Mar, 15/07/1909. O projeto de lei foi apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente Ernesto Garcez.

¹⁸ - O Graphico, 01/01/1916.

Os operários tiveram que esperar muito tempo para ver sua reivindicação atendida. Somente em maio de 1932 é afinal regulamentada a jornada de oito horas para o trabalho industrial.¹⁹

A questão da redução da jornada está profundamente ligada ao 1º de Maio. A luta por essa conquista foi o principal objetivo da mobilização norte-americana em 1886 e da resolução do Congresso de Paris em 1889. O 1º de Maio surgiu como uma manifestação internacional a favor da adoção das oito horas de trabalho. Entretanto, nas fontes por nós pesquisadas, a interpretação do 1º de Maio como o dia dessa conquista é bem menos freqüente do que se poderia esperar. A menção das oito horas é feita em referência aos acontecimentos de Chicago, e não como um dos objetivos a serem atingidos através das manifestações. Isto vem confirmar uma das conclusões de Eric Hobsbawm, ou seja, de que em muitos países a reivindicação original do 1º de Maio logo caiu para segundo plano, sendo suplantada em importância por idéias como a lembrança dos mártires.²⁰

Nos poucos textos que tratam do assunto, o 1º de Maio é colocado como o ponto de partida para a conquista das oito horas. Tratava-se de tornar universal o que até então era uma exceção.

“Fazei desde já propaganda do que é o 1º de maio, convidai o operariado a não trabalhar nesse dia e que ele sirva de marco ao início duma estrada a abrir para o percurso daqueles que se disponham a lutar com afã para a

¹⁹ - Del Roio, *Op. cit.*, pág. 145.

²⁰ - Eric Hobsbawm. “A transformação dos rituais do operariado”. Mundos do Trabalho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, pág. 112.

conquista geral das 8 horas de trabalho.”²¹

Por outro lado, em outros textos a jornada de oito horas surge como uma meta já atingida pelo operariado de todo o mundo. Isto não deixa de ser curioso, pois no próprio Brasil, como vimos, a regulamentação do horário de trabalho só foi decretada em 1932. Não seria de estranhar se em outras partes do mundo a situação fosse semelhante. Parece que os militantes acabavam por estender a todos os países uma situação particular, como neste manifesto do Centro dos Operários Marmoristas:

“1º de maio, dia em que os operários norte-americanos se lançaram na luta para a conquista do dia das 8 horas, que hoje é um fato em todo o Universo. Por essa razão, esta data não deve ser esquecida pelos operários, e nem passar despercebida pelos mesmos, porque desta data foi que partiu a luta para a conquista da diminuição das horas de trabalho, e de algumas melhorias, que gozam atualmente as classes trabalhadoras.

A classe dos marmoristas foi uma das que primeiro conquistou o dia de 8 horas de trabalho, cuja conquista data do ano de 1905 e, portanto, os marmoristas não podem deixar passar despercebido esse dia.”²²

Apesar de não ser referida com frequência nos textos sobre o 1º de Maio, a conquista das oito horas de trabalho era um ponto importante das lutas do movimento operário carioca. Tudo que pudesse significar uma

²¹ - A Voz do Trabalhador, 01/04/1914.

²² - O Paiz, 01/05/1924.

melhoria, mesmo que pequena, nas condições de vida dos trabalhadores merecia atenção. Além disso, a divisão do dia em três períodos iguais trazia em si uma forte carga simbólica, como se, desde o seu surgimento enquanto classe, o operariado de todas as partes do mundo não cessasse de lutar por esse direito. Este era o objetivo a ser alcançado.

III - A festa do trabalho

Em alguns textos escritos por operários, nas décadas de 1890 e 1900, pode ser encontrada uma visão bem mais harmônica e conciliadora do 1º de Maio. Este é colocado como um dia de festas em homenagem ao trabalho, principal fator de crescimento e riqueza. Geralmente seus autores são socialistas que, naquele momento, não viam o capital como um inimigo tão perigoso e, por isso, propunham uma comemoração na qual patrões e operários não entrassem em confronto, ou seja, sem qualquer tipo de protesto mais violento por parte dos trabalhadores.

“A comissão abaixo assinada, do Grupo Operário 1º de Maio, vem pedir a seus patrões-industriais, fabricantes e comerciantes em geral, a quantos têm contratado a sua arte e o seu trabalho, permutando-os pelo socorro que serve à subsistência própria e dos seus, a dispensa do dia 1º de maio próximo, em que celebram os seus irmãos de classe, em todas as partes do mundo civilizado, a festa do trabalho, a consagração dos seus direitos e dos seus deveres, consorciados ou irmanados de modo a servir de base e amparo ao progresso social, e fraternizados pela liberdade e pela justiça.

O fechamento das oficinas, nesse dia, não significa o protesto contra a tirania do capital, como têm espalhado os maus socialistas, que em tudo descobrem privilégios e

exceções ruinosas ao bem estar da sociedade.

Ele representa, apenas, uma manifestação festiva e legítima. Interessados na vida da fábrica, da indústria e do trabalho, associam às alegrias, pela nobreza do seu ofício o respeito e a estima dos seus patrões, de cuja prosperidade só benefícios podem esperar os que trabalham para ela.”²³

De acordo com outro autor operário, François Seul, a dignificação do trabalho era o único caminho a seguir para um mundo melhor e mais justo. Sua esperança era de que, em pouco tempo, o trabalho se transformasse na verdadeira religião da humanidade, tornando-se, assim, um motivo de orgulho, e não de vergonha, para todos os trabalhadores. E, para que este objetivo fosse alcançado, era fundamental a colaboração dos representantes do capital.

“Felizmente a colaboração [ilegível] a grandiosa obra da *‘Dignificação do Trabalho’* está provando que no nosso meio o movimento coletivista é pacífico e obedece à mais franca e salutar fraternidade, tanto assim, que, as associações dos operários estabelecidos no Brasil esperam, contam mesmo, com o apoio unânime de todos os espíritos mais proeminentes da sociedade brasileira para chegar ao ponto culminante da sua bela propaganda, generosa e de grande provento para toda a humanidade.

(...)

Resta-me agora dirigir um fervoroso apelo aos políticos, aos magistrados, aos chefes das nações, aos capitalistas e aos homens da ciência, afim de que *honrem o Trabalho* pondo em prática a indicação que o presidente dos Estados Unidos da América do Norte fez na sua última mensagem dirigida ao Congresso: *‘É preciso assegurar o*

²³ - Correio da Manhã, 28/04/1902.

*justo acordo entre o capital e o trabalho’.*²⁴

Contudo, a interpretação do 1º de Maio como a “festa do trabalho” foi defendida, com algumas modificações, de forma mais veemente e constante pelos grupos conservadores da sociedade, principalmente através dos editoriais dos grandes jornais diários. Apesar destes jornais não formarem um bloco absolutamente homogêneo, em termos de tendência política e da linha adotada em relação a várias questões sociais, pode-se dizer que possuíam algumas posições em comum, como a reelaboração do conceito de “festa do trabalho”. Ela foi extremamente útil nos momentos em que o governo tentou apropriar-se das comemorações do “dia do trabalho”, como na década de 1910. Os jornais diários constituíam um poderoso instrumento de divulgação da idéia de um 1º de Maio harmônico e confraternizador. Suas tiragens eram bem maiores do que as dos jornais operários, que apresentavam interpretações, na maior parte das vezes, muito diferentes sobre o tema.

De acordo com estes defensores da “festa do trabalho”, era absolutamente inconcebível que o 1º de Maio, no Brasil, tivesse um caráter de protesto contra o capitalismo. Esta situação só se justificava na Europa, onde havia miséria, infelicidade e ódios seculares entre as classes. O rigor do inverno transformava o 1º de Maio numa grande celebração do retorno do sol e do calor com a chegada da primavera. Como que sentindo o clima de tensão, os governos tomavam medidas preventivas para evitar conflitos mais violentos.

Já no Brasil, este eterno paraíso tropical, não havia qualquer

²⁴ - Brazil Operário, 01/05/1903.

motivo para isto. O lar do operário, pobre mas não miserável, era brindado todos os dias com o calor do sol e com as demonstrações exuberantes da natureza. Além disso, aqui não existia oposição entre o capital e o trabalho, ao contrário, ambos cooperavam entre si para atingir o objetivo maior, o engrandecimento do país. Se os operários brasileiros seguiam os passos das correntes revolucionárias, era apenas por uma tênue identificação com suas idéias, juntamente com um sentimento de solidariedade com seus irmãos de outros países. As boas condições de vida e a ausência de um capitalismo feroz no país davam ao nosso operariado tranquilidade para reivindicar de forma pacífica as possíveis mudanças que julgasse necessárias. Não existia, portanto, razão para a utilização de métodos violentos de luta, e nem para a realização de protestos no 1º de Maio.

“O operariado brasileiro associa-se hoje às festas do trabalho com que os seus irmãos recebem no velho mundo o sol glorioso da primavera, ausente por largos tredos dias.

Vestem-se os troncos negros de glauco esplendor e matizam-se de flores as copas verdejantes, ressurgidas da nudez desolada dos invernos.

Em nossa Pátria, exuberante e feliz, a pompa da natureza e a luz e o calor dos astros não vivem cativos ao despotismo inclemente das estações. O pobre tem sempre o lar iluminado e aquecido e o olhar do proletário encontra todo o dia na alegria festiva de uma natureza fecunda a messe de esperanças que lhe avigora o coração. O sol bemfazejo doura eternamente a cabeça dos seus filhos.

No velho mundo, não. A miséria geme, esqualida e trapejante, no fundo dos antros sórdidos, sem luz e sem calor. A crueza dos invernos cresta e golpeia a face das crianças; a impiedade da natureza enferma e mata e a tirania do capital, dura e desumana, ceva-se na miséria do proletariado.

(...)

Assim, pois, já que aos operários no Brasil não recusou Deus, em dia algum, a luz e o calor de seus astros, as flores e os frutos das suas árvores, cumpre que, sem prejuízo da solidariedade magnânima com os seus irmãos de outras paragens, eles se unam cada vez mais, não para uma revolta que a sua condição não justifica, mas para resistirem às explorações políticas, que é a única coisa que lhes pode quebrantar a força, destruir-lhes a coesão e comprometer-lhes a venturosa condição que lhes deram um Deus, cheio de misericórdia, e uma natureza, estuante de opulência e de fecundidade.

No Brasil não vivem em conflito o dinheiro e o braço e os grandes cometimentos industriais representam, não um meio de exploração impiedosa do operário, porém mais uma oficina onde o seu labor encontra justas recompensas. (...).²⁵

Os autores dos editoriais estão, no fundo, retirando toda a legitimidade das manifestações de protesto realizadas no 1º de Maio pelo operariado. As comemorações festivas, alegres e fraternais são as mais condizentes com a própria índole dos trabalhadores. Além disso, estes deveriam agradecer o privilégio de viver em um país repleto de riquezas naturais e onde o capital é um aliado, e não um inimigo. Contudo, apesar de a todo momento esses autores estarem negando a existência de conflitos, eles também por vezes, principalmente a partir do final da década de 1910, alertam para o grande risco que representava, para sociedade, a recusa em se atender as reivindicações dos operários. Algumas mudanças se faziam necessárias, para que no futuro a sociedade inteira não fosse ameaçada por um movimento revolucionário. Essa contradição revela como a realidade era muito mais complexa do que o quadro apresentado aos leitores.

²⁵ - Correio da Manhã, 01/05/1902.

“Entre nós, as festas comemorativas [do 1º de Maio] realizam-se em vésperas da abertura do Congresso Nacional. Cumpre aos legisladores brasileiros não demorarem ainda a satisfação das necessidades sociais que hoje se manifestam pela voz do nosso operariado. Seria imperdoável que, estando o país em condições excepcionais para resolver o seu problema, continuasse a provocar os desgostos de uma coletividade, cujo traço principal tem sido a paciência e a tolerância.”²⁶

Não apenas a paciência do operariado poderia terminar, como ele também poderia sofrer a influência negativa de acontecimentos externos, dentre os quais os movimentos revolucionários. A sombra ameaçadora da revolução pairava sobre todo o mundo, exigindo atenção e cuidado por parte dos governos. Nunca o velho ditado foi tão oportuno: “Melhor prevenir do que remediar”.

“(…) é preciso não esquecer a rapidez das mutações sociais no momento que atravessamos; e não seria inoportuno que os nossos dirigentes se preparassem, com inteligência e simpatia, para a possível repercussão dos acontecimentos que se passarem na Europa e nos Estados Unidos sobre a mentalidade dos nossos operários. Do estudo das reivindicações, hoje vagamente formuladas, e, talvez, ainda mal compreendidas, decorrerá a facilidade e a tranquilidade, com que adaptaremos, ao nosso meio e às nossas condições, a nova ordem que poderá surgir, como um corolário da guerra e da ascendência política do

²⁶ - Correio da Manhã, 01/05/1923.

proletariado na Europa.”²⁷

O segundo ponto principal da interpretação conservadora do 1º de Maio incorpora a idéia, defendida pelos militantes socialistas, de que a data deveria ser dedicada à celebração do trabalho. Seu maior objetivo não é a lembrança dos mártires ou a reivindicação de direitos, mas sim a homenagem ao trabalho de forma geral. Além de dignificar o homem, o trabalho constitui o grande impulsionador da evolução do mundo. Os operários merecem um lugar especial nesta celebração porque eles são os agentes mais importantes do trabalho. Sem eles praticamente nada existiria, e por isso toda a gratidão possível deve ser manifestada. Contudo, todas as classes sociais devem ser recordadas neste dia, pois no fundo todos os indivíduos são também trabalhadores.

“É hoje o dia dos operários; celebra-se hoje em toda parte a festa do trabalho, que é a força legítima dos povos, porque é a nobilitação do proletariado, é a condição da moralidade social, da ordem e do progresso das nações.

(...)

Todos somos jornaleiros, aplicando cada um as suas aptidões no ramo para que foi preparado, no meio em que encerrou as suas ambições, e por isso nos é a todos simpática a festa dos operários, que não alcançou ainda em nosso país a importância que tem nas grandes cidades européias, mas que se populariza de ano a ano, honrando o trabalho.”²⁸

²⁷ - Correio da Manhã, 01/05/1917.

²⁸ - O Paiz, 01/05/1899.

Esta interpretação do 1º de Maio relaciona-se profundamente, a nosso ver, com o processo, iniciado na década de 1890, de construção de uma nova concepção do trabalho. A ordem burguesa que ora se instalava no país tornava necessária a transformação do homem livre, imigrante ou ex-escravo, em trabalhador. Mas isto só seria conseguido com a mudança da concepção negativa do trabalho, herdada do escravismo, para uma positiva. A sociedade não deveria mais considerar o trabalho como algo humilhante e vergonhoso, mas sim como uma atividade enobrecedora do corpo e do espírito. Ser cidadão passa a significar ser trabalhador.²⁹ A valorização do papel do operariado na sociedade faz parte desse desenvolvimento, que se estende por várias décadas. Os operários não são uma simples mão-de-obra que veio substituir os escravos, mas sim os construtores de toda a riqueza.

Pode-se perceber uma pequena mudança, a partir de meados da década de 1920, nos editoriais dos grandes jornais sobre o 1º de Maio. Passa a ser dada maior ênfase à ausência de conflito entre os interesses do capital e os do trabalho. Ao mesmo tempo, as correntes do movimento operário que denunciavam este conflito são objeto de críticas mais ferozes. Para os autores desses editoriais, defender métodos violentos de luta, como faziam essas tendências, agia, na verdade, contra o próprio operariado. As suas reivindicações deveriam ser atendidas através da elaboração de uma legislação social mais ampla e justa, e não de movimentos revolucionários que ameaçavam destruir a ordem.

²⁹ - Sidney Chalhoub. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo, Brasiliense, 1986, págs. 27-29.

“Observa-se, mesmo nesta capital, a diversidade, quicá o notável antagonismo entre os modos de entender a grande data. Ao passo que algumas associações proletárias convocam seus membros para sessões íntimas e para festas de iniludível fraternidade, outras não hesitam em acentuar o traço vermelho do símbolo, proclamando o divórcio eterno entre as classes laboriosas e o patronato. Não são as segundas, sem dúvida, as que servem melhor os interesses sagrados dos que se curvam, cotidianamente, sobre a banca das oficinas, a permutar seu esforço por um salário.”³⁰

A insistência dos dirigentes operários em considerar o 1º de Maio uma data de protesto e de revolta provocava, segundo os autores, medo em toda a sociedade. A simples aproximação da data exigia do governo fortes medidas preventivas. Além disso, as outras classes sociais passavam a olhar com desconfiança as ações do operariado.

“Ela não tem, decerto, a significação que lhe emprestam os libertários, segundo os quais, em última análise, o dia do trabalho é o dia da revolta dos trabalhadores. Conspurcam-na, assim, além de desfigurá-la, por isso que tornam temeroso esse grande dia, em lugares vários, onde às autoridades se impõem medidas sérias, de prevenção, quando não da maior, mais severa reação. É bem de ver que, julgados através das preocupações e temores que despertam *no seu dia*, não logram os trabalhadores um bom juízo do público em geral.”³¹

³⁰ - Correio da Manhã, 30/04/1924.

³¹ - O Paiz, 01/05/1930. O editorial é assinado por Osvaldo Paixão.

Segundo esses autores, a verdadeira significação do 1º de Maio é a de um momento de confraternização entre as várias classes sociais. Todos os indivíduos, desde o mais humilde agricultor até o maior de todos os cientistas, deveriam se juntar à grande festa glorificadora do trabalho. Pode-se perceber, nos textos, um esforço em apresentar a sociedade como um bloco unido e harmonioso, cujo principal objetivo é o engrandecimento do país. Estas idéias podem indicar o início do processo de desenvolvimento da noção, tão utilizada durante o período do Estado Novo, de que as classes constituem partes de um grande corpo social. As divisões e diferenças internas devem ser dissolvidas, para que surja a unidade entre o povo.³²

“A data de hoje é universalmente consagrada ao trabalho.

Até há bem pouco tempo, só os operários urbanos se associavam entre nós, às demonstrações de regozijo no dia em que se dignificava o esforço transformador do homem na sua passagem por um mundo onde a inatividade já não honra, nem consola ninguém. Presentemente, não. Todas as classes sociais participam desse júbilo, deixando bem claro que não se trata apenas de um evento com repercussão limitada aos círculos dos que cooperam para o engrandecimento do país com a força de seu braço. A nação inteira sente-se feliz em homenagear o trabalho que redime e melhora os povos.

E para aumento de nossa satisfação o 1º de maio passa sempre, no Brasil, suave e alegremente. Nunca deploramos violências ou sangueiras inúteis.

Essa fortuna não nos é assegurada simplesmente pela índole bondosa do nosso povo: ela provém principalmente das condições especialíssimas do ambiente brasileiro.”³³

³² - Alcir Lenharo. A sacralização da política. Campinas, Papirus, 1986, pág. 147.

³³ - Correio da Manhã, 01/05/1930.

IV - A forma de comemoração do 1º de Maio

A interpretação do 1º de Maio como “festa do trabalho”, defendida através dos editoriais dos grandes jornais, provocava a ira da maioria dos militantes operários. Estes acusavam a burguesia e o Estado de patrocinarem os festejos de comemoração da data, tentando, desta maneira, iludir os operários e impedi-los de participar das manifestações de protesto. Ao comemorar com festas o 1º de Maio, o operariado estava, na realidade, colaborando com os seus inimigos. A “festa do trabalho” é um desvio do verdadeiro sentido da data e um desrespeito à memória dos seus mártires.

“Erroneamente e isto por desconhecerem a verdadeira causa que deu margem ao 1º de Maio, grande número de operários o festejam. Por interesse, por bajulação, como um pretexto para salamaleques, muitos indivíduos, exploradores do operariado, preparam grandiosas festanças, ruas embandeiradas, foguetórios, musicatas, tudo enfim para desvirtuar a origem desta data e distrair o trabalhador, pois bem sabem que enquanto ele se vai deixando explorar ingenuamente vão os *amigos dos operários* gozando sem preocupações com o dia de amanhã.”³⁴

João Serapião Palm, em um artigo publicado em 1904, chega a afirmar que a “festa do trabalho” é uma versão moderna da velha fórmula do

³⁴ - A Voz do Trabalhador, 01/05/1913.

“pão e circo” utilizada pelos Imperadores da Roma antiga para evitar revoltas.³⁵ Segundo os militantes, apenas os operários inconscientes participavam das comemorações promovidas pelos seus opressores. A melhor forma, portanto, de modificar esta situação era conscientizar todo o operariado de que aquelas festas não passavam de mistificações do verdadeiro significado do 1º de Maio. Contudo, os militantes teriam muito trabalho pela frente, principalmente porque a burguesia e o Estado contavam a seu lado com um poderoso aliado: a imprensa.

“Algumas nações da Europa e da América têm procurado associar-se a essas comemorações dos trabalhadores organizados, cercando o 1º de Maio das homenagens com que costumam festejar as grandes efemérides de sua história. Mesmo no Brasil, um dos países mais atrasados, em legislação social, já diversas municipalidades, como a da própria capital da República, incluíram entre os seus feriados o Dia do Trabalho.

Mas essas manifestações do Estado são repelidas com razão pelo proletariado consciente, porque apenas visam desvirtuar a significação de sua data perante todos os povos. E debalde a imprensa, servindo aos interesses do capitalismo, engrinalda as suas colunas a 1º de Maio, para emprestar-lhe ares festivos, como se evocasse um evento de alegria e entusiasmo.”³⁶

Para os militantes operários havia outras razões para não se

³⁵ - A União Operária, 01/05/1904.

³⁶ - A Razão, 01/05/1921. O curioso é que este jornal pode ser considerado como pertencente à “grande imprensa”. Talvez deva se atribuir essa declaração contra seus colegas a uma tentativa de provar que o jornal estava realmente ao lado dos trabalhadores.

comemorar o 1º de Maio com festas. Uma delas é a própria origem trágica da data. Este dia deveria ser dedicado ao luto pelos mártires do proletariado, não condizendo, portanto, com demonstrações de alegria e diversão. Da mesma forma como a dor pela morte de um ente querido é expressada pela família através do recolhimento e do silêncio, os mártires devem ser lembrados com lágrimas.

A memória dos que se sacrificaram pela “causa santa” da emancipação do proletariado não pode ser celebrada com festejos que, na realidade, são patrocinados pelos seus algozes. A melhor maneira de homenageá-los é realizando manifestações de protesto, reivindicando os direitos do operariado. É necessário continuar a obra iniciada pelos mártires, vingá-los através da derrocada do capitalismo. E o mais breve possível os operários devem ser conscientizados de sua missão histórica. Para atingir este objetivo, torna-se fundamental que se comemore da maneira correta o 1º de Maio.

“(…) deve-se convir em que a celebração dessa data seja inteiramente conforme com as circunstâncias dos fatos e de seus resultados, isto é, a comemoração do 1º de Maio precisa ser feita de acordo com um só programa geral: por meio de sessões solenes, públicas ou entre as respectivas associações de classe, em que se descrevam clara e lealmente em oratória, em dramas, poesias, ou quaisquer outras formas alusivas, o heroísmo desses bravos companheiros de além-mar, os caprichos da inconsciência humana, a impiedade indescritível, a tristeza e o luto a que só o egoísmo miserável tem sistematicamente lançado o infeliz operário, - fator vital do progresso, do próprio ser das coisas incriminadas ou informes.

As passeatas, os préstitos que se têm exibido estes últimos anos aos olhares do público, ao meu ver, não parecem revelar alusão de espécie alguma aos sucessos que

celebrizaram o 1º de Maio [muito] pelo contrário, se me afigura um préstito alegórico a esses dias consagrados a Momo.”³⁷

“O 1º de Maio não é dia de festas, mas de protesto”, repetem à exaustão os militantes. O operariado neste dia deve deixar clara sua insatisfação com a sociedade vigente e reivindicar os seus direitos. Ao cruzarem os braços, paralisando qualquer atividade nas fábricas e oficinas, os operários demonstrarão aos capitalistas sua importância. O silêncio nos locais de trabalho será uma significativa e eloqüente forma de protesto. A luta contra a opressão e a desigualdade só terá efeito se todos os operários dela participarem.

“Nesse dia, nós, os trabalhadores do Brasil, conscientes do dever que temos perante os trabalhadores dos demais países, não poderemos comparecer aos locais de trabalho! O nosso lugar é nas associações de classe, nos sindicatos, na praça pública, em toda a parte onde se realizem assembleias de protesto contra o patronato prepotente, onde o proletariado relembre as vidas dos seus mártires e faça ou renove a afirmação de que continuará a trabalhar pela perfeita organização das suas associações de resistência e a lutar pela extinção completa do regime capitalista.

(...)

As manifestações que se levarão a efeito no próximo dia 1º de maio, devem assumir proporções de verdadeiras manifestações coletivas!

Todos os operários - sejam do campo ou da fábrica ou oficina, que trabalhem em terra ou no mar - têm o dever de

³⁷ - Brazil Operário, 01/05/1904. Autor do artigo é Antonio Melgaço.

dar a essas manifestações o seu concurso - a todos cumpre tomar parte nas assembléias e nos comícios desse dia.”³⁸

A questão do verdadeiro caráter do 1º de Maio, se de festa ou de luta, também foi objeto de debates em vários congressos operários realizados no Rio de Janeiro. A resolução sobre este tema aprovada no 1º Congresso Operário Brasileiro, em 1906, afirma que o caráter que compete à data é “de sereno, mas desassombrado, protesto, e de enérgica reivindicação de direitos ofendidos ou ignorados”.³⁹ A recusa em se aceitar o lado festivo do 1º de Maio, incentivado, segundo os militantes, pela burguesia e pelo Estado, é enfatizada em outros congressos, como o 2º e o 3º Congressos Operários Brasileiros, em 1913 e 1920,⁴⁰ e o Congresso Anarquista Sul-Americano em 1915.⁴¹ Por diversas vezes, como foi demonstrado no capítulo anterior, as resoluções dos congressos influenciavam diretamente as comemorações na cidade.

Para muitos operários anarquistas não havia, na sociedade capitalista, nenhuma razão que justificasse a realização de festas homenageadoras do trabalho, por parte do operariado. O trabalho apresentava-se como um elemento de opressão, fomentando injustiças, miséria e desigualdade. Era incompreensível, portanto, que fosse transformado em motivo de comemorações e festas.

³⁸ - O Paiz, 27/04/1923. O texto é um manifesto do Comitê promotor das manifestações.

³⁹ - Rodrigues, *Op. cit.*, pág. 101.

⁴⁰ - Para as resoluções do 2º Congresso Operário Brasileiro, ver Michael Hall & Paulo Sérgio Pinheiro. A classe operária no Brasil. São Paulo, Alfa-Ômega, 1979, pág. 218. Já para o 3º, A Voz do Povo, 01/05/1920.

⁴¹ - Na Barricada, 28/10/1915.

“Para afastar-nos da ação que devemos desenvolver no dia de hoje, os governantes e traidores consagram-no como festa do trabalho. Triste ironia! Festejar o trabalho, que na sociedade atual é escravidão econômica e moral será possível?... O trabalho na forma que é executado e retribuído não pode glorificar-se. Glorificá-lo é glorificar a exploração e a miséria; fomentar a resignação, causa básica do regime a que estamos submetidos.”⁴²

Em outro texto, um editorial do jornal anarquista Na Barricada, a recusa em se comemorar o trabalho é colocada de forma bem mais radical. Na primeira parte do texto o autor critica a escolha de um dia determinado, o 1º de Maio, para a luta contra o capitalismo e o surgimento de uma nova sociedade. Todos os dias devem ser dias de luta para o operariado. Além disso, a recordação de todas as vítimas dos governos burgueses no decorrer dos tempos demandaria muitos mais dias durante o ano do que somente um dedicado aos mártires de Chicago. O autor termina concluindo que

“O Primeiro de Maio não é, nem deve ser, portanto, uma data destinada a comemorar este ou aquele fato. É, por enquanto, para nós, uma data como outra qualquer, um dia como todos os demais.

Devemos tê-lo como um dia fatídico simplesmente porque nasceu dele o martirologio de Chicago.

Por que ele recorda o sangue dos mártires?

Não. Devemos combater também mais este ídolo, porque a idolatria prejudica a humanidade no seu avanço.

⁴² - A Manhã, 01/05/1929. O texto é um manifesto da União dos Operários em Construção Civil.

Esta data foi designada naquela época como a teria sido designada outra qualquer; depois, nada se obteve com a proclamação da greve geral em prol das oito horas de trabalho: - continuamos a sofrer as mesmas misérias, as mesmas injustiças e as mesmas opressões.

Só o triunfo nos conduz para a vitória; e, por enquanto, ainda não triunfamos para que tenhamos um dia destinado a comemorar a nossa independência.

E, por isso, enquanto ele não chega, devemos lutar a todas as horas, a todos os momentos, até que surja esse dia e, de uma vez para sempre, comece com ele uma era de paz e harmonia entre toda a humanidade, - uma era de vida nova para todos.

Só então poderemos festejar a nossa páscoa.”⁴³

Contudo, para muitos operários cariocas, o 1º de Maio não era um dia igual aos outros. Ele possuía um significado especial. Era o dia em que afirmavam sua presença enquanto classe, atraindo sobre si a atenção de toda a sociedade. As interpretações da data feitas por diferentes grupos influenciavam, muitas vezes de forma direta, as comemorações. A maior parte dos militantes operários considerava que o dia deveria ser de protesto porque era o mais coerente com sua interpretação do 1º de Maio. Além disso, no seu entender, a comemoração através de festas apenas dava mais força à mistificação representada pela “festa do trabalho”. Eles a todo tempo, nos textos, esforçam-se por marcar claramente sua posição contrária a esta interpretação, patrocinada, segundo eles, pelos inimigos do operariado, ou seja, a burguesia e o Estado. Assim, também fazia parte da luta contra o capitalismo combater os falsos significados atribuídos ao 1º de Maio e as formas errôneas de comemoração.

⁴³ - Na Barricada, 01/05/1916.

V - O dia da grande revolução social

Muitos operários consideravam que a única maneira de se conseguir mais justiça e igualdade para a sua classe, e, por extensão, para toda a humanidade, seria derrubar a sociedade capitalista. Através da revolução social implantaria-se uma nova sociedade, um novo mundo de esperança e felicidade. O 1º de Maio é o prenúncio desta revolução, cujo resultado final, acreditavam, seria certamente a vitória. Quando esse momento chegasse, a obra iniciada pelos mártires de Chicago estaria totalmente concluída, e a sua morte, vingada. Proletários de todo o mundo, reunidos sob a bandeira do 1º de Maio, participariam do processo da revolução.

“Por toda parte do mundo, no dia 1º de maio, todas as categorias de operários de todos os ofícios ou profissões fazem vibrar sua voz e seu gesto de solidariedade internacional, unindo, através das fronteiras, no mesmo impulso fraterno, a classe proletária de todos os países.

Também entre nós, as camadas mais conscientes do proletariado brasileiro erguem seu grito de energia, irmanando-o, altivamente, ao clamor universal dos peitos proletários, que afirmam, à face do mundo, no dia 1º de maio, sua vontade heróica de emancipação.”⁴⁴

Todos os métodos de luta, até os mais violentos, são válidos para se atingir o objetivo. A construção da nova sociedade não apenas

⁴⁴ - O Paiz, 01/05/1923. O texto é um manifesto da Associação Gráfica do Rio de Janeiro.

representaria a grande vitória do proletariado, como também uma forma de vingança pela morte de inúmeros operários no decorrer das décadas. A burguesia deveria pagar pelos seus crimes, principalmente a condenação brutal de inocentes que apenas lutavam para melhorar as condições de vida da sua classe.

“A comemoração dos mártires do proletariado não poderia nunca ser uma comemoração apenas de homenagens e lamentações de Jeremias...

Não julguemos que com simples comemorações fúnebres ou protestos platônicos nos tornaremos dignos do sacrifício dos heróis que tombaram aos golpes da burguesia.

(...)

Para comemorar os nossos mártires, não visamos tornarmo-nos, nós próprios, mártires...Antes, devemos comemorá-los e vingá-los.

Vingaremos também todos aqueles que ainda hoje gemem nas fábricas - sob as mais duras condições de escravidão.

Que devemos fazer?

Desfechar novos golpes contra o poder da burguesia.

Mas é preciso que esses golpes sejam hábeis, seguros e fortes.”⁴⁵

Na guerra contra o capitalismo, a tática é um instrumento fundamental para o proletariado. As derrotas e os fracassos sofridos devem servir como experiência e exemplo. Os erros possibilitarão que as novas ofensivas sejam mais eficientes, e o 1º de Maio constitui um bom momento para esta avaliação. Estas são algumas das idéias expressas em um editorial

⁴⁵ - A Classe Operária, 01/05/1928. O autor é Antonio Silva.

do jornal, de influência comunista, O Alfiate. É bem nítida a preocupação com a organização e solidariedade do proletariado. Além disso, o 1º de Maio não é colocado apenas como uma inspiração para a luta, mas também como fonte de aprendizado.

“O 1º de Maio é para nós o dia para analisarmos as derrotas e as vitórias, seus fins e suas conseqüências, fazendo delas o estudo político, e procurando ao mesmo tempo, tirar dela lições para as lutas futuras, afim de que possamos, com o menor dispêndio de energias e trilhando o caminho mais acertado e rápido, chegar à emancipação proletária.

(...)

Se o punho da desigualdade social já esmagou várias vítimas, nada mais natural do que cerrarmos fileira em torno da causa sob a qual sucumbiram essas vítimas, que é aquela que nos há de trazer o bem estar, abolindo a desigualdade social.

Para chegarmos, no entanto, a essa realidade, várias etapas temos a percorrer.

Mas com perseverança e com o esforço coletivo, tudo faremos.”⁴⁶

Por volta do início do século o discurso dos militantes operários mostra-se bem mais religioso, utilizando com freqüência em suas metáforas palavras do vocabulário cristão. Os mártires são considerados, pelos operários, os precursores da nova sociedade. Ao morrerem pelas mãos da burguesia, eles acabaram por sacrificar suas próprias vidas em favor da “causa santa” do proletariado. Mais ainda, eles foram apóstolos da

⁴⁶ - O Alfiate, 13/05/1926.

“redenção”, da “salvação” final da humanidade. Contudo, muitas vezes os militantes atribuem a si mesmos a denominação de “apóstolos”, como se estivessem se colocando no mesmo nível que seus heróis. Talvez façam isso por acharem que, no fundo, eram os herdeiros da luta iniciada pelos mártires.

“A lealdade e pureza com que temos sofrido resignadamente o jugo opressor dessa corte insaciável de exploradores vis, nos fez gloriosos ante a força das convicções e apresentar-nos como dedicados apóstolos da soberania operária!

E é por isto que hoje contemplamos sorridentes e com a alma rejuvenescida o perpassar deslumbrante dessa data de luz que nos recorda docemente o início de nossa vitória.

É que há na extrema dedicação, nesta grande apoteose de consagração à sublimidade de nosso Ideal, a glória incontestável de um esforço inaudito na rêfrega tremenda que travamos com esses inimigos irreconciliáveis.

E nesta grande luta, em que nós, os apóstolos de tão sublime causa, recebemos, em cada embate vitorioso, um reverbero de crença e fraternidade, e o nosso inimigo - o capitalismo, descortina apenas um óbice a sua sórdida cobiça, e como que a alvorada da reparação de seus erros e cometimentos hediondos.”⁴⁷

VI - O despertar da consciência de classe

Uma das condições necessárias, segundo os militantes operários, para que seja realizada a revolução social é a formação de uma consciência

⁴⁷ - Brazil Operário, 01/05/1903. O autor é Juvenal de Cepercy.

de classe entre o operariado. Através da sua conscientização, este conhecerá a sua missão histórica, ou seja, a de ser o principal agente da derrubada do capitalismo.⁴⁸ Ao contrário, a ausência de consciência leva o operariado a deixar-se explorar de forma desumana pelos capitalistas e a não demonstrar solidariedade para com seus companheiros.

Toda esta questão encaminha-nos para a última interpretação do 1º de Maio: como o dia do despertar da consciência de classe. Nesta data em especial o operariado surgiria como um bloco unido e forte, como uma força avassaladora derrubando todos os obstáculos. Todo um processo anterior de formação da consciência encontraria neste momento seu ápice. A crença na inevitabilidade desses fatos era tão forte, que poucos militantes questionavam a idéia de que em um dia predeterminado os operários se encontrariam prontos para a luta. Apenas alguns anarquistas criticavam, em seus textos, a escolha de somente um dia para o ponto de partida da emancipação. Argumentavam que a luta contra o capitalismo deveria ser levada a efeito todos os dias do ano, pois desta forma as ações do operariado teriam um resultado muito mais prolongado e realmente transformador. Contudo, em um ponto havia praticamente uma unanimidade. O processo de formação da consciência teria que ser conduzido pelos militantes.

“Dar à grande falange do proletariado idéia completa da missão histórica que ela está chamada a desempenhar; mostrar-lhe o caminho que ela deve seguir para alcançar

⁴⁸ - Um desenho publicado na edição de 15/04/1920 do jornal A Voz do Povo mostra o proletariado como um exército avançando em direção à burguesia, representada por um homem gordo. O título é “O ajuste de contas” e sua legenda diz: “Quando surgir a Consciência, o proletariado será um gigante e a burguesia um pigmeu.”

suas reivindicações, e ensinar-lhe a conhecer, no verdadeiro sentido materialista, como se hão desenvolvido na Humanidade as revoluções que nos hão conduzido ao estado de progresso atual, é dever do socialista.

(...)

E sendo a manifestação operária de 1º de Maio uma das demonstrações populares de mais alcance histórico-político, dela nos aproveitaremos para criar consciências, despertar o interesse da classe no sentido de cerrarem suas fileiras para as lutas de suas reivindicações sociais e reunir estas ovelhas desgarradas no aprisco comum, onde unidas poderão afugentar o lobo feroz do parasitismo burguês.”⁴⁹

Por outro lado, em alguns textos produzidos nos anos finais da década de 1920, o 1º de Maio é colocado como uma manifestação da consciência de classe. Esta não seria um objetivo a atingir, pois já estaria formada, pronta. Durante as comemorações do “dia do trabalho” o operariado afirmaria de forma veemente e incontestável a sua força e a sua vontade de emancipação.

“Nesta vasta senzala a que procuram reduzir o movimento proletário os senhores da burguesia, no poder, para melhor se venderem ao capitalismo estrangeiro, é preciso que o nosso 1º de Maio seja a manifestação mais positiva de nossa força e de nossa consciência de luta.

E o proletariado do Rio - cuja decisão e bravura, nas lutas passadas, deve ser uma segura garantia de que não falhará, nesta hora, em que mais se apertam os rigores da reação e mais aumenta a miséria em seus lares, deve vir para a rua, deve conquistar a rua, (...).”⁵⁰

⁴⁹ - Primeiro de Maio, 01/05/1898. O autor do texto é João Azurara.

⁵⁰ - A Classe Operária, 17/04/1930.

Nosso argumento é de que as comemorações do 1º de Maio, durante a República Velha, realmente foram demonstrações da consciência de classe do operariado carioca. É necessário ressaltarmos que esta consciência estava presente em alguns setores, justamente os mais organizados, do operariado, e não na totalidade da classe. Como já foi exposto na Introdução desta Dissertação, entendemos a consciência de classe como um processo histórico em que a classe interpreta em termos culturais as suas experiências. Já a classe surge quando um grupo de pessoas, a partir de uma série de experiências comuns, identificam seus interesses particulares, em contraposição a outro grupo de pessoas cujos interesses lhes sejam opostos.⁵¹ Como se trata de um processo, a formação da consciência de classe não se apresenta totalmente uniforme, homogênea e definitiva. Segundo Adam Przeworski, as classes podem se organizar, desorganizar e reorganizar.⁵² Tal afirmativa pode ser comprovada, por exemplo, pela existência de períodos em que o movimento operário sofreu desaquecimento e, de maneira paralela, em que se reduziram as comemorações do 1º de Maio. Como a consciência de classe interliga-se profundamente com a classe, podemos deduzir que ela também tenha flutuado durante o período estudado.

A consciência de classe não pode ser considerada como um objeto, imóvel e sem vida. Ela apresenta nuances e particularidades que

⁵¹ - E. P. Thompson. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, vol. 1, pág. 10.

⁵² - Adam Przeworski. "A organização do proletariado em classe: o processo de formação de classes". Capitalismo e social democracia. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, pág. 67.

devem ser levadas em conta. Além disso, uma classe nunca é um bloco absolutamente homogêneo, sempre existindo diferenças internas. No caso do operariado carioca, por exemplo, havia uma parcela significativa que pouco participava das várias atividades, como assembléias, eleições e greves. Contudo, grande parte dessa mesma parcela indiferente interessava-se e comparecia às manifestações do 1º de Maio. Estas alcançavam, e isto foi demonstrado no capítulo anterior, um grau de repercussão e de participação entre a classe somente comparáveis aos momentos mais importantes de agitação. Durante o 1º de Maio a consciência do operariado revelava-se de forma mais intensa e clara, constituindo-se, sem dúvida, uma das ocasiões mais importantes de afirmação da classe. E isto era percebido pelos militantes, mesmo que com um certo tom de desapontamento.

“Quem, nesses dias, vê o movimento do operariado, logo futura que ele já compreendeu o quanto vale no momento atual, e que não está longe o dia da sua completa emancipação. Quem o vê e observa nestas vinte e quatro horas, pensa que ele despertou da letargia em que jaz há tantos séculos; mas, no dia seguinte, a desilusão chega e ficamos surpresos diante de tanta indiferença.”⁵³

Não são poucas as vezes em que os militantes operários expressam sua desilusão com a classe. Como foi visto de forma mais detalhada no primeiro capítulo desta dissertação, eles freqüentemente consideravam os operários desunidos, inconscientes e pouco participativos. Contudo, apesar disso os militantes mantinham a esperança de que o quadro

⁵³ - A Vanguarda, 20/05/1911.

fosse se modificar, passando os operários a lutar com afinco pela sua emancipação. Um exemplo disto pode ser encontrado na movimentação da categoria dos gráficos em 1917. Em maio o cenário pintado pelos militantes era bem sombrio:

“Parece incrível, mas é verdade. A última assembléia (a de 2 de Maio), assembléia ordinária, só compareceram a ela os diretores, alguns delegados e... meia dúzia de associados.

Se fosse uma festa, talvez que os nossos colegas fossem mais atraídos, mas como era uma coisa de interesse comum, com o maior indiferentismo os nossos colegas assim o encaram.”⁵⁴

Três meses depois a situação mudara completamente. O movimento grevista de São Paulo acabou estimulando o operariado carioca a também protestar contra as péssimas condições de vida e a reivindicar melhorias. As assembléias da Associação Gráfica, de meia dúzia de associados, passaram a reunir uma multidão. Os militantes, ao mesmo tempo, modificaram totalmente o tom de seus artigos, substituindo o lamento pela exultação. O interesse demonstrado pela categoria era, segundo eles, o sinal incontestável de que a classe operária havia iniciado a sua emancipação.

“Se as duas primeiras assembléias tinham sido concorridíssimas a última o foi muito mais. Um mar de

⁵⁴ - O Graphico, 16/05/1917.

cabeças, pois outra coisa não se pode chamar ao aspecto que apresentava a vasta sala das sessões, indicava de uma maneira bem frizante que a classe gráfica tinha acordado do letargo em que tinha jazido durante tantos anos, e que estava disposta a tomar o lugar que lhe competia no movimento operário brasileiro, reivindicando os seus direitos calcados pelo industrialismo ganancioso. O amor com que se falava da nossa querida Associação, das suas vantagens presentes e futuras, o elogio que se fazia à maneira proba como têm sido administrados os dinheiros da coletividade, deixava antever a obra grandiosa que está reservada ao nosso sindicato de resistência.”⁵⁵

Qualquer demonstração, por menor que fosse, de agitação entre os operários reavivava a esperança dos militantes de que a classe finalmente estivesse pronta para a luta decisiva contra o capitalismo. Podemos dizer que, para os militantes, a consciência de classe é como uma chama adormecida que precisa de apenas um pequeno sopro para transformar-se em uma grande labareda. Como afirma um jornal libertário, “ainda não desesperamos do triunfo de nossa causa visto como no fundo da alma humana permanecem em estado latente mas intactos os sentimentos que a elevam e engrandecem”.⁵⁶

Já expusemos a maneira como entendemos o conceito de consciência de classe, de extrema importância para a nossa análise. Mas falta-nos abordar como os operários definiam esta noção, de que modo a compreendiam. Para isto juntaremos as peças espalhadas por diversos textos, para que surja um quadro o mais fiel e completo possível. O ponto de partida da consciência de classe é, segundo um artigo do jornal Voz

⁵⁵ - O Graphico, 01/08/1917.

⁵⁶ - O Libertário, 09/10/1904.

Cosmopolita, o trabalho na oficina. Através deste os operários descobrem a melhor forma de lutarem para satisfazer suas necessidades.

“É a oficina, laboratório de todo o progresso, que também tem de fornecer a consciência de classe para a luta social. É nela, que os trabalhadores têm milhares de pequenos ‘quês’ para confirmar peremptoriamente as conseqüências funestas duma má organização social e para demonstrar praticamente como tudo pode ser feito sem necessidade de patrões, patrãozinhos e patronecos; chusma de parasitas que torna pequena a grandeza que nos rodeia. É também na oficina onde estão os companheiros que possuem a autoridade suficiente para fazer sindicarem-se aqueles que se mostram retardatários já pela incompreensão do mal que daí advém ou já pelo egoísmo de que estão imbuídos.”⁵⁷

Para os militantes os operários inconscientes não compreendem que possuem direitos a conquistar, permanecendo passivos à exploração dos capitalistas. Por outro lado, os conscientes reivindicam direitos e lutam por melhorias. A definição de consciência de classe, neste caso, relaciona-se diretamente com a ação empreendida pelos operários. À existência de

⁵⁷ - Voz Cosmopolita, 22/02/1926. O argumento principal do artigo assemelha-se bastante às idéias expressas por Marx em um trecho da Miséria da Filosofia: “A grande indústria aglomera num só lugar uma multidão de pessoas desconhecidas umas das outras. A concorrência divide seus interesses. Mas a manutenção do salário, este interesse comum que têm contra o patrão, reúne-as num mesmo pensamento de resistência - *coalizão*. Assim, a coalizão tem sempre um duplo objetivo, o de fazer cessar a concorrência entre os operários, para poderem fazer uma concorrência geral ao capitalista.” Ver Karl Marx. A Miséria da Filosofia. São Paulo, Livraria Exposição do Livro, s. d., págs. 147-48.

consciência corresponde a participação nas lutas. Lutas que acabam arrancando dos burgueses melhoramentos que são aproveitados por todos, conscientes ou não.

“Esta palavra ‘consciência’, muito usada mas de interpretação desconhecida quer dizer em linguagem proletária, conhecimento daquilo que contribui para o próprio bem estar dos indivíduos.

(...)

(...) enquanto os inconscientes se submetem à vontade e à exploração patronal, tornando-se simples máquinas produtoras nas mãos dos patrões, os conscientes convictos dos direitos a conquistar e dos interesses a defender, propagam as melhorias que necessita a classe, impõem-se aos patrões e conseguem conquistar esses direitos e defender esses interesses que são em maior parte gozados e usufruídos justamente pelos inconscientes indiferentes e incapazes.”⁵⁸

Quando os operários adquirem consciência, abre-se um caminho natural à sua frente, o da organização em associações e sindicatos. Nestes o operário terá chances maiores de obter seus direitos, pois a ação coletiva é muito mais forte e eficiente do que a individual. Além disso, poderá ampliar sua solidariedade, trabalhando, junto com seus companheiros, para o desenvolvimento da organização.

“É preciso, companheiros, que penseis mais um pouco na vossa situação, e, sujeitos como estais, nas vossas

⁵⁸ - O Panificador, 20/05/1923.

condições de trabalhadores, a todas as explorações e vilanias que os vossos exploradores quiserem; é preciso, dizemos, que vos solidifiqueis numa união consciente; que cada classe tenha o seu centro de resistência congregando nele todos os elementos, e, uma vez fortes e bem orientados sobre o caminho a seguir para a conquista do bem-estar que é devido a todos aqueles que trabalham sem cessar, empreendais então a vossa luta no sentido de obterdes mais um pouco de pão, descanso e instrução de que tanto careceis.”⁵⁹

Os militantes assumem para si o trabalho de orientarem a classe no caminho para a emancipação. A idéia da existência de uma “vanguarda”, que sabe exatamente os rumos que a História irá tomar, é particularmente forte nos textos comunistas. A “vanguarda” tem conhecimento do que é necessário para se construir uma classe operária consciente, unida e poderosa, sendo, portanto, a mais indicada para liderar os operários. Sem sua ajuda, o operariado permaneceria para sempre um agregado de pessoas sem objetivos e interesses comuns.

“O que é indispensável é que todos os militantes se esforcem não só para mantê-las [as associações], como, sobretudo, para ‘desenvolve-las’. É comum em muitos companheiros, que, pelas suas atitudes e atuação nos sindicatos se tornam implicitamente os responsáveis pela existência dos mesmos, a objeção de que os trabalhadores ‘não querem organizar-se’. Este é um critério errôneo e constitui, até certo ponto, uma desculpa à incapacidade desses militantes, e ao descaso com que é tratado o nosso problema sindical. Estamos por afirmar que a culpa da nossa desorganização cabe mais aos militantes do que à massa. Esta é um agregado heterogêneo sem uma consciência de classe suficientemente definida que torne

⁵⁹ - Correio da Manhã, 29/04/1910. O texto é um manifesto da Associação da Construção Civil.

possível a realização das suas aspirações. Compete, pois, aos mais capazes, isto é, aos militantes operários, mostrar à massa, desprovida de espírito associativo, o caminho por onde deve ela trilhar para a satisfação das suas necessidades.

Não é, portanto, a massa que ‘não quer’ associar-se, mas os seus dirigentes que ‘não sabem’ dirigi-la.”⁶⁰

Entretanto, para muitos militantes a classe operária do Rio de Janeiro apresentava sinais claros de que já estava consciente e unida. As demonstrações da existência de solidariedade e interesse por parte dos operários ocorriam em várias ocasiões, e não apenas em momentos especiais, como no 1º de Maio. Por vezes os militantes até se surpreendiam com a participação dos operários nas atividades das organizações, como, por exemplo, no comício de propaganda realizado no Centro Cosmopolita em comemoração ao 5º aniversário do movimento grevista de 1912:

“Apesar do mau tempo e do dia (era um domingo, dia em que, por um hábito cristão, a nossa classe é decididamente refratária às reuniões associativas...) a concorrência não foi totalmente desanimadora.

Além disso, é bom notar-se, não estava anunciado nenhum ‘imponente baile’ para o fim do comício, e - circunstância digna de registro - não havia ‘bouffet’!...”⁶¹

Em outro artigo do mesmo jornal, publicado pouco mais de um

⁶⁰ - O Alfaiate, 07/01/1926.

⁶¹ - O Cosmopolita, 15/01/1917.

ano depois, o tom é muito mais otimista e entusiasmado. Ao ler suas palavras, tem-se a impressão de que a emancipação do proletariado é uma questão de tempo, já que todas as condições apresentavam-se propícias para isso. A cidade do Rio de Janeiro assistia ao grande despertar de seu proletariado.

“O proletariado carioca desvencilha-se da apatia aviltante e dos moldes aburguesados. Sacode-o o propício sopro de energia rebelde. Aclara-se-lhe a consciência de classe e enrijam-se lhe os músculos produtores. Há uma incoercível vibração vital, prenunciadora de soberbas jornadas emancipadoras...

A verdadeira organização proletariana, norteadas por um programa nítido e seguro de ação, é hoje uma formosa promessa e será amanhã uma realidade empolgante.

Com efeito, todos os ramos de trabalho se agitam e se agremiam, se reforçam e se exercitam, trocando entendimentos mútuos e pactos de solidariedade, estendendo a rede de organização até as federações de ofícios ou uniões gerais.

É um belo surto, prenhe de alentadoras esperanças, calorosamente impulsionado por um amplo ideal de generosidade.”⁶²

A constatação de que setores da classe operária do Rio de Janeiro já apresentavam uma consciência de classe formada não se restringiu ao meio operário. Esta impressão é expressada até por elementos conservadores, como Orestes Barboza, membro da Academia Brasileira de Imprensa:

⁶² - O Cosmopolita, 23/04/1918.

“Enquanto o governo, servindo aos interesses capitalistas, causadores da luta que ensanguenta o mundo, encontrava nas ruas desta capital a solidariedade burguesa, o operariado livre e consciente procurava fazer ouvir o seu protesto, com palavras e gestos bem significativos.

(...)

Justo é que nesta coluna fique bem nítida a impressão que nos deixou o operariado organizado - a vítima inocente de todo esse desenrolar de acontecimentos dolorosos para os quais ele não concorreu.

É natural que fique aqui bem patente a nossa admiração por vermos que neste pedaço do mundo os homens que alimentam com o seu sangue a fantasmagoria dos graúdos se erguerem sombanceiros contra a barbárie que é a guerra entre os povos.”⁶³

O 1º de Maio foi interpretado de formas diversas, sendo algumas até antagônicas. Para o operariado a data era somente sua, um momento de lembrança das batalhas vencidas ou, principalmente, perdidas e de reivindicação, através de protestos e da paralisação do trabalho, dos seus direitos. Já os grupos mais conservadores procuraram atribuir ao “dia do trabalho” um significado de confraternização de todas as classes sociais, de harmonização coletiva em torno da celebração do trabalho. Para estes grupos o 1º de Maio não era uma data exclusiva do operariado, mas sim de toda a sociedade.

⁶³ - O Cosmopolita, 01/05/1917.

Profundamente interligada a cada interpretação, ou a um conjunto destas, encontra-se a defesa de uma forma determinada de comemoração. A maioria dos militantes operários considerava que o dia não deveria ser dedicado a festas, mas sim a manifestações de protesto contra a injustiça e a desigualdade prevalecentes na sociedade capitalista. Culpavam a burguesia e o Estado, agentes, segundo eles, da propaganda da “festa do trabalho”, pela ocorrência de festejos durante o Primeiro de Maio. Contudo, a nosso ver, muitas vezes os operários comemoravam de forma espontânea o seu dia, assumindo assim um caráter mais festivo e alegre do que o desejado pelos militantes. Isto não quer dizer que os operários concordavam com a interpretação da “festa do trabalho”. Por outro lado, esta interpretação representava uma tentativa de esvaziamento e apropriação da data, devendo, portanto, ser combatida pelos militantes.

Muitos operários participavam das manifestações do 1º de Maio não como membros de uma categoria determinada, mas sim como pertencentes a um conjunto bem maior, o dos trabalhadores. Isto auxiliou a construção de uma identidade entre eles, ou seja, do sentimento de pertencerem a um mesmo grupo, a uma mesma classe. Logo o 1º de Maio tornou-se um dos momentos mais importantes de expressão da consciência de classe presente em vários setores do operariado carioca. Isto foi percebido por militantes operários de várias tendências e por indivíduos pertencentes a outras classes sociais que descrevem, em seus textos, a existência de uma classe operária unida e consciente, que luta pelos seus interesses comuns, como melhorias em suas condições de vida. Uma luta que sofria, muitas vezes, derrotas e retraimentos, mas que era simbolizada em toda a sua força durante o Primeiro de Maio.

Conclusão

Escrever uma conclusão não é uma tarefa muito fácil, pois sempre corremos o risco de nos tornarmos repetitivos para o leitor. Ainda mais que acreditamos que as principais conclusões a que poderíamos chegar, sobre a questão pesquisada, encontram-se no corpo do trabalho. Contudo, cabe aqui fazermos uma retomada destas conclusões.

A classe operária do Rio de Janeiro organizou-se, no decorrer da República Velha, em torno de instituições defensoras de seus interesses, como as sociedades de auxílios mútuos e as associações de resistência. Estas organizações ofereciam serviços de beneficência, tais como bolsas de trabalho e seguro contra acidentes de trabalho, além de promoverem várias atividades culturais. Nestas procurava-se sempre combinar o lazer com a propaganda dos ideais. Contudo, apesar dos esforços dos dirigentes sindicais e dos militantes operários, a maior parte da classe mantinha-se desorganizada. Mesmo os operários associados a algum sindicato não participavam constantemente de suas atividades, limitando-se, em inúmeros casos, a pagar a anuidade.

O operariado demonstrava um interesse maior nos momentos de grande mobilização. Um destes momentos eram as comemorações anuais do

Primeiro de Maio, a principal festa trabalhadora na época. Em vários anos chegou na casa dos milhares o número de pessoas que participaram das passeatas, dos comícios e das sessões solenes. O “dia do trabalho” foi interpretado de formas diversas por diferentes grupos sociais. Para o operariado ele significava principalmente uma ocasião de reflexão sobre as derrotas e vitórias, e de luta pelos seus direitos. Já para os grupos conservadores ele representava uma grande festa do trabalho que harmonizava todas as classes sociais.

Devido a sua grande importância, o 1º de Maio foi objeto de uma tentativa de apropriação por parte do Estado, durante o governo do Marechal Hermes. Ao mesmo tempo, ele foi sendo progressivamente transformado em feriado nacional. Apesar destes fatos, o 1º de Maio continuou a ser, até o final do período, uma festa dos trabalhadores, em que estes sentiam-se como pertencentes a um mesmo grupo. Isto favoreceu o surgimento de uma identidade entre os operários e a formação de uma consciência de classe entre diversos setores da classe. Podemos dizer que o 1º de Maio era um dos momentos de expressão desta consciência.

Para finalizar esta Conclusão, vamos explicar o título da Dissertação.

Os acontecimentos trágicos que tiveram lugar em 1886, na cidade de Chicago, legaram ao Primeiro de Maio uma aura quase mítica. Durante décadas, em todo o mundo, sua história foi lembrada, e recontada, por gerações de operários. Os militantes que, ao fim de um processo repleto de irregularidades, receberam como sentença final a condenação à morte eram considerados heróis da causa proletária. Eles foram “mártires” que, à semelhança de Jesus Cristo, deram a sua vida e o seu sangue em sacrifício para que a humanidade fosse salva. Para honrar, e

até vingar, a morte dos seus companheiros, os operários deveriam continuar a luta contra a burguesia, preparando o caminho que conduziria, inevitavelmente, até a vitória final.

O dia desta vitória marcaria o nascimento de uma nova sociedade, muito mais justa e igualitária do que a atual. Muitos operários acreditavam que este dia chegaria em um Primeiro de Maio. Assim, além de representar um momento de reflexão e de protestos, o “dia do trabalho” transformou-se também em um grande símbolo das esperanças do operariado. Não eram poucos os operários que, a cada ano, aguardavam ansiosamente a sua “redenção” dos males sofridos.

Acreditamos, portanto, que “a redenção dos operários” resume, em grande parte, a importância atribuída ao 1º de Maio por parte dos trabalhadores. Qualquer análise que pretenda, como o nosso, compreender a formação da classe operária no período da República Velha, deve levar em consideração a história desta data no Brasil e o papel que exerceu nesta formação.

Como muitos trabalhos, este também deixa para trás algumas questões que não foram tratadas de forma mais direta, como as semelhanças entre as procissões religiosas e os préstitos de 1º de Maio. Além disso, seria interessante analisar o sentido tomado por esta data no período subsequente ao pesquisado por nós, ou seja, durante a Era Vargas. Estes são espaços que representam possibilidades de ampliação deste trabalho, que, acreditamos, atingiu os objetivos propostos.

Fontes e Bibliografia

1 - Fontes

a) Arquivo Edgard Leuenroth - Universidade Estadual de Campinas

– Jornais operários:

- O Amigo do Povo (São Paulo), 1902
- Avanti (São Paulo), 1901
- O Cosmopolita, 1916-1918
- Echo Operario (Rio Grande do Sul), 1897-1899
- A Federação, 1905
- O Golpe, 1900
- Primeiro de Maio, 1898

b) Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

– Fontes manuscritas - código 43-3-78

c) Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

– Documentos da Delegacia Especial de Segurança Política e Social - Caixa 01.

d) Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

– Congresso Nacional. Anais da Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902, volumes 3 e 4.

e) Biblioteca Nacional

– Setor de Obras Gerais

- [PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL]. Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro. História e Estatística. Rio de Janeiro, Typ. do Annuario do Brasil, 1922.

– Setor de Periódicos

- O Archote, 1908
- O Artista, 1905
- Avante, 1904
- O Baluarte, 1910
- Brazil Operario, 1903-1904
- O Caixeiro, 1899
- Clarté, 1921-1922
- O Combate, 1892; 1921-1922
- O Compondor, 1909
- Correio da Manhã, 1902-1930
- O Debate, 1917
- O Despertar, 1898-1899
- Diário Carioca, 1928-1930
- O Echo do Mar, 1909
- Echo Popular, 1890
- A Época, 1913-1919
- A Família, 1890
- O Fígaro, 1909
- Gazeta Operária, 1902-1903; 1906
- O Graphico, 1916-1919
- A Guerra Social, 1911

- O Internacional, 1911
- Jornal do Brazil, 1928
- Liberdade, 1909
- O Libertario, 1904
- A Manhã, 1927
- O Mensageiro, 1899
- A Nação, 1903-1904
- O Operario, 1908-1909
- O Paiz, 1890-1930
- O Panificador, 1900
- O Protesto, 1899
- A Razão, 1916-1921
- A Tribuna do Povo, 1909
- União Caixeiral, 1903
- A União Operária, 1904
- A Voz do Povo, 1890; 1920
- A Voz do Trabalhador, 1908-1909

f) Centro de Memória Social Brasileira - Conjunto Universitário Cândido Mendes

- Jornais operários:
 - O Alfaiate, 1923-1928
 - O Barbeiro, 1926
 - Boletim da Federação Operária do Estado do Rio de Janeiro, 1921
 - A Classe Operária, 1928-1930
 - O Cosmopolita, 1916-1918
 - Cronica Subversiva, 1918

- O Jerminal, 1919
- A Liberdade, 1917-1919
- Na Barricada, 1915
- A Nação, 1927
- O Panificador, 1922
- Spartacus, 1919-1920
- A Vanguarda, 1911
- A Vida, 1914-1915
- Voz Cosmopolita, 1922-1928
- Voz do Graphico, 1926-1930
- A Voz do Trabalhador, 1913-1915

2 - Bibliografia

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. "O futebol nas fábricas".
Revista USP: Dossiê Futebol. São Paulo, EDUSP, número 22,
junho/julho/agosto 1994.

AVRICH, Paul. The Haymarket tragedy. Princeton, Princeton University
Press, 1986.

BATALHA, Claudio H. de Moraes. "La fête internationale du 1^{er} Mai au
Brésil (1891-1930): symboles et rituels". Madeleine Reberioux (org.).
Fourmiers et les Premiers Mai. Paris, Ed. de l'Atelier, 1994.

_____. Le syndicalisme "amarelo" à Rio de Janeiro (1906-1930), Tese
de Doutorado em História, Université de Paris I, 1986.

_____. "‘Nós, filhos da Revolução Francesa’, a imagem da Revolução
no movimento operário brasileiro no início do século XX." Revista

Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 10, n. 20, mar-ago 1990.

_____. “Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República.” Ciências Sociais Hoje, 1990. São Paulo, Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

CARDOSO, Alcina de Lara e ARAÚJO, Silvia Pereira de. 1º de Maio: Cem anos de solidariedade e luta. Curitiba, Beija Flor, 1986.

CARONE, Edgard. Movimento operário no Brasil (1877-1944). São Paulo, DIFEL, 1979.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo, Brasiliense, 1986.

COARACY, Vivaldo. Memórias da Cidade do Rio de Janeiro. Belo Horizonte:Ed Itatiaia; São Paulo:EDUSP, 1988.

CUNHA, Manoela Carneiro da. Antropologia do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1987.

DEL ROIO, José Luiz. 1º de Maio. São Paulo, Global, 1986.

DOMMANGET, Maurice. Historia del Primero de Mayo. Buenos Aires, Editorial Américalee, 1956.

FAUSTO, Boris. Trabalho urbano e conflito social. São Paulo, DIFEL, 1986.

FENELON, Déa Ribeiro. “O congresso Operário de 1912.” Anais do IV Encontro Regional de História de São Paulo. São Paulo, ANPUH/UNESP, 1980.

FERREIRA, Maria Nazareth. A imprensa operária no Brasil - 1880-1920. Petrópolis, Vozes, 1978.

FONSECA, Carlos da. O 1º de Maio em Portugal. 1890-1990. Lisboa,

- Antígona, 1990.
- GOMES, Angela de Castro A invenção do trabalhismo. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.
- _____. (coord.). Velhos Militantes: depoimentos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- HALL, Michael M. e PINHEIRO, Paulo Sérgio. A classe operária no Brasil. São Paulo, Alfa-Ômega, 1979.
- HARDMAN, Francisco Foot. Nem pátria, nem patrão! Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (org.). A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- HOBSBAWM, Eric. Mundos do trabalho. Novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- KOCHER, Bernardo. Luto-luta - O Primeiro de Maio no Rio de Janeiro: 1890-1940. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Fluminense, 1987.
- KOVAL, Boris. História do proletariado brasileiro, 1857 a 1967. São Paulo, Alfa-Ômega, 1982.
- LENHARO, Alcir. A sacralização da política. Campinas, Papirus, 1986.
- LIMA, Mariangela Alves de e VARGAS, Maria Thereza. "Teatro operário em São Paulo". PRADO, Antonio Arnoni (org.). Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- MARX, Karl. A Miséria da Filosofia. São Paulo, Livraria Exposição do Livro, s. d.
- MÉDICI, Ademir e PINHEIRO, Suely. 1º de Maio e os principais momentos da luta sindical em São Bernardo: 1902-1990. São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes/Prefeitura do

- Município de São Bernardo do Campo, 1990.
- MORAES FILHO, Mello. Festas e tradições populares do Brasil. Belo Horizonte:Ed Itatiaia; São Paulo:EDUSP,1979.
- PERRIER, Hubert. "Chicago, 1885-1887: du mouvement pour la journée de huit heures à la tragédie du Haymarket". Madeleine Reberieux (org.). Fourmiers et les Premiers Mai. Paris, Ed. de l'Atelier, 1994.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da história. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO/SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. 1890-1990. Cem vezes Primeiro de Maio. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, 1990.
- PRZEWORSKI, Adam. "A organização do proletariado em classe: o processo de formação de classes". Capitalismo e social democracia. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- RODRIGUES, Edgar. Alvorada operária. Rio de Janeiro, Ed. Mundo Livre, 1979.
- SILVA,Sérgio. Expansão cafeeira e industrialização no Brasil. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976.
- THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, 3 vols.
- _____. "Lucha de clases sin clases?". In: Tradición, revuelta y consciencia de clase. Barcelona, Editorial Crítica, 1989.
- TURAZZI, Maria Ines. A euforia do progresso e a imposição da ordem: a engenharia, a indústria e a organização do trabalho na virada do século XIX ao XX. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ; São Paulo: Marco Zero, 1989.